

WWW.REVISTABANG.COM

BANG!

A SUA REVISTA DE FANTASIA, FC E HORROR

BANG! Nº 25 / OUTUBRO DE 2018

REVISTA GRÁTIS

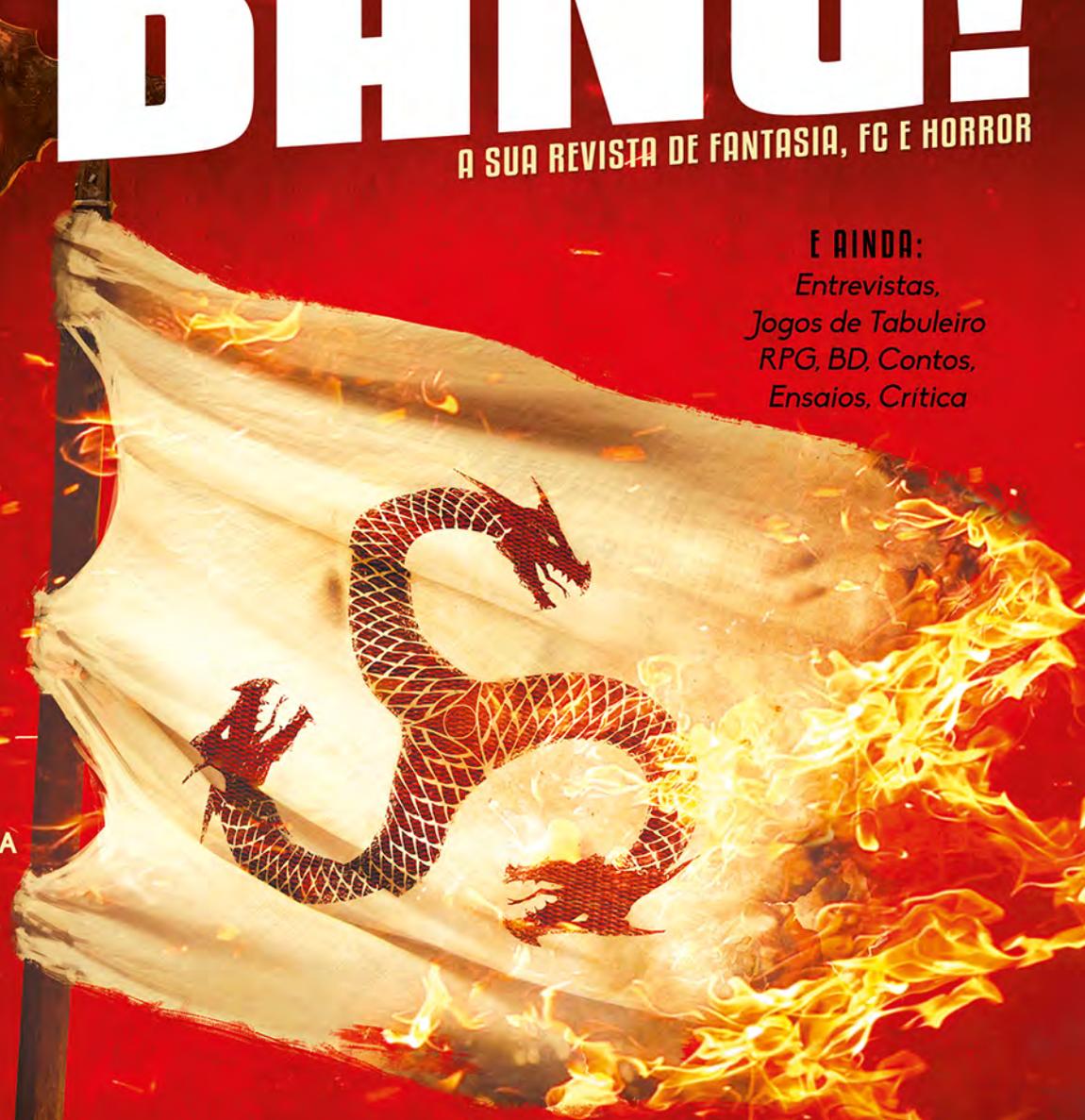
PUBLICAÇÃO BIANUAL DA SAÍDA DE EMERGÊNCIA



JOÃO MONTEIRO
CONTA-NOS A HISTÓRIA
DE ALGO QUE NÃO
SABÍAMOS EXISTIR:

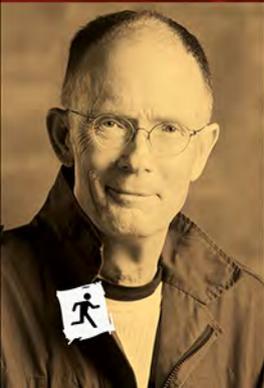
**O CINEMA
PORTUGUÊS
DE FC**

E AINDA:
Entrevistas,
Jogos de Tabuleiro
RPG, BD, Contos,
Ensaaios, Crítica



SANGUE & FOGO

NOVO LIVRO DE GEORGE R. R. MARTIN



**WILLIAM
GIBSON.**
*O HOMEM
QUE INVENTOU
O CIBERPUNK
ESTREIA-SE
NA COLEÇÃO
BANG!*

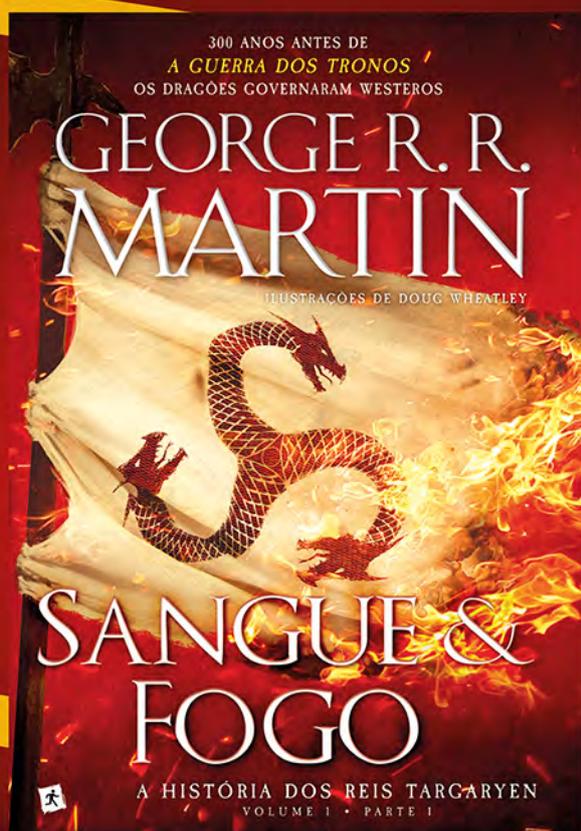


**JAIME
NOGUEIRA
PINTO**
*EXPLICA-NOS
O PODER DA
PROSA E DA
IMAGINAÇÃO
DE ISAAC
ASIMOV*



**PARA
INTERPRETAR
GERALT
DE RIVIA,
DA SAGA
THE WITCHER,
ERA PRECISO
UM HOMEM
DE AÇO**

FNAC SUGERE



1ª PARTE DO VOLUME 1
**HISTÓRIA DOS
REIS TARGARYEN**
LANÇAMENTO A 23 DE NOVEMBRO

2ª PARTE DO VOLUME 1
DISPONÍVEL EM FEVEREIRO

Encomenda já na FNAC ou em FNAC.pt até dia 22 de novembro e recebe de oferta o livro Histórias de Vigaristas e Canalhas, de George R. R. Martin.*

* Oferta de pré-venda limitada ao stock existente.

20fnac
ANOS



Número

25.

Ser editor de um grande grupo editorial é completamente diferente de ser editor de uma pequena editora. Quando a SDE começou a publicar, em 2003, para além de editor eu fazia todas as capas e paginações, posters e convites, reunia com a distribuidora para apresentar o catálogo, contratava tradutores e revisores, adjudicava orçamentos a gráficas, fazia a manutenção da página *online*, contactava jornalistas, organizava as feiras em que participávamos, controlava contas, pagava faturas e ainda tinha de resolver tudo o mais que me aterrorizasse na mesa. E é assim com todas as pequenas editoras, onde a mesma pessoa, normalmente o sócio-gerente, centraliza em si todos os departamentos: editorial, comercial, produção, comunicação, design, contabilidade. E sobra tempo para ler? Claro que sim, desde que se publique apenas 1 ou 2 livros por mês, idealmente traduções. Já nos grandes grupos, o editor apenas propõe os títulos para o catálogo, mas a escolha final pode nem ser sua. Opina sobre o design das capas, mas não é ele quem aprova. E pelas suas mãos não passa nada, ou quase nada, que tenha a ver com tradutores, revisores, gráficas, jornalistas ou vendas.

A Era do Editor

Mas, afinal, o que faz um editor? Há quinze anos, quando entrei no mercado, o editor era a alma de uma editora. O nosso mercado tinha alguns editores veteranos cujos gostos definiam a identidade das suas marcas. Havia os editores mais literários e os mais comerciais. Os que privilegiavam os autores nacionais e os que procuravam os grandes nomes estrangeiros. Os que tinham afinidades

Lês tudo o que publicas? Esta é a primeira pergunta que me fazem quando digo que sou editor literário. A resposta é que não leio tudo, mas já lá vamos.

com ideologias políticas ou religiosas e os que não queriam saber de nada disso na hora de gerir o catálogo. Havia muita paixão pelos livros, muita autenticidade, e não existiam duas editoras iguais. Mas havia um lado negro que foi minando a sustentabilidade do negócio: muito amadorismo a gerir as contas, uma imensa dificuldade em distinguir o que o editor queria publicar do que o mercado queria comprar. E há cerca de dez anos, a Era do Editor acabou. De alma, coração e cérebro de uma editora passou a mero funcionário, normalmente remetido para a sombra do diretor de marketing. Começou a Era dos Grupos, ou, mais especificamente, a Era do *Scout*. (Mas afinal o que é um *scout*, perguntam vocês? Calma, primeiro vamos dissecar as funções do editor.)

Já sabemos que o editor escolhe os livros para o catálogo. E trabalha com dois tipos de autores, os nacionais e os estrangeiros. Os nacionais são mais trabalhosos, pois o tema da obra é discutido entre o autor e o editor, que deve acompanhar o processo de escrita, ler várias vezes o manuscrito, e como o autor tem o *e-mail* e o telemóvel do editor, a exigência de disponibilidade é muitíssimo maior. (Pessoalmente, nada me dá mais prazer do que ter um *bestseller* de um autor nacional. É quando sentimos que o nosso trabalho ajudou a criar algo único e que não existe em mais lado nenhum.)

Os autores estrangeiros dão bastante menos trabalho. Já estão publicados, alguém já fez o moroso trabalho editorial, a fórmula está testada e só temos mesmo de comprar e publicar. O problema é escolher entre tanta oferta. Essas ofertas chegam através das dezenas de agentes literários que enviam *e-mails* diários repletos de entusiasmo: “este é o próximo George R. R. Martin”; “esta é a próxima Nora Roberts”; “este escreveu a próxima *Arte Subtil de Saber Dizer que se F*da*”. Como não conseguimos ler todos os manuscritos que recebemos, o mercado inventou uma figura muito útil chamada *scout* literário.

A Era do Scout

O *scout* literário é o melhor amigo do editor moderno. São *freelancers* ou empresas que leem tudo o que as grandes editoras (fundamentalmente americanas e inglesas) acabaram de comprar. Já sabemos que é daí que vêm os próximos *bestsellers*, como tal, os *scouts* ajudam o editor a estar informado e a comprar “aquele livro” que todos os editores do resto do mundo estão a comprar. E é assim que nascem os *bestsellers* internacionais. Há imensa especulação, como seria de esperar, com livros a serem comprados por dezenas de editoras mas que pouco vendem quando chegam ao mercado; pior: há ofertas astronómicas por obras que se revelam autênticos flops; e a consequência mais nefasta é um mercado onde todos andam atrás das mesmas tendências, publicam os mesmos livros e embrulham-nos com as mesmas capas. Se na Era do Editor não havia duas editoras iguais, atualmente dá-se o oposto, e só as pequenas editoras conseguem manter alguma identidade. Pequenas editoras e pelo menos uma do top 10, a vossa Saída de Emergência, claro. Apesar de ser importante para nós chegar aos tops, e também temos o nosso *scout*, a paixão pelo fantástico torna-nos únicos. Quando a concorrência abandona o fantástico pois parou de vender, nós continuamos aqui, com uma coleção única no mercado, com esta revista fabulosa que têm nas mãos,

e agora com a 2.^a edição do Festival Bang!, onde trazemos grandes nomes internacionais.

E termino como comecei: não, não consigo ler tudo o que a SDE publica. Leio todos os autores nacionais (por vezes várias versões do manuscrito), leio a maior parte do catálogo da Desassossego (a nossa chancela de não-ficção) e da Coleção Bang!, mas não dá para ler todos os dez livros que publicamos por mês. Porque também há as leituras invisíveis, ou seja, os livros que leio e que acabamos por não publicar, seja porque não gostei, porque não têm potencial comercial ou porque outra editora se adiantou ou ofereceu mais num leilão. Leilão, perguntam vocês? Pois é, aí está um bom tema para o próximo editorial. **BANG!**



Luís Corte Real

Fundou a Saída de Emergência em 2003. As prateleiras de sua casa estão ocupadas por milhares de livros de todos os tipos, muita banda desenhada, manuais de *Dungeons & Dragons* e *Call of Cthulhu*, jogos de tabuleiro, *action figures*, centenas de figurinhas de metal e mais caixas de Lego do que aquelas que consegue montar. Em casa também tem quatro aprendizes de *nerd*.

NESTE NÚMERO

E eis que a Bang! chega ao número 25. Como assinalar este número tão significativo? Da única maneira que sabemos, dando voz aos colaboradores fantásticos que vocês já conhecem e aos novos nomes, cheios de ideias para partilhar, que se estreiam nestas páginas. Em comum entre todos, a paixão pelo fantástico e pela cultura pop.

Na ficção entramos a pés juntos com contos imperdíveis: *Movimento*, de Nancy Fulda, finalista dos prémios Hugo, Nebula e BSFA; *Mono no aware*, de Ken Liu, vencedor do Hugo; e *A Invenção de H. P. Lovecraft*, de Shay Azoulay, uma homenagem deliciosa à imaginação de Borges e ao senhor de Providence.

António Monteiro pergunta-nos quem tem medo do lobo mau e dá-nos uma aula sobre licantrópia. João Barreiros fala-nos da última obra de um génio chamado William Gibson (que será a primeira que iremos publicar do autor). Jaime Nogueira Pinto regressa para falar de outro gigante da FC, Isaac Asimov, e de *Fundação* (na coleção Bang! já em 2019). Jorge Palinhos homenageia Ursula LeGuin,

uma grande senhora cuja voz será insubstituível, ainda mais agora que a América vive a distopia de Trump. João Monteiro vai surpreender todos contando-nos a história de algo que pensávamos não existir: o cinema de fc português (pois é, afinal existe). Inês Botelho, sob o signo de *A Bela e o Monstro*, visita grandes filmes: de *The Shape of Water*, com que Guillermo del Toro arrasou nos Óscares, a *Aniquilação*, de Alex Garland, cuja venda da Paramount à Netflix causou tanto ruído que quase fez esquecer a qualidade do filme.

João Lameiras, o nosso guru da BD, dissecou *Monstress*, de Marjorie Liu e Sana Takeda, autoras que trouxemos à última Comic Con, e cuja obra este ano arrebatou uma mão cheia de prémios Eisner. Fernando Ribeiro, vocalista dos Moonspell, coloca a música momentaneamente de lado para falar de literatura e da importância da imagem na promoção da mesma. Por falar em imagem, os *cartoons* de Estevão Ribeiro e a BD de Miguel Montenegro estão de volta.

João Morales conta-nos a história do Fórum Fantástico, o momento

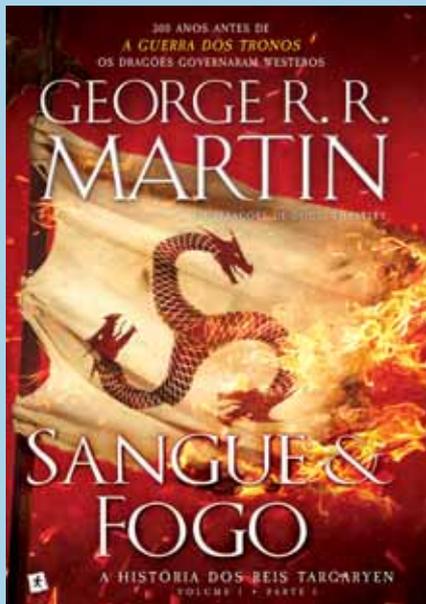
alto da cultura pop antes de haver uma Comic Con. Bruno Martins Soares continua o seu breve curso de escrita de FC e fantasia. Talvez inspirado pelo curso, o vencedor do Miniconto Fantástico FNAC tem o seu “momento de glória” nestas páginas. A FNAC volta a recomendar um grande jogo de tabuleiro (que tenho em casa e recomendo, apesar de perder sempre com as minhas filhas) e Pedro Lisboa, o nosso especialista em RPG, recorda-nos os livros-jogos (que também joguei muito na adolescência). Como sempre, a Bang! pisca um olho à ciência com o artigo de Joana Neto-Lima, desta feita sobre a Estação Espacial Internacional, e pisca o outro olho à beleza das fotos e produções fantásticas de Mara d'Elean. Depois fecha ambos os olhos ao humor do Jovem Conservador de Direita (que não se safa se os Lannisters o apanham). Porque a Saída de Emergência sempre teve uma forte ligação ao Brasil, convidámos uma velha amiga, a Ana Cristina Rodrigues, para nos dizer como estão as coisas do outro lado do mar. Segundo ela: distopia Orwelliana. **BANG!**

COLEÇÃO BANG! EM IMAGENS

SANGUE E FOGO

George R. R. Martin

O sucesso de *A Guerra dos Tronos* foi tal que a HBO pretende produzir entre 1 e 5 *spinoffs*. Costumo ser um otimista, mas só há um Tyrion, uma Cersei, um Jon Snow, e dificilmente o mundo de Westeros dará outra série monumental como a primeira. Mas há quem desconfie que o próximo livro de George R. R. Martin, *Sangue & Fogo*, que vamos publicar já em novembro, será a base de um desses *spinoffs*. Conta a história arrepiante dos primeiros Targaryen e não faltarão dragões.



THE WITCHER

Andrzej Sapkowski

O argumento para o episódio piloto está escrito desde janeiro e parece que a primeira temporada terá 8 episódios. O ator principal está escolhido: o kryptoniano Henry Cavill. Produzida por Lauren Schmidt Hissrich, que escreveu e produziu para séries como *Daredevil* e... (bem, basta esta, é fabulosa que chegue), será transmitida pela Netflix provavelmente no final de 2019 ou início de 2020. Depois de termos trazido Andrzej Sapkowski à Comic Con de 2017, esta é a melhor notícia para os muitos fãs portugueses do autor.

FUNDAÇÃO

Isaac Asimov

A publicação na coleção Bang! está prevista para o início de 2019 e a chegada aos nossos ecrãs não deverá estar longe. Produzida por David S. Goyer (*Batman, O Início*) é uma das apostas da Apple, que procura conteúdos originais para fazer frente à Netflix, Amazon e Disney. É tão bom quando os grandes estúdios competem procurando produzir as melhores séries de TV. Nós agradecemos. Correndo bem, material não irá faltar. E o monumental Isaac Asimov bem que merecia.



THE PERIPHERAL

William Gibson

Falávamos no combate titânico entre os vários estúdios, e a Amazon quer mostrar o que vale adaptando o último livro de William Gibson. Com produção de Jonathan Nolan e Lisa Joy (criadores de *Westworld*), *The Peripheral* segue a história épica e violenta de Flynn num futuro próximo e as consequências da sua ligação a uma realidade alternativa.

DUNA

Frank Herbert

Legendary (que produziu *O Cavaleiro das Trevas* e *Interstellar*) adquiriu os direitos de *Duna* de Frank Herbert

há dois anos e convidou o realizador Dennis Villeneuve (*Blade Runner 2049*) para liderar o projeto. *Duna* é um dos livros definitivos da ficção científica (uma espécie de *O Senhor dos Anéis* da FC) e mal posso esperar para ver o que a visão ambiciosa de Villeneuve nos vai oferecer (e será que, tal como George Lucas quando produziu *Star Wars*, também vai aproveitar alguma coisa de Jodorowsky, outro visionário que tentou adaptar *Duna* em 1975?) Em princípio serão necessários dois filmes para cobrir a história do primeiro volume, o que não é de espantar dada a complexidade da trama e a diversidade de personagens. **BANG!**

Os livros são a minha vida em mais do que um sentido. Custa-me imaginar uma existência onde eles não tenham um lugar de primazia. Respeito quem não lê por opção, desde que não use a famigerada desculpa da “falta de tempo”. Não existe maior treta do que essa. Como tal, até vai passar a ter direito a rubrica regular:

Dicas para ter tempo para ler

1. Esta é uma dica que se vai tornar um queixume longo. Há alguns anos assinava a Sport TV. Hoje não posso ouvir falar de bola. Ainda percebo que um inglês ou um espanhol vibre com o seu campeonato. Mas o nosso é uma liga de quarta divisão. Temos presidentes grotescos envolvidos em escândalos; os jogadores que ficam são os que não conseguem fugir para o estrangeiro; as claques envergonham-nos sempre que podem; os jornais desportivos fazem a Fox News parecer a BBC; os programas de TV sobre futebol só falam de arbitragem e convidam trogloditas para grunhirem coisas. Porquê gastar um segundo do nosso tempo com este pântano enquanto temos uma das taxas de leitura mais baixas da Europa? Proponho que todos protestem trocando o mau futebol por um bom livro.

2. Uma das melhores alturas para ler é quando nos deitamos. *Só um capítulo*, dizemos nós. E quando este termina, *só mais uma página*. E depois, *agora é que é só mais uma*. E assim se lê meio livro numa noite. Mas para isso não pode haver televisão no quarto.

3. Que tal aproveitar a esplanada para ler? Seja em frente à praia ou num jardim, é um verdadeiro 3 em 1: descansa-se, aprecia-se a paisagem e lê-se. O segredo é sair de casa com um livro debaixo do braço e deixar o telemóvel a carregar na cozinha. E o jornal desportivo e a revista cor-de-rosa têm de permanecer intocados no quiosque.

PEQUENOS PRAZERES

Três séries que vi nos últimos meses e um livro que li há alguns anos, mas que queria muito recomendar na Bang! Até porque, como quase todas as coisas boas, passou despercebido.

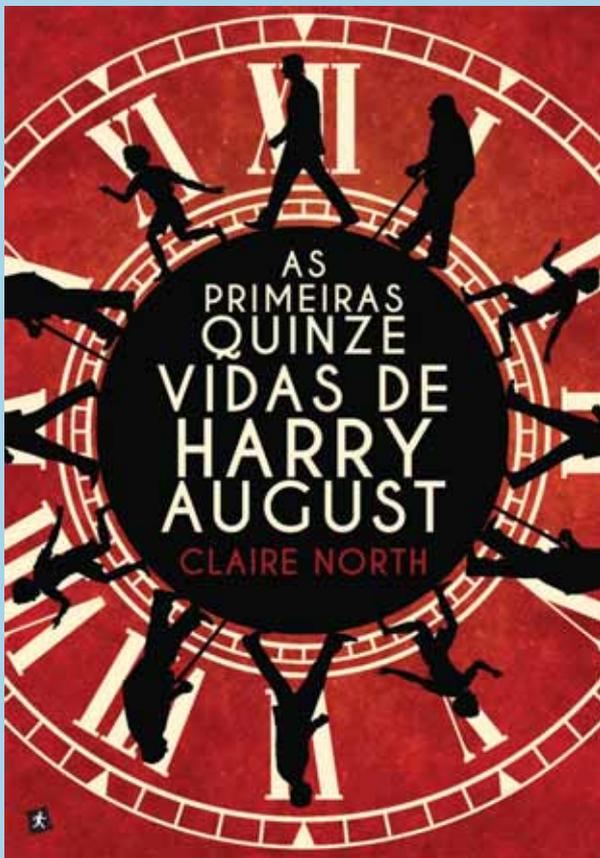
AS PRIMEIRAS QUINZE

VIDAS DE HARRY AUGUST

Como explicar o prazer que sentimos ao ler um determinado livro? É fácil recorrer aos adjetivos e hipérbolos mais costumeiros, mas *As primeiras quinze vidas de Harry August* merecem muito mais do que isso. Começo por dizer que este livro tem, forçosamente, de ser transformado numa minissérie de TV – quando trouxemos a autora à Comic Con de 2017, ela assegurou-me que as engrenagens estavam a girar nesse sentido (não deixei de cruzar os dedos desde então). Mas o que acontece exatamente neste livro? Harry August nasce em 1919, vive uma vida banal e morre setenta anos depois. Depois volta a nascer em 1919 e, lentamente, começa a lembrar-se de tudo o que lhe aconteceu na vida anterior. Cedo descobre que tem o dom de renascer uma e outra vez, sempre nas mesmas circunstâncias. Para tentar perceber a sua condição, em vidas posteriores Harry estuda toda a ciência e espiritualidade do século xx, tornando-se progressivamente num génio que não só domina variadíssimas disciplinas como sabe tudo o que vai acontecer até ao dia da sua morte. Mas o que fazer quando descobre que há outros com o seu dom? Pior: que um deles se prepara para destruir o mundo... e apenas ele o pode salvar? Vencedor do John W. Campbell Memorial e nomeado para o Arthur C. Clarke, estamos perante uma obra profunda, emotiva e intelectualmente desafiante. Um dos melhores livros da Coleção Bang! que, disse a crítica, escarpeliza o livre-arbítrio, o determinismo e nos faz questionar o amor, a amizade e a complexidade das nossas existências.

COUNTERPART

Vi o episódio piloto de *Counterpart* por mero acaso e foi assim, num misto de choque e surpresa, que me deparei com uma das melhores séries de ficção de sempre. Tudo gira à volta de Howard Silk, um funcionário desinteressante de uma agência burocrática das Nações Unidas sediada na igualmente cinzenta Berlim. O seu posto é tão baixo que o desgraçado nem sabe exatamente o que faz a sua agência. Até que conhece outro Howard Silk, igualzinho a si, mas que é uma mistura de James Bond e John Wick. É então que descobrimos que a agência controla a passagem secreta entre a nossa Terra e um mundo paralelo, igual ao nosso, criado há trinta anos, mas cuja História, desde então, tem divergido bastante da nossa. Atualmente há um clima de guerra fria entre os dois mundos, e agentes secretos passam de um lado para o outro deixando um trilho de sangue e de perguntas sem



virou assassino a soldo. A sua vida tem sido uma espiral de desgraças e, no episódio piloto, tudo parece prestes a terminar com um ataque cardíaco. Mas, em vez da proverbial luz ao fundo do túnel, Nick vê um unicórnio azul. Chamado *Happy*. Nada daquilo faz sentido para o cérebro intoxicado de Nick, e as coisas só pioram quando a vizinha doce de *Happy* lhe explica que é o amigo imaginário de uma menina que acabou de ser raptada pelo Pai Natal e que apenas Nick a pode salvar. Com mafiosos que o querem matar devido a negócios pendentes, uma antiga parceira da polícia a fazer-lhe a vida

negra, uma ex-mulher que ainda não o perdoou e um unicórnio que se calhar de imaginário não tem nada, a história de Nick Sax é uma maratona de humor, ação e amor pelo género. Uma excelente adaptação para a TV de um BD

genial, ótima para lavar o cérebro depois das estopadas com que a Marvel/Disney nos têm presenteado. Vai haver uma segunda temporada.

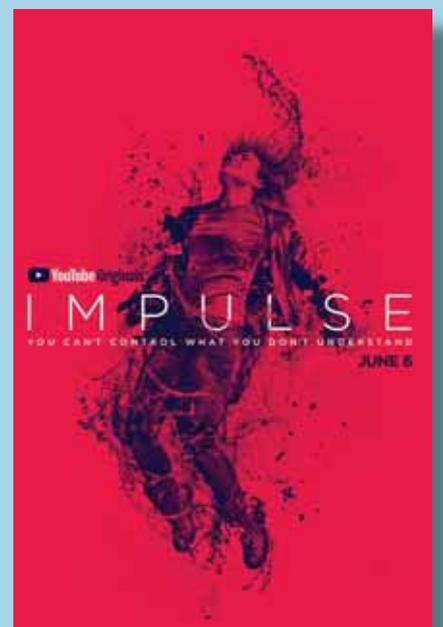
IMPULSE

Acrescentei esta sugestão à última da hora pois não podia mesmo deixar de o fazer. Baseado na obra homónima de Steven Gould, autor da Coleção Bang!, conta a história de uma adolescente que descobre a sua capacidade de teleporte quando é vítima de uma tentativa de violação. Num momento está

dentro do carro do *bad boy* do colégio, prestes a ser violada, e no outro está tombada na cama sem saber o que lhe aconteceu. Inadvertidamente, deixou o violador tetraplégico dentro do carro, que ficou destruído com a manifestação do seu poder. A partir daí é um carrossel de emoções, com



perseguições e muito desespero, mas também amadurecimento, amizade e reconciliação. Uma série que surpreende com a qualidade de tudo aquilo que faz uma grande série: história complexa e credível, personagens reais e interessantes, produção magistral. A melhor parte: foi produzida pelo Youtube e está disponível gratuitamente nessa página. **BANG!**



resposta. Tudo em *Counterpart* são pontos fortes: argumento, produção e o excelente J. K. Simmons (*Homem Aranha* e *Batman*) que apenas com um descair de ombros ou um levantar de queixo consegue interpretar dois personagens com personalidades completamente distintas.

A série recorda-nos que somos muito mais as opções que tomamos do que o ADN com que nascemos. E se os dois Howard Silk começam como parceiros, cedo a sua relação evolui para um conflito em que odeiam aquilo em que o outro se tornou (ou talvez invejam aquilo que o outro não perdeu?). A segunda temporada está em produção.

HAPPY!

Baseada na BD homónima de Grant Morrison, esta é a história de Nick Sax, um ex-polícia corrupto, toxicod dependente e alcoólico, que



COLEÇÃO OUTONO/ /INVERNO BANG!

APRESENTAÇÃO DO CATÁLOGO POR LUÍS CORTE REAL / EDITOR

George R. R. Martin está de volta, ainda não com o livro que todos queremos, mas ao menos com mais tramas e personagens de Westeros. A melhor fantasia continua com Steven Erikson (que trouxemos à Comic Con deste ano), Andrzej Sapkowski (que trouxemos à Comic Con de 2017) e Robin Hobb (que podem conhecer este ano no Festival Bang!). A convidada do último Festival Bang!, Anne Bishop, regressa ao catálogo com uma novidade e Victoria Aveyard continua a sua saga. A FC está representada por dois gigantes do género: Isaac Asimov e William Gibson. Marjorie Liu e Sana Takeda (que também trouxemos à última Comic Con) marcam presença com mais um volume de *Monstress*. Mas há mais, é só darem uma vista de olhos em baixo...

///OUTUBRO////////

A JAULA DO REI

Victoria Aveyard

Mare, a heroína criada por Victoria Aveyard, está de regresso no 3.º volume da série Rainha Vermelha. O reino de Norta está em tumulto. Mare foi feita prisioneira pelo príncipe Maven e o seu poder desapareceu. Os rebeldes continuam a organizar-se, agora abertamente, e o seu número cresce, à medida que se preparam para a guerra. Cal, o legítimo herdeiro do trono, está assolado pela dúvida. E quando o sangue se vira contra o sangue, será que as antigas lealdades resistirão?

LAGO DO SILÊNCIO

Anne Bishop

Passou um ano desde os acontecimentos de *Cartas de Profecia* e os humanos ainda estão a recuperar da batalha com os Outros. Em *Lago do Silêncio*, uma humana é a



principal suspeita de um crime. Mas tal como Meg Corbyn conseguiu conquistar os Outros com a sua inocência e curiosidade, Vicki DeVine faz o mesmo tentando provar a sua inocência. Anne Bishop regressa ao mundo dos Outros com uma história que recupera algumas personagens de livros anteriores e com uma intriga cheia de mistério e de segredos perigosos.

A VIAGEM DO ASSASSINO

Robin Hobb

Robin Hobb, a convidada de honra do Festival Bang! deste ano, apresenta-nos mais um livro da série Assassino e o Bobo. Depois do violento rapto de Abelha, a filha de Fitz cuja existência quase todos ignoram, mas

nossa curiosidade com este livro que nos apresenta uma nova perspetiva da fascinante história de Westeros. Com a ação a decorrer 300 anos antes dos acontecimentos narrados em *As Crônicas de Gelo e Fogo*, é-nos apresentada a história da família Targaryen e da conquista que uniu os Sete Reinos sob o seu domínio. A narrativa é acompanhada por belíssimas ilustrações, o que torna esta obra obrigatória na biblioteca de qualquer fã.

MEMÓRIAS DO GELO

Steven Erikson

Descrita pela *Fantasy Book Review* como «uma das melhores séries de fantasia dos últimos tempos», a saga do Império Malazano está de volta

com mais um grande livro. Há um novo poder a emergir do sul do continente, o Pannion Domin, que se espalha e destrói todos os que não aceitam a Palavra do artiloso Profeta. Lutas entre fações rivais sucedem-se num livro fantástico, recheado de personagens extraordinárias e que prova mais uma vez que Steven Erikson é um escritor de excelência. E também de uma grande simpatia e generosidade, para quem teve oportunidade de o conhecer na última Comic Con.

///JANEIRO///

FUNDAÇÃO

Isaac Asimov

Isaac Asimov é considerado um dos mestres da ficção científica, ao lado de nomes como Robert A. Heinlein e Arthur C. Clarke. Das suas obras mais reconhecidas faz parte a trilogia Fundação, que em 1966 ganhou um prémio Hugo especial, reconhecendo-a como a melhor série de ficção científica de todos os tempos, e de que a SDE apresenta agora o primeiro volume. O Universo é dominado pelo Império Galáctico, apesar de este estar a definhar. O matemático Henri Seldon desenvolveu um método para prever o futuro, e o que viu não é brilhante. Para preservar o conhecimento e salvar a Humanidade, Seldon reúne um grupo de cientistas no planeta mais remoto da galáxia, e a este santuário é dado o nome de Fundação.

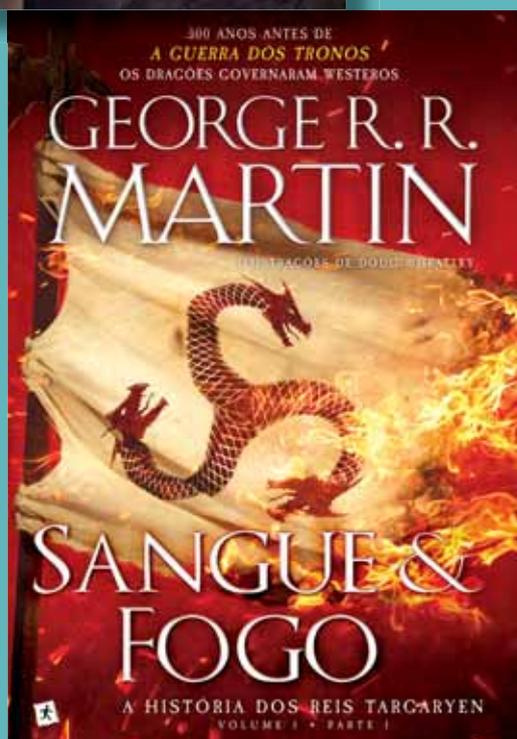
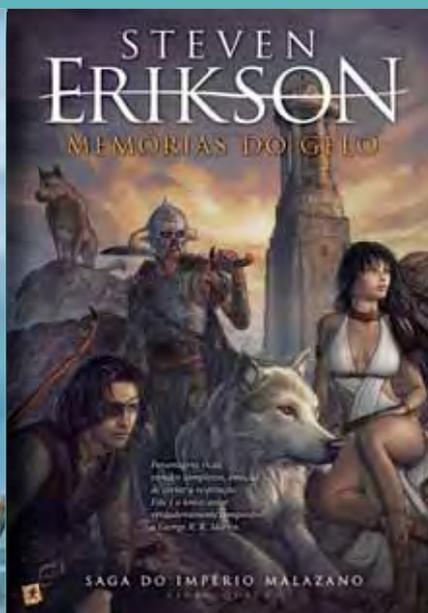
A Apple adquiriu os direitos televisivos e está a desenvolver uma série baseada nesta trilogia.

///FEVEREIRO///

BATISMO DE FOGO

Andrzej Sapkowski

Andrzej Sapkowski está de regresso com mais um livro da saga que inspirou o jogo *The Witcher*. A guerra devasta todos os territórios e o futuro da magia está em perigo. Geralt de Rívia, o bruxo, o guardião dos inocentes, o protetor dos necessitados, foi ferido e Ciri continua



que terá um papel decisivo no futuro, FitzCavalaria e o Bobo iniciam uma jornada, não de resgate, mas de vingança, pois tudo leva a crer que Abelha morreu. A sua viagem leva-os a lugares distantes e traz de volta memórias há muito esquecidas.

///NOVEMBRO///

SANGUE & FOGO VOL. 1, PARTE I

George R. R. Martin

Enquanto aguardamos com esperança que George Martin nos brinde com o volume final de *A Guerra dos Tronos*, podemos ir matando a



desaparecida. Há medida que surgem rumores de que a rapariga da profecia está na corte e se prepara para casar com o imperador, Geralt sabe que a missão que o espera não será fácil. Os direitos televisivos da saga *The Witcher* foram vendidos à Netflix, estando prevista uma grande produção televisiva com Henry Cavill como Geralt.

MONSTRESS 3 Marjorie Liu e Sana Takeda

Depois de terem estado em Portugal para a Comic Con, Marjorie Liu e Sana Takeda estão de volta com mais um livro da série *Monstress*. Maika Meiolobo continua a sua busca pela verdade que se esconde na misteriosa morte da sua mãe. O monstro dentro do seu corpo continua a atormentá-la. Num mundo onde todos a perseguem, em quem poderá ela confiar?

SANGUE & FOGO VOL. I, PARTE II George R. R. Martin

A segunda parte da história da família Targaryen, da guerra civil que praticamente destruiu esta dinastia e da história de Westeros. As fantásticas ilustrações a preto e branco são um extra que os fãs vão adorar!

///MARÇO///

OS MELHORES CONTOS DE H. P. LOVECRAFT VII

H. P. Lovecraft
H. P. Lovecraft foi um dos autores mais influentes no género do horror. A combinação de ficção especulativa, horror gótico e fantasia negra aterrorizaram e cativaram em igual medida os leitores durante décadas. Com a publicação de mais um livro de contos deste autor, muitos deles desconhecidos do grande público, a SDE continua o seu trabalho de divulgação dos grandes mestres do horror.

Armas, drogas, terrorismo, viagens no tempo entre a América e Londres é apenas uma amostra do que poderá encontrar nesta grande obra de ficção científica, onde jogar videojogos é uma forma de vida e a realidade se mistura com o virtual.

William Gibson é um escritor aclamado na área da ficção científica e muito atento às consequências do progresso tecnológico. É considerado o pai do *ciberpunk* e venceu os prémios Hugo, Philip K. Dick e Nebula, em 1984, para o seu romance de estreia, *Neuromante*.

///ABRIL///

O DESTINO DO ASSASSINO

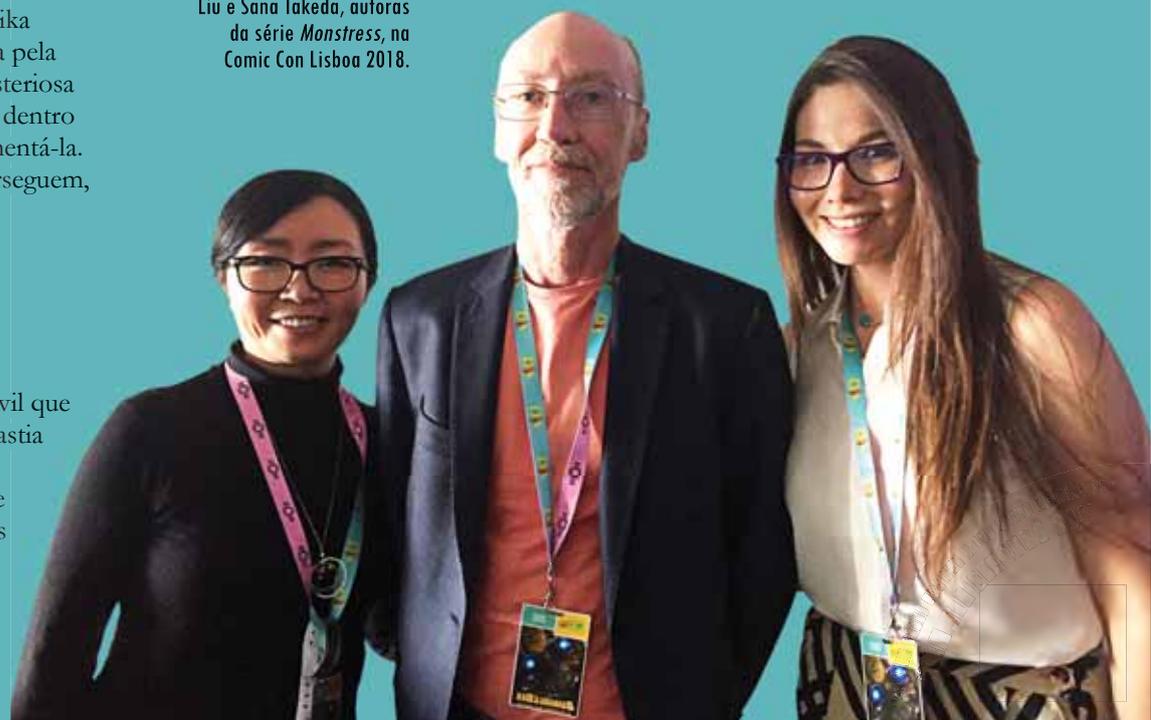
Robin Hobb

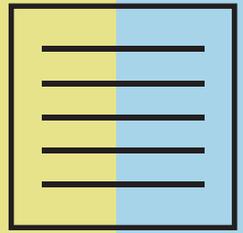
Robin Hobb, a rainha da literatura fantástica, termina neste livro uma aventura que teve início há vinte anos, quando nos apresentou pela primeira vez FitzCavalaria Visionário, o Bastardo Manhoso, o Assassino Real, e o seu amigo Bobo. Ao longo de três séries fomos acompanhando a vida e as aventuras e desventuras destas duas personagens tão queridas dos fãs e que revolucionaram a literatura fantástica. Neste volume final, a viagem de Fitz e do Bobo conhece o seu desfecho e ambos serão confrontados com as decisões do passado e com as profecias sobre o futuro. **BANG!**

THE PERIPHERAL William Gibson

Uma das grandes apostas da Coleção Bang! para 2019 é a publicação de *The Peripheral*, de William Gibson, que tem já prevista uma adaptação televisiva pela Amazon. Este *thriller* alucinante apresenta-nos a possibilidade de comunicar com sociedades futuras através da tecnologia informática.

Steven Erikson, autor da Saga do Império Malazano, acompanhado por Marjorie Liu e Sana Takeda, autoras da série *Monstress*, na Comic Con Lisboa 2018.





Não Ficção

- 10 Ilustrador convidado
Rui Padinha
- 12 O Andróide do Restelo: William Gibson, Um Apocalipse Doce e Lento
João Barreiros
- 26 De A a BD: *Monstress*, ou Demónio Interior
João Lameiras
- 30 Do Fundo do Poço: Encontros Imediatos do Nosso Grau
João Monteiro
- 34 Leituras FNAC: 6 Clássicos de Ficção Científica que Tens de Conhecer FNAC
- 36 Do Outro Lado do Mar: O Fantástico em Tempos de Crise
Ana Cristina Rodrigues
- 44 A Fundação
Jaime Nogueira Pinto
- 48 Cosmos 101: 20 Anos da Estação Espacial Internacional
Joana Neto-Lima
- 50 Metais Pesados: O Poder da Imagem
Fernando Ribeiro
- 52 Haverá Trilhos: A Bela, o Monstro e as Metamorfoses
Inês Botelho
- 58 Leituras às Direitas: *A Guerra dos Tronos*: O Próximo Livro não Precisa de Sair Jovem Conservador de Direita
- 59 Breve Curso de Escrita de Ficção Científica e Fantasia
Bruno Martins Soares
- 69 Eu Queria Ser Assim: Confissões do Velho *Nerd* do Restelo
Marcelo Lourenço
- 71 Arquivo do Medo: Quem Tem Medo do Lobo Mau
António Monteiro
- 85 Na Mesa com a FNAC: O Rei de Tóquio
FNAC

- 86 A Hora do Lobo: Os Criadores de Histórias
Safaa Dib
- 88 Arquiteturas da Loucura: O Nome do Mundo, Uma Homenagem a Ursula K. LeGuin
Jorge Palinhos
- 94 Outros Mundos: Leitor e Herói, A Era Dourada dos Livros-Jogo
Pedro Lisboa
- 99 O Som de Dunwich: Dos Dados e Das Almas
Ricardo S. Amorim
- 105 A Prata de Casa
Marta Lima
- 106 Há 14 Anos? Fantástico! Só Mesmo o Fórum...
João Morales
- 112 So Long, and Thanks for All The Fish: Gardner Dozois
Revista Bang!

Ficção

- 16 Sangue & Fogo: A História dos Reis Targaryen
George R. R. Martin
- 38 Movimento
Nancy Fulda
- 43 Os Passarinhos
Estevão Ribeiro
- 56 Miniconto Fantástico FNAC: A Capela
Manuel Amaro Mendonça
- 63 Dementia Vivendi
Miguel Montenegro
- 76 Mono no Aware
Ken Liu
- 90 Imaginarium: Eleanor, Dama do Lago
Mara d'Eleán, Maria Mirage
- 102 A Invenção de H. P. Lovecraft
Shay K. Azoulay



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



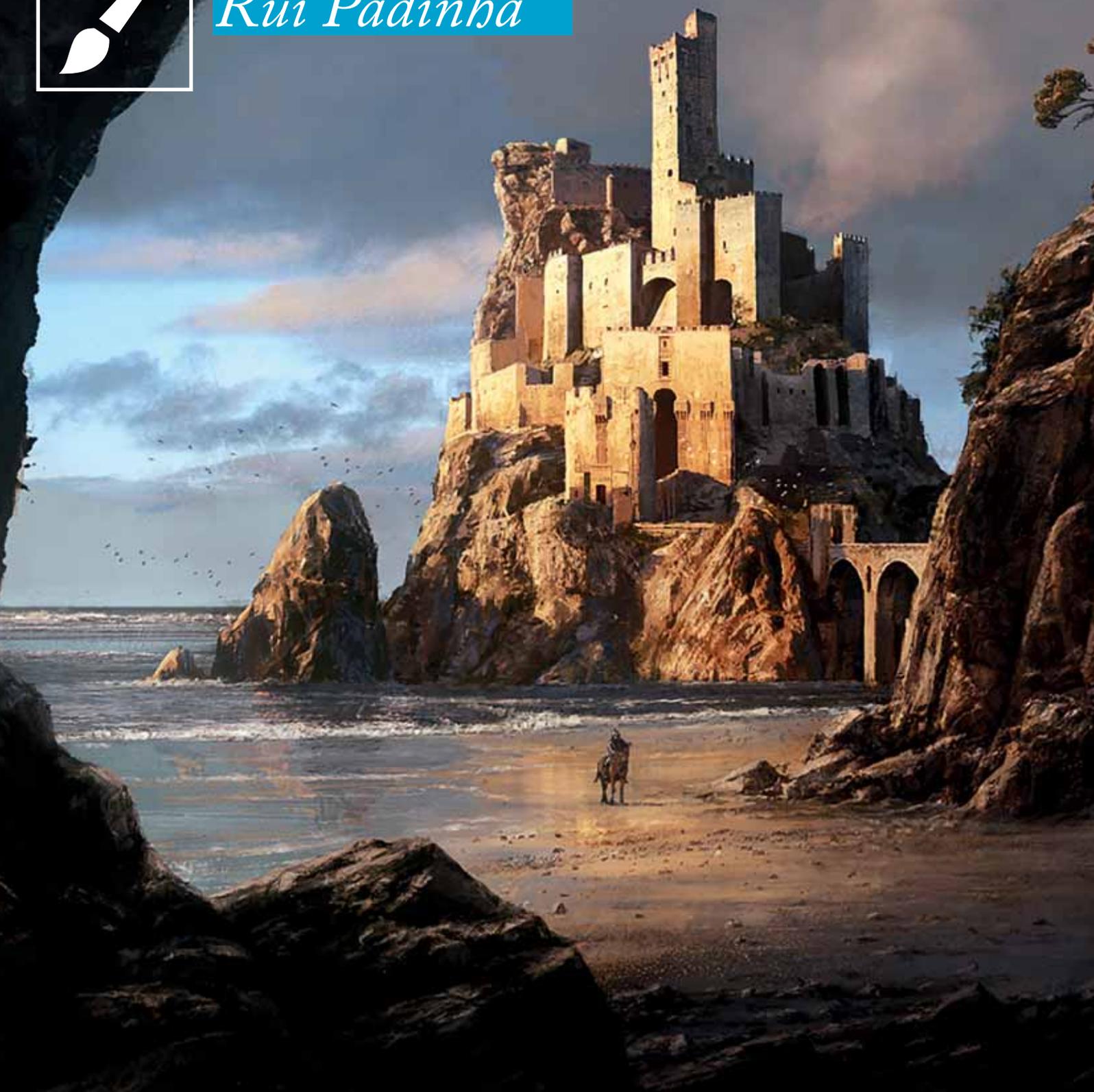
PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A COLEÇÃO BANG! OU A EDITORA SAÍDA DE EMERGÊNCIA VISITE-NOS EM SDE.PT

Revista Bang! 25 / outubro de 2018 Propriedade: Edições Saída de Emergência. Todos os direitos (e mais alguns) reservados. Direção ditorial e catering: Luís Corte Real Revisão (de olhos fechados): Célia Nogueira Redação e salário: Taguspark, Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva, Edifício Qualidade — Bloco B3, Piso 0, Porta B, 2740-296 Porto Salvo, Portugal Impressão (galhas incluídas): DPS - Digital Printing Services Tiragem de revirar os olhinhos: 9000 Copyright: Textos e imagens propriedade da editora e/ou dos respectivos autores, etc e tal. Os artigos presentes nesta edição têm ou não as regras do novo Acordo Ortográfico consoante vontade dos seus autores, pelo que não se encontra uniformizada a sua aplicação.



ILUSTRADOR CONVIDADO

Rui Padinha



Natural de Lisboa, formou-se em Design mas rapidamente se mudou de armas e bagagens para o mundo do 3D e dos efeitos especiais. Em 2005 mudou-se para Vancouver, onde frequentou o curso de 3D Animation and Visual FX. Seguiu-se uma carreira de doze anos em cinema, tendo trabalhado

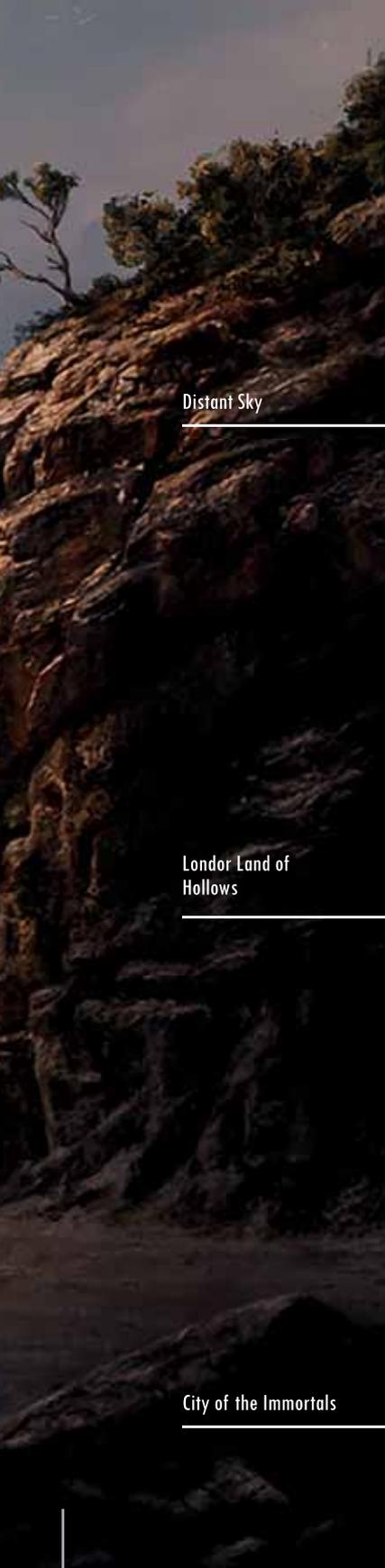
em títulos como *Man of Steel*, *Guardians of the Galaxy*, *X-Men Apocalypse*, *Life of Pi* e *Jungle Book*, tendo estes dois últimos sido galardoados com o Óscar de Melhores Efeitos Especiais.

De retorno a Portugal fundou a Glimpse VFX, com os sócios Rui Romano e Pedro Benjamim, e iniciou

um percurso paralelo na ilustração e *concept art* que persegue até agora, focando-se fundamentalmente em cenários e ambientes nos géneros de Fantasia e Ficção Científica.

BANG!

Para mais informações:
www.artstation.com/ruipadinha



Distant Sky



Londor Land of
Hollows



City of the Immortals



Bad Idea

Algae Planet

A close-up portrait of William Gibson, an older man with glasses, looking directly at the camera. He is wearing a dark jacket over a light-colored shirt. The background is dark and out of focus.

WILLIAM

GIBSON

UM APOCALIPSE

DOCE E LENTO

por *João Barreiros*

O Andróide do Restelo



«O céu sobre o porto tinha a cor de um ecrã de TV ligado para um canal sem emissão.»

Em 1984, há um milhão de anos atrás, o universo era analógico, não digital. Os céus não eram negros como mostram as televisões de hoje em dia, mas cinzentos, a brilhar sob a poalha dos pixéis desfeitos. Vivemos agora num outro mundo, onde o avanço tecnológico superou as ciberconsolas e os implantes neuronais de Cage, o super-hacker. Porém, com esta frase retirada da primeira página do romance *Neuromante*, William Gibson iniciou uma nova era e reformatou o futuro. Graças a ele e ao parceiro Bruce Sterling, o “movimento *ciberpunk*” explodiu-nos nas mãos. Estes céus pixelizados, as neuroconsolas e os óculos de Realidade Aumentada podem parecer banais aos leitores de hoje. Mas lembrem-se que Gibson escreveu o *Neuromante* sem a ajuda de processadores de texto, sem disquetes frágeis e moles, sem as *flash-pens* que se lhes seguiram, onde poderiam ser guardados para sempre e mais um dia, dezenas e dezenas de romances como este. No seu quartinho solitário, numa máquina de escrever eléctrica, Gibson reinventou o futuro, tecla a tecla. Reinventou a moda, a música, a ilustração, a BD,

o cinema, os cortes de cabelo justos ou espigados, os casacos de couro, as máscaras faciais, os óculos espelhados. Com ele, o amanhã chegou mas ninguém se deu conta.

Cerca de um ano depois consegui que fosse traduzido para português o primeiro volume desta trilogia memorável. Em boa verdade, contra tudo e contra todos. O tradutor deu voltas sobre voltas aflito com os neologismos, o editor chorou lágrimas de crocodilo ao descobrir que o seu filho de oito anos não entendia nada do livro, nas livrarias este foi colocado (por ser alegadamente uma obra de FC) na secção de livros infantis, ou, espantem-se, nas prateleiras dos livros informáticos. Em colóquios com outros editores que também publicavam obras do género, estes olhavam para a cópia do *Neuromante* com olhos piscos, um tanto ou quanto vítreos, numa vaga expressão de desprezo, porque o Gibson era um autor surgido do nada, não pertencia a nenhuma praia, impossível compará-lo com um Heinlein, Clarke ou Asimov. Estávamos assim perante o paradoxo do costume. Não se devem publicar autores desconhecidos

porque o público leitor não os compra, e continuam desconhecidos precisamente porque ninguém os quis publicar.

Enfim.

Para que se saiba, votado ao ostracismo dos bem pensantes, o *Neuromante* permaneceu solitário, perdido nas estantes poeirentas das livrarias que ainda ousavam guardá-lo, ignorado de todos, os poucos jornais que o referiram insistiam na total incompreensibilidade dos conteúdos, nenhum dos críticos, assolados de orgasmos múltiplos pela leitura do romance do Sagan, conseguiu aceder à suspensão da descrença. Se a estranheza costuma aos poucos entranhar-se, neste caso custou que se fartou. Ninguém conseguia digerir este mundo futuro. Computadores pessoais do tamanho de uma maleta de mão? Acesso a uma rede de informações tão vasta quanto o mundo inteiro? Tecnologia ao alcance das massas? Videoconferências em realidade aumentada no topo virtual da Sagrada Família entre participantes espalhados pelas sete partidas do mundo? Caças plastomoldáveis? Drones de ataque?

Membros cibernéticos? Corpos amplificados por ligas de titânio? Nunca, impossível, *no way*, José.

Por causa disso, assustado pelos clamores passadistas, o editor nunca quis publicar os restantes dois volumes da trilogia, essenciais à compreensão global da obra. *Count Zero* e *Monalisa Overdrive* ficaram condenados aos limbos da indiferença.

Muitos anos antes, no livro *Choque do Futuro*, Alvin Toffler insistia que a FC era a solução ideal para conseguirmos surfar a onda de mudança. Porque o futuro vem aí, é inevitável, feroz como uma locomotiva que ninguém vai conseguir travar. Gibson trouxe esse futuro até nós, tão súbito como uma bofetada de mão aberta. Abriu portas que hoje parecem retro ou clichés. Um futuro que chegou mesmo a ultrapassá-lo, como foi o caso da pixelização dos ecrãs de TV.

Mais tímidos foram os leitores desses anos oitenta que não quiseram abrir portas. Esta atitude comodista foi fatal, tanto para uns como para outros. A indiferença perante uma obra como *Neuromante* fez terminar a coleção que eu então dirigia. Ajudou a criar os nostálgicos info-excluídos, aqueles que preferiam passar fins-de-semana numa quinta sem electricidade, a dedilhar guitarras à luz das estrelas mortas, incapazes de programar um aparelho de vídeo. Lembro-me de que, por essa época, colegas professores clamavam que nunca, nunca na vida, iriam comprar essa abominação nascente que era o computador pessoal. Clamaram, esbracejaram, e acabaram por ser afogados no *tsunami* da mudança.

E Gibson, o que fez entretanto?

Continuou a escrever, claro, servindo-se de processadores de texto cada vez mais complexos.

The Peripheral é a sua obra mais recente. Desenganam-se aqueles que pensam que ele é já um fenómeno *passé*. Se Gibson

inventou o ciberespaço, agora mostra-nos algo bem mais terrível: o Apocalipse Lento.

Esqueçam as guerras atômicas, os impactos meteóricos, as invasões alienígenas. Desta feita, o fim provável da espécie humana avança devagar, devagarinho. O aquecimento global provoca alterações climáticas. Zonas do nosso planeta tornam-se inviáveis. Migrações de gente esfaimada, vindas do terceiro mundo, invadem os países mais industrializados, eles próprios a braços com o desemprego, a poluição, as crises económicas e o decréscimo constante de uma população produtiva. Vive-se mais a braços com a demência senil. O fim da camada protectora de ozono provoca cancro de pele, morte progressiva da biosfera, mutações virais para as quais já não existem antibióticos. Não há como travar a extinção global do antropoceno.

A não ser... Bom, pensem um bocado, engulam em seco pois vem aí o horror. Quando há desgraças, quem sobrevive? Os Oligarcas, claro. Aqueles que podem pagar tratamentos, fabricar implantes, produzir antivirais mais eficazes, gerar crianças mais saudáveis, fugir às pequenas grandes guerras, em ilhas isoladas, em torres urbanas defendidas pela alta tecnologia. E os pobres? E os vencidos da vida? Nada mais simples: que morram todos, porque já

não há lugar para eles. O gene egoísta triunfa, enfim. Os ricos sobrevivem no interior das suas fortalezas inexpugnáveis.

O resto da população do planeta está condenada à doce extinção para a qual não existem bons sentimentos. Que morram, devagar. Aos milhões de milhões. Durante anos e anos no tal Apocalipse Lento. Agora o mundo é dos ricos. Apenas vinte por cento da população global.

O fim do antropoceno provocou um imenso abismo de silêncio entre o mundo de hoje e o mundo que vai nascer entre o lixo, os dejectos e as cinzas do mundo anterior. A tecnologia salva. Mas não pode salvar todos.

Num futuro próximo, numa América empobrecida, Flynn Fisher vive numa quintarola arruinada com um irmão que sofre de *stress* pós-traumático depois de ter sido dispensado de uma dessas micro-guerras cibernéticas nas zonas islâmicas. Burton sente a falta dos implantes dérmicos que o transformaram num super-homem. Por isso, sonha pilotar drones de ataque em guerras simuladas. Flynn, essa, vive de expedientes, servindo-se de tecnologias beta para testar jogos virtuais ainda em fase experimental. Até que um belo dia lhe apresentam os planos para uma impressora 3D e um capacete multi-sensorial para participar num alegado jogo de combate ultrarrealista. Tudo bem, dinheiro em caixa, vamos a isso. Burton pede-lhe ajuda para participar num desses jogos e servir de vigia no perímetro atmosférico de uma torre imensa. De um momento para o outro, Flynn está a pilotar um drone em torno de uma dessas mega-estruturas verticais. Eis uma cidade em ruínas composta de arranha-céus assentes sobre avenidas cobertas de lixo e escórias. E é então que, numa varanda, quase no topo de uma torre, Flynn vê uma mulher a ser assassinada. Que tem isto a ver com o jogo? Qual o

WILLIAM GIBSON

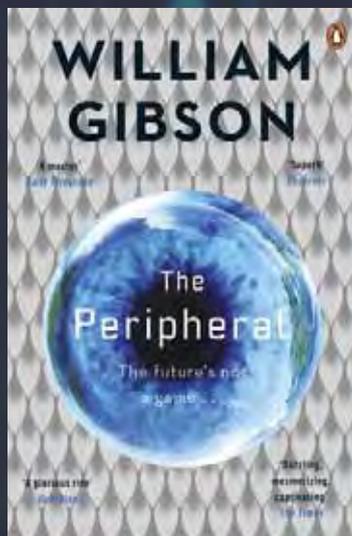
nasceu nos EUA e é um dos autores mais visionários da literatura contemporânea. Criador do conceito *cyberpunk* no seu conto *Burning Chrome*, posteriormente popularizou-o na sua obra-prima: *Neuromante*.

Prevedendo o ciberespaço, Gibson criou uma iconografia para a era da informação antes do nascimento da própria internet. Também lhe é creditado a previsão dos *reality shows* e das bases conceituais para os ambientes de realidade virtual.

A imaginação de Gibson tem sido uma influência em autores de ficção científica, design, cibercultura e tecnologia, sendo o expoente máximo dessa influência a trilogia *Matriz* das Wachowski.

PRÉMIOS:

- Nebula
- Hugo
- Philip K. Dick
- Ditmar
- Seiun
- Prix Aurora



Capa inglesa da Penguin

E PARA QUANDO "THE PERIPHERAL" EM PORTUGUÊS?

A Saída de Emergência adquiriu os direitos da obra *The Peripheral* que prevê publicar em Março de 2019.

PRÉMIOS:

- Nebula
- Hugo
- Philip K. Dick

sentido de tudo isto? Porque é que a impressora começa de súbito a digitar planos para o fabrico de armas *hi-tec*? Que mensagens são essas que lhe chegam, primeiro impressas e depois vocais, a insistir que ela conte tudo o que viu? Porque é que de súbito alguém a quer matar?

E se esse jogo afinal não for um jogo? E se a consola estiver ligada ao futuro, através de um túnel quântico, anos e anos depois do Apocalipse que se aproxima? Flynnne foi testemunha de um crime que ainda não aconteceu. Algures, nesse cruel futuro dos imensamente ricos, há mega-corporações em guerra. Chefes de empresas matam-se com alegria para alcançarem os direitos sucessórios. Flynnne viu o que não devia ver. Viu o futuro e o futuro é todo ele um crime, como diria o Cohen. Felizmente, não há nada físico que possa passar através do buraco quântico. Apenas informação. A nossa *hacker* está em vias de ficar muito rica ou ser cadáver. Rica porque não se esqueçam de que no futuro se conhecem todas as senhas das lotarias, os números vencedores dos euromilhões, os resultados das corridas de cavalos e dos campeonatos de futebol. Essas informações podem ser devolvidas ao passado. Sem custos de maior. É possível corromper o que resta da economia dos EUA para calar a boca à Flynnne e ao irmão. Mas também podemos controlar as contas bancárias de toda a população e contratar comandos assassinos para calar de vez uma testemunha incómoda. Se uma das corporações tem a tecnologia dos buracos quânticos, também pode haver outras com o mesmo tipo de informações.

Iniciou-se o combate que vai dar cabo do mundo, começando pela economia e *crash* dos bancos.

O Apocalipse Lento começou, devagar, devagar. Entretanto, Flynnne e Burton vão receber uma daquelas propostas impossíveis de recusar. Como recompensa, podem visitar o futuro por procuração, graças à ajuda dos *periféricos*. Viver a vida que, de outro modo nunca poderiam ter.

The Peripheral de William Gibson baseia-se nesta proposta genial. É uma pequena obra-prima capaz de saudar em glória o regresso de William Gibson às lides da FC pura e dura. Não poderia estar mais feliz.

E embora eu tivesse achado o final do livro demasiado rápido (queria mais, mais, mais), imaginem o meu entusiasmo ao saber que sim, que vai haver outro livro passado no mesmo universo a ser publicado lá fora ainda este ano: *Agency*, onde os Oligarcas futuros controlam as eleições de Donald Trump, num passado alternativo onde Hillary Clinton ganhou as presidenciais.

Mal posso esperar. **BANG!**



João Barreiros

Licenciado em filosofia e professor do ensino Secundário, é tradutor, autor e (até já foi) editor de ficção científica.

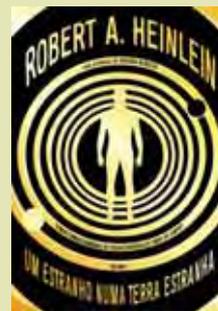
Os seus livros saíram com as chancelas da Caminho, Livros de Areia, Presença, Saída de Emergência e Gailivro. Em Espanha foi publicado pela Bibliopolis.

UM ESTRANHO NUMA TERRA ESTRANHA - VOL. 1

ROBERT A. HEINLEIN

Saída de Emergência

★★★★★



A primeira expedição a Marte acabou em tragédia. Toda a tripulação da nave morreu e Valentinne Smith foi criado por Marcianos. Vinte e cinco anos mais tarde é reinserido na sociedade humana. Como é que se sairá este Marciano por educação numa Terra tecnologicamente avançada mas eticamente a anos-luz dos seus criadores? Um livro fascinante, que faz ansiar pelo próximo volume.

Susana Figueiredo

www.bandasdesenhadas.com

AO FECHAR A PORTA

B. A. PARIS

Editorial Presença

★★★★★



Ao Fechar a Porta apresenta uma capa que nos convida à descoberta. Traz-nos um casal perfeito com uma vida perfeita, contudo, dentro das paredes da sua mansão, não é assim. Há algo de errado que se passa e ninguém se apercebe disso. A escrita

de B.A. Paris é interessante e envolvente. Violento a nível emocional ao ponto de ser perturbadora a forma como Grace é tratada.

Paulo Soares

www.clubedoslivros.pt/2017/09/editorial-presenca-opiniao-ao-fechar.html

ÀS CEGAS

JOSH MALERMAN

Topseller

★★★★★



Quando as pessoas começam a enlouquecer e a matar depois de vislumbrarem algo desconhecido, a Humanidade precisa de fechar os olhos para sobreviver. Esta é a base para uma história intensa e arrepiante que consegue deixar o coração do leitor acelerado.

Em capítulos intercalados, assistimos ao início deste fenómeno e, ao mesmo, a uma fase mais adiantada em que o mundo deixou de ser o que era e o escuro passou de motivo irracional de medo para um forte aliado.

Cláudia Sérgio

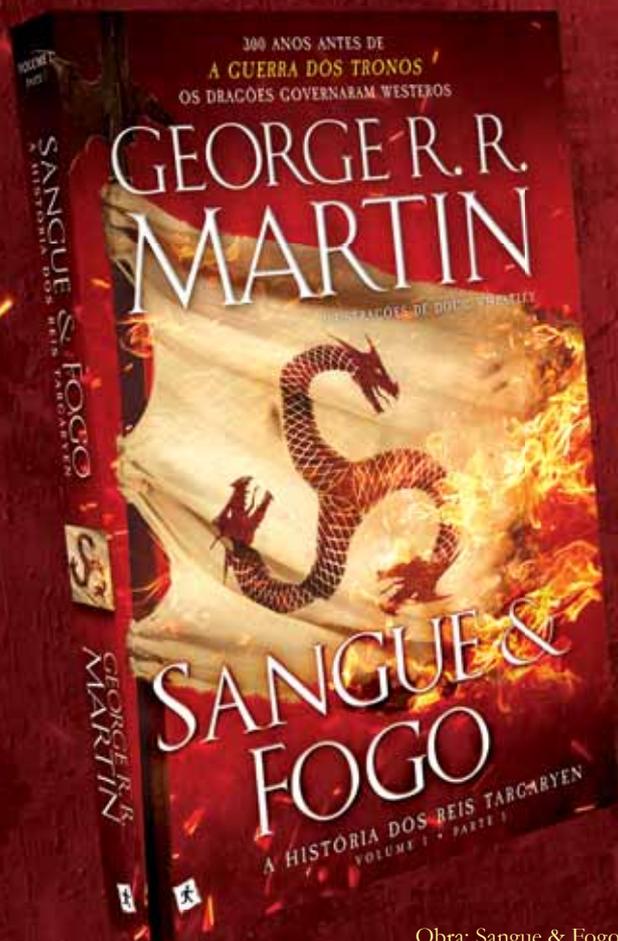
umabibliotecaemconstrucao.blogspot.com/

GOSTOU DESTO ARTIGO? DEIXE A SUA OPINIÃO EM:
WWW.REVISTABANG.COM



GEORGE R. R. MARTIN SANGUE & FOGO

A HISTÓRIA DOS REIS TARGARYEN
VOLUME 1 • PARTE 1



Obra: Sangue & Fogo
Autor: George R. R. Martin
Gênero: Literatura fantástica
Editora: Saída de Emergência
PVP: 18,80 €

Séculos antes dos acontecimentos de *A Guerra dos Tronos*, a Casa Targaryen – a única família de senhores dos dragões a sobreviver à Perdição de Valéria – fez de Pedra do Dragão a sua residência. *Sangue & Fogo* inicia a sua narração com a história do lendário Aegon, o Conquistador, criador do Trono de Ferro, e prossegue com o relato das gerações de Targaryen que lutaram para manter o icónico trono, até à guerra civil que praticamente destruiu esta dinastia.

O que aconteceu realmente durante a Dança dos Dragões? Porque se tornou tão perigoso visitar Valéria depois da Perdição? Qual a origem dos três ovos de dragão de Daenerys? Estas são apenas algumas questões a que esta obra essencial dá resposta pela mão de um reconhecido mestre da Cidadela e das trinta e quatro ilustrações a preto e branco.

Sangue & Fogo apresenta pela primeira vez o relato completo da dinastia Targaryen, permitindo uma compreensão perfeita da fascinante, dinâmica e por vezes sangrenta história de Westeros.



A EMOCIONANTE HISTÓRIA DOS TARGARYEN
GANHA VIDA NESTE TRABALHO MAGISTRAL DO
AUTOR DE *AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO*.



LEIA NAS PÁGINAS SEGUINTE UMA PRÉ-PUBLICAÇÃO DE SANGUE & FOGO...

[...]

Vários anos se tinham passado desde que o rei fizera uma viagem, portanto em 58 DC foram feitos planos para Jaehaerys e Alysanne fazerem a sua primeira visita a Winterfell e ao Norte. Os dragões iriam com eles, claro, mas para lá do Gargalo as distâncias eram grandes e as estradas más, e o rei fartara-se de voar em frente e esperar que a sua escolta o alcançasse. Desta vez, decretou que a Guarda Real, os criados e os vassallos viajariam primeiro, a fim de prontarem as coisas para a sua chegada. E foi assim que três navios zarparam de Porto Real rumo a Porto Branco, onde ele e a rainha fariam a sua primeira paragem.

No entanto, os deuses e as Cidades Livres tinham outros planos. Enquanto os navios do rei estavam a dirigir-se para norte, emissários vindos de Pentos e Tyrosh visitaram Sua Graça na Fortaleza Vermelha. As duas cidades estavam em guerra há três anos e estavam agora desejosas de fazer a paz, mas não conseguiam concordar sobre um local onde se pudessem encontrar para discutir os termos. O conflito causara sérios problemas ao comércio no Mar Estreito, ao ponto de o Rei Jaehaerys ter oferecido a ambas as cidades ajuda para porem fim às hostilidades. Após longa discussão, o Arconte de Tyrosh e o Príncipe de Pentos tinham concordado em encontrar-se em Porto Real para ultrapassarem as divergências, na condição de Jaehaerys agir como intermediário e garantir os termos de qualquer tratado que daí resultasse.

Era uma proposta que nem o rei nem o seu conselho sentiam que ele podia recusar, mas implicaria o adiamento da viagem que Sua Graça tinha planeado fazer ao Norte, e havia preocupação por o notavelmente suscetível Senhor de Winterfell poder interpretar o facto como uma desfeita. Foi a Rainha Alysanne quem forneceu a solução. Ela partiria conforme planeado, sozinha, enquanto o rei desempenhava o papel de anfitrião do Príncipe e do Arconte. Jaehaerys podia juntar-se a ela em Winterfell assim que a paz fosse concluída. E assim ficou acordado.

As viagens da Rainha Alysanne começaram na cidade de Porto Branco, onde dezenas de milhares de

nortenhos saíram à rua para a aclamar e olhar assombrados e com um pouco de terror para Alaprata. Foi a primeira vez que qualquer um deles viu um dragão. O tamanho das multidões surpreendeu até o Senhor de Porto Branco.

— Eu não sabia que havia tanto povo na cidade — terá dito Theomore Manderly. — De onde saíram todos eles?

Os Manderly eram únicos entre as grandes casas do Norte. Tendo-se originado séculos antes na Campina, tinham encontrado refúgio perto da Foz da Faca Branca quando os rivais os expulsaram das suas ricas terras ao longo do Vago. Embora fossem ferozmente leais aos Stark de Winterfell, tinham trazido consigo do sul os seus próprios deuses, e ainda adoravam os Sete e conservavam as tradições da cavalaria. Alysanne Targaryen, sempre desejosa de unir mais os Sete Reinos, viu na família celeberrime grande de Lorde Theomore uma oportunidade, e prontamente se dedicou a arranjar casamentos. Quando partiu, duas das suas damas de companhia tinham sido prometidas aos filhos mais novos de sua senhoria e uma terceira a um sobrinho; entretanto, a filha mais velha dele e três sobrinhas haviam sido acrescentadas à comitiva da rainha, com o acordo de que viajariam com ela para sul e aí seriam prometidas a senhores e cavaleiros adequados frequentadores da corte.

Lorde Manderly recebeu sumptuosamente a rainha. No banquete de boas-vindas foi assado um auroque inteiro, e a filha de sua senhoria, Jessamyn, agiu como copeira da rainha, enchendo-lhe a caneca com uma forte cerveja nortenha que Sua Graça declarou ser melhor do que qualquer vinho que já tivesse saboreado. Manderly também organizou um pequeno torneio em honra da rainha, a fim de mostrar a perícia dos seus cavaleiros. Um dos combatentes (embora não fosse cavaleiro) revelou ser uma mulher, uma rapariga selvagem que fora capturada por patrulheiros a norte da Muralha e dada a criar a um dos cavaleiros domésticos do Lorde Manderly. Deliciada pela ousadia da rapariga, Alysanne chamou a sua protetora ajuramentada, Jonquil Darke, e a selvagem e a Sombra Escarlata duelaram com lança contra espada enquanto os nortenhos rugiam de aprovação.

Alguns dias mais tarde, a rainha reuniu a sua corte das mulheres no salão do próprio Lorde Manderly, algo até aí inaudito no Norte, e mais de duzentas mulheres e raparigas reuniram-se para partilhar com Sua Graça os seus pensamentos, preocupações e agravos.

Depois de partir de Porto Branco, a comitiva da rainha navegou pelo Faca Branca até chegar aos rápidos e depois prosseguiu por terra até Winterfell, enquanto



a própria Alysanne se adiantava montada em Alaprata. O calor da sua recepção em Porto Branco não seria duplicado na antiga sede dos Reis do Norte, onde só Alaric Stark e os filhos saíram a cumprimentá-la quando o dragão pousou em frente das portas do castelo. Lorde Alaric tinha uma reputação pétrea; dizia-se que era um homem duro, severo e inflexível, agarrado ao ponto de ser avarento, desprovido de humor, desprovido de alegria, frio. Nem Theomore Manderly, que era seu vassalo, discordara; o Stark era muito respeitado no Norte, dissera, mas não era amado. O bobo de Lorde Manderly colocara a questão de outro modo.

— Cá p'á mim, o Lorde Alaric não mexe as tripas desde os doze anos.

A recepção da rainha em Winterfell nada fez para dissipar os seus receios sobre o que poderia esperar da Casa Stark. Antes mesmo de desmontar para vergar o joelho, Lorde Alaric olhou de soslaio a roupa de Sua Graça e disse:

— Espero que tenhais trazido alguma coisa mais quente do que isso. — Depois tratou de declarar que não queria ver o dragão dentro das suas muralhas. — Não vi Harrenhal, mas sei o que aconteceu lá. — Receberia os cavaleiros e as damas da rainha quando chegassem — e o rei também, se ele conseguir encontrar o caminho —, mas não poderiam abusar das boas-vindas. — Isto é o Norte e o inverno está a chegar. Não podemos alimentar mil homens durante muito tempo. — Quando a rainha lhe assegurou de que só viria um décimo dessa quantidade, Lorde Alaric soltou um grunhido e disse: — Isso é bom. Menos seria ainda melhor. — Como se temera, ele estava claramente descontente por o rei Jaehaerys não se ter dignado acompanhá-la e confessou não saber bem como receber uma rainha. — Se contaís com bailes, mascaradas e danças, viestes para o sítio errado.

Lorde Alaric perdera a mulher três anos antes. Quando a rainha expressou pesar por nunca ter tido o prazer de conhecer a Senhora Stark, o nortenho disse:

— Ela era uma Mormont da Ilha dos Ursos e não era senhora nenhuma pelos vossos padrões, mas levou um machado para o meio de uma alcateia de lobos quando tinha doze anos, matou dois e coseu um manto com as peles deles. Deu-me também dois filhos fortes e uma filha tão linda de se contemplar como qualquer uma das vossas senhoras sulistas.

Quando Sua Graça sugeriu que lhe agradaria ajudar a arranjar casamentos dos filhos dele com as filhas de grandes senhores do sul, Lorde Stark recusou de forma brusca.

— Nós no Norte adoramos os deuses antigos — dis-



GEORGE R. R. MARTIN

trabalhou dez anos em Hollywood como argumentista e produtor de séries e filmes de grande sucesso. Autor de várias coletâneas de contos e noveletas, foi em meados dos anos 90 que começou a sua obra mais famosa, *As Crônicas de Gelo e Fogo*. É a saga de fantasia mais vendida da atualidade e uma adaptação televisiva de grande sucesso foi produzida pela HBO. Autor multifacetado, a sua obra estende-se a géneros como o horror, a fantasia, a ficção científica. O autor vive no Novo México, com a sua mulher, Parris.

georgerrmartin.com

[Facebook.com/GeorgeRRMartinofficial](https://www.facebook.com/GeorgeRRMartinofficial)

Twitter: [@GRRMspeaking](https://twitter.com/GRRMspeaking)

DOUG WHEATLEY é artista de banda desenhada, *concept designer* e ilustrador. Trabalhou em personagens de *Star Wars*, *Aliens*, *Superman*, *The Incredible Hulk* e *Conan the Barbarian*. Wheatley foi o artista na adaptação de banda desenhada do filme *Star Wars – Episódio III – A Vingança dos Sith* e contribuiu com ilustrações para *O Mundo de Gelo & Fogo: A História Não contada de Westeros*.

[Facebook.com/doug.wheatley](https://www.facebook.com/doug.wheatley)

Twitter: [@wheatley_doug](https://twitter.com/wheatley_doug)

Instagram: [@doug_wheatley](https://www.instagram.com/doug_wheatley)

se à rainha. — Quando os meus rapazes tomarem esposa, vão casar perante uma árvore coração, não nalgum septo sulista.

Porém, Alysanne Targaryen não se rendia facilmente. Os senhores do sul honravam tanto os deuses antigos como os novos, disse ela a Lorde Alaric; a maioria dos castelos que conhecia tinha não só um septo mas também um bosque sagrado. E ainda havia certas casas que, tal como os nortenhos, nunca tinham aceitado os Sete, destacando-se entre elas os Blackwood das terras fluviais, acompanhados por talvez uma dúzia de outras. Até um lorde tão severo e rígido como Alaric Stark deu por si impotente perante o obstinado encanto da Rainha Alysanne. Concedeu que pensaria no que ela tinha dito e abordaria o assunto junto dos filhos.

Quanto mais tempo a rainha permanecia, mais Lorde Alaric ganhava amizade por ela e, a seu tempo, Alysanne acabou por compreender que nem tudo o que se dizia sobre ele era verdade. Ele tinha cuidado com o dinheiro mas não era avarento; e não era nada desprovido de humor, embora o seu trouxesse gume, afiado como uma faca; os filhos, a filha e as pessoas de Winterfell pareciam gostar bastante dele. Depois de o gelo inicial ter derretido, sua senhoria levou a rainha a caçar alces e javalis na mata de lobos, mostrou-lhe os ossos de um gigante e deixou-a vasculhar à vontade a modesta biblioteca do seu castelo. Até se dignou a aproximar-se de Alaprata, ainda que com cautela. As mulheres de Winterfell também caíram sob o feitiço da rainha, depois de começarem a conhecê-la; Sua Graça ficou particularmente próxima da filha de Lorde Alaric, Alarra. Quando o resto da comitiva da rainha finalmente apareceu à porta do castelo, depois de se debater com charnecas sem trilhos e neves de verão, a carne e o hidromel fluíram livremente, apesar da ausência do rei.

Entretanto, as coisas não corriam tão bem em Porto Real. As conversações de paz arrastaram-se durante muito mais tempo do que o previsto, pois a acrimónia entre as duas Cidades Livres era mais profunda do que Jaehaerys julgara. Quando Sua Graça tentava alcançar um equilíbrio, ambos os lados o acusavam de favorecer o outro. Enquanto o Príncipe e o Arconte regateavam, começaram a rebentar lutas entre os seus homens pela cidade fora, em estalagens, bordéis e tabernas. Um guarda pentosiano foi emboscado e morto, e três noites mais tarde a galé do próprio Arconte foi incendiada onde estava ancorada. A partida do rei foi atrasada e voltou a ser atrasada.

No Norte, a Rainha Alysanne ficou farta de esperar e decidiu afastar-se de Winterfell durante algum tem-

po e visitar os homens da Patrulha da Noite em Castelo Negro. A distância não era insignificante, mesmo a voar; Sua Graça pousou em Última Lareira e em vários fortes e castelos mais pequenos que lhe ficavam no caminho, para surpresa e deleite dos respetivos senhores, ao passo que uma porção da sua comitiva a seguia com dificuldade (o resto permaneceu em Winterfell).

Mais tarde, Sua Graça viria a dizer ao rei que a sua primeira visão da Muralha, de cima, lhe tirara o fôlego. Houvera alguma preocupação quanto à forma como a rainha podia ser recebida em Castelo Negro, pois muitos dos irmãos negros tinham sido Pobres Companheiros e Filhos do Guerreiro antes de essas ordens serem abolidas, mas Lorde Stark enviou corvos com antecedência para anunciar a chegada dela, e o Senhor Comandante da Patrulha da Noite, Lothor Burley, reuniu oitocentos dos seus melhores homens para a receber. Nessa noite, os irmãos negros banquetearam a rainha com carne de mamute, empurrada para baixo com hidromel e forte cerveja preta.

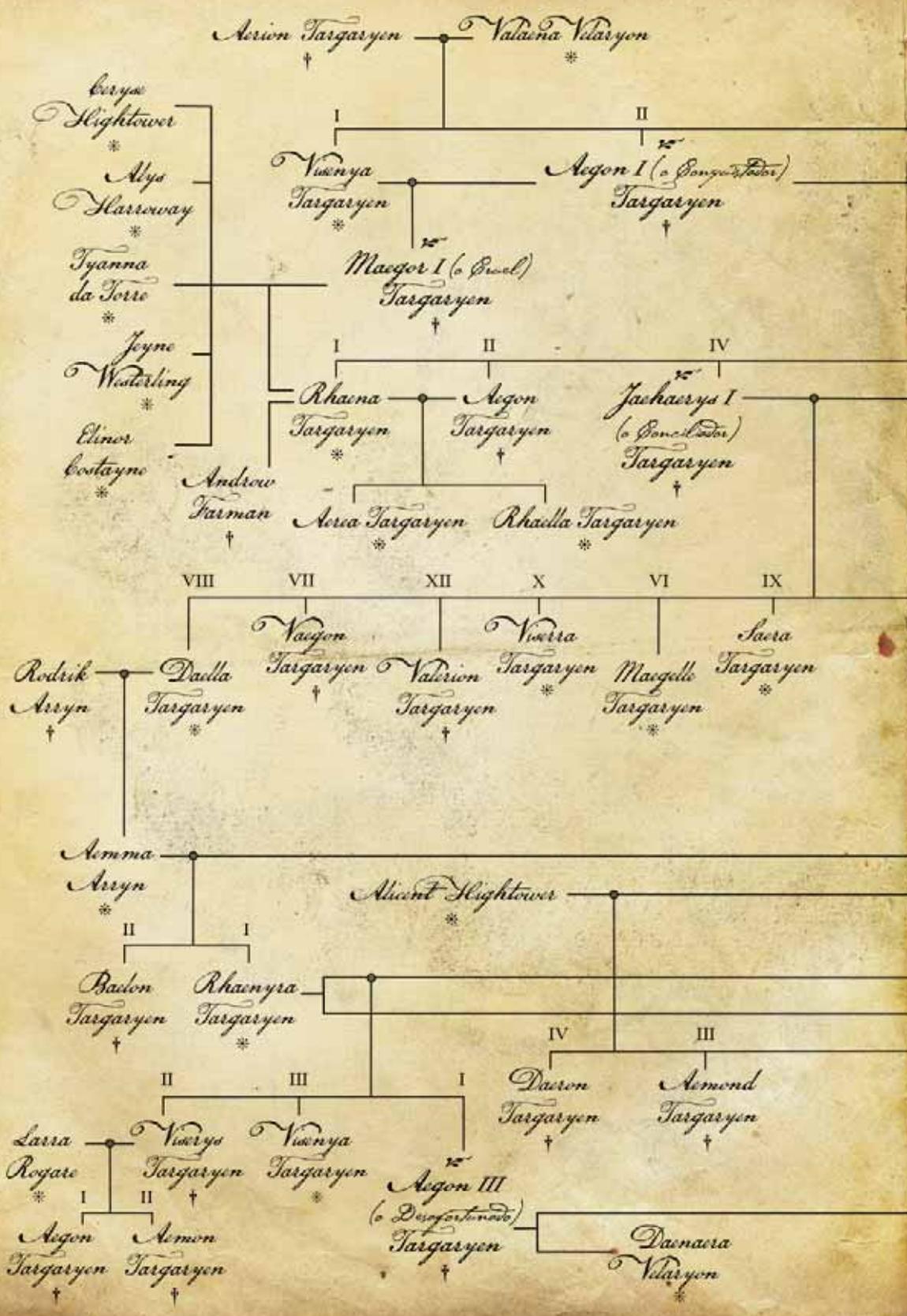
Ao romper da aurora do dia seguinte, Lorde Burley levou Sua Graça até ao topo da Muralha.

— Aqui termina o mundo — disse-lhe, indicando com um gesto a vasta extensão verde da floresta assombrada que se estendia do outro lado. Burley pediu muitas desculpas pela qualidade da comida e da bebida apresentadas à rainha, e pela natureza tosca das instalações em Castelo Negro. — Nós fazemos o que podemos, Vossa Graça — explicou o Senhor Comandante —, mas as nossas camas são duras, os corredores frios e a comida...

— ... é nutritiva — concluiu a rainha. — E isso é tudo o que eu exijo. Ficarei contente por comer como vós.

Os homens da Patrulha da Noite ficaram tão assombrados com o dragão da rainha como as pessoas de Porto Branco tinham ficado, embora a rainha tenha notado que Alaprata «não gosta desta Muralha». Embora fosse verão e a Muralha estivesse a chorar, o frio do gelo ainda se fazia sentir sempre que o vento soprava, e cada rajada fazia o dragão silvar e estalar os dentes. «Por três vezes fiz Alaprata voar bem alto acima de Castelo Negro e por três vezes tentei levá-lo para norte, para o outro lado da Muralha», escreveu Alysanne a Jaehaerys, «mas ele voltou sempre a virar para sul, recusando-se a avançar. Nunca antes se tinha recusado a levar-me para onde eu desejava ir. Ri-me do caso quando voltei a descer, para que os irmãos negros não se apercebessem de que alguma coisa estava errada, mas ele perturbou-me na altura e ainda me perturba». [...] **BANG!**

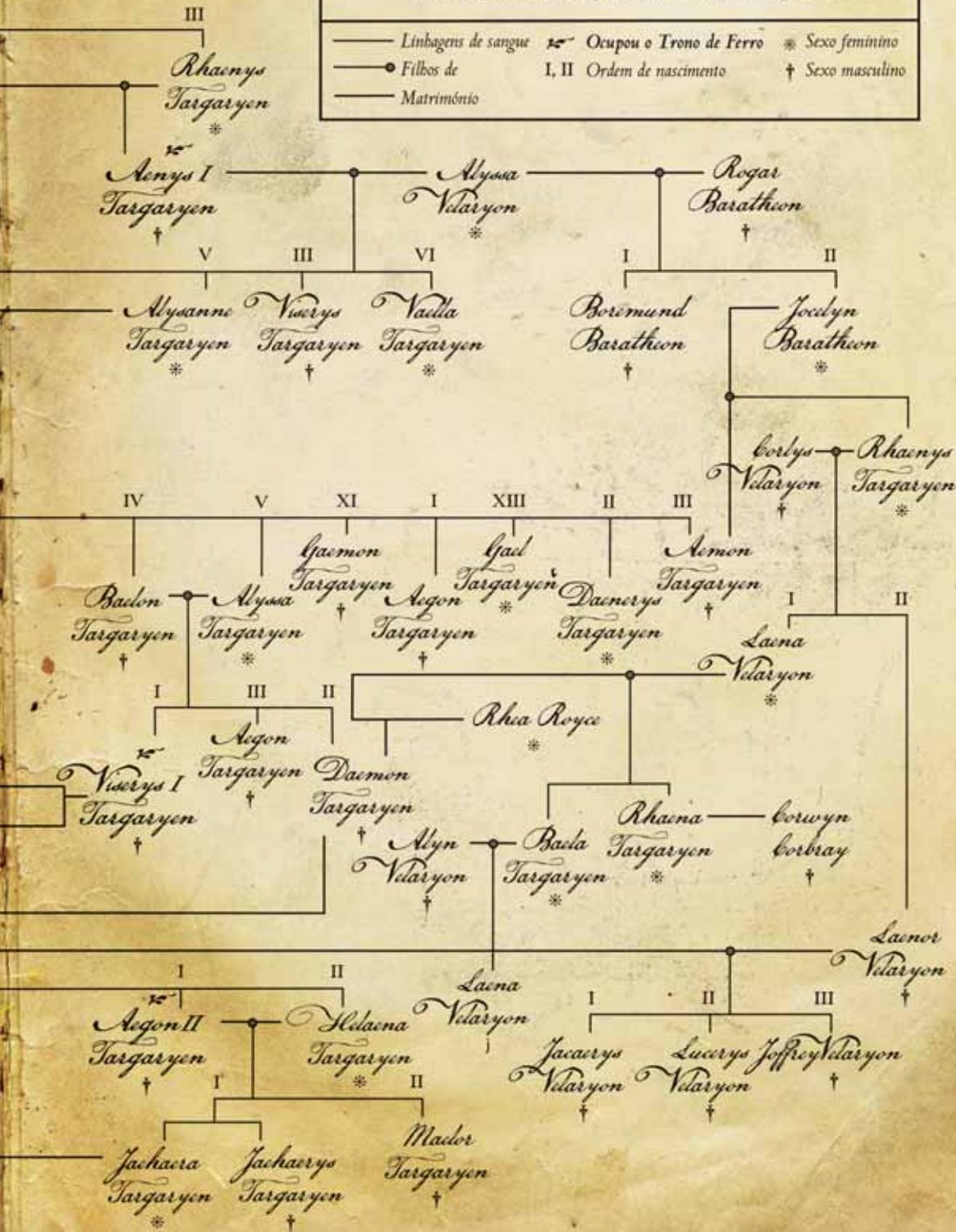




Árvore genealógica Targaryen

Da Conquista de Aegon à ascensão de Aegon II

—	Linhas de sangue	♁	Ocupou o Trono de Ferro	*	Sexo feminino
—○—	Filhos de	I, II	Ordem de nascimento	†	Sexo masculino
—	Matrimônio				





VENCEDOR
**MELHOR
ESCRITOR**
EISNER AWARD
2018

VENCEDOR
**MELHOR
SÉRIE
CONTÍNUA**
EISNER AWARD
2018

VENCEDOR
**MELHOR
PINTOR/
ARTISTA
MULTIMÉDIA**
EISNER AWARD
2018

VENCEDOR
**MELHOR
PUBLICAÇÃO
PARA JOVENS**
EISNER AWARD
2018

VENCEDOR
**MELHOR
ARTISTA
DE CAPA**
EISNER AWARD
2018

VENCEDOR
**MELHOR
HISTÓRIA
GRÁFICA**
HUGO AWARD
2017

VENCEDOR
**MELHOR
NOVELA
GRÁFICA**
BRITISH FANTASY
AWARD 2017



MONSTRESS, ou demónio interior

João Lameiras

A presença de Marjorie Liu e de Sana Takeda, as criadoras de *Monstress*, na primeira edição da Comic Con Portugal realizada a Sul, em Oeiras, é o pretexto ideal para falar desta série que a Saída de Emergência está a publicar em Portugal e que já venceu o Prémio Hugo e o British Fantasy Award em 2017. Um dos mais impressionantes e vistosos títulos da Image, a mais excitante editora americana da actualidade, *Monstress* reúne duas autoras que se conheceram e trabalharam juntas na Marvel, na série *X-23*, e que se voltaram a juntar para um projecto mais pessoal, com personagens criadas de raiz, cujos direitos lhes pertencem na totalidade.

A ideia-base de Marjorie Liu era simples, mas não era fácil de concretizar: criar um BD de fantasia épica sobre a ligação entre um *kaiju* (monstro da mitologia clássica japonesa) e uma rapariga, ambientada num espaço marcadamente asiático, com as mulheres a assumirem o protagonismo.

Nascida em Filadélfia em 1979, de pai natural de Taiwan e mãe americana, com raízes francesas, escocesas e irlandesas, Marjorie Liu formou-se em Direito e chegou a exercer advocacia, mas a vontade de escrever foi mais forte do que a de trabalhar como advogada, acabando por

se dedicar a tempo inteiro à literatura, tendo publicado o primeiro de uma série de romances de sucesso, *Tiger Eye*, em 2005. Embora não fosse grande leitora de banda desenhada na adolescência, Liu era fã dos X-Men, tendo escrito histórias de *fan fiction* com os mutantes da Marvel, sendo por isso natural que, quando se tornou escritora profissional, tenha decidido escrever BD para a Marvel, trabalho que, além do mais, tinha a grande vantagem de lhe proporcionar um rendimento mensal fixo, sem estar dependente apenas dos direitos de autor dos seus romances, pagos duas vezes por ano. Mas também em termos criativos a aventura na BD foi importante para Liu, pois como a própria refere: «A BD consegue tornar as coisas reais de uma maneira que as palavras nem sempre conseguem concretizar. Escrever banda desenhada deu-me um novo espaço para respirar; já não estou constrangida pelas palavras quando as palavras não são suficientes.»

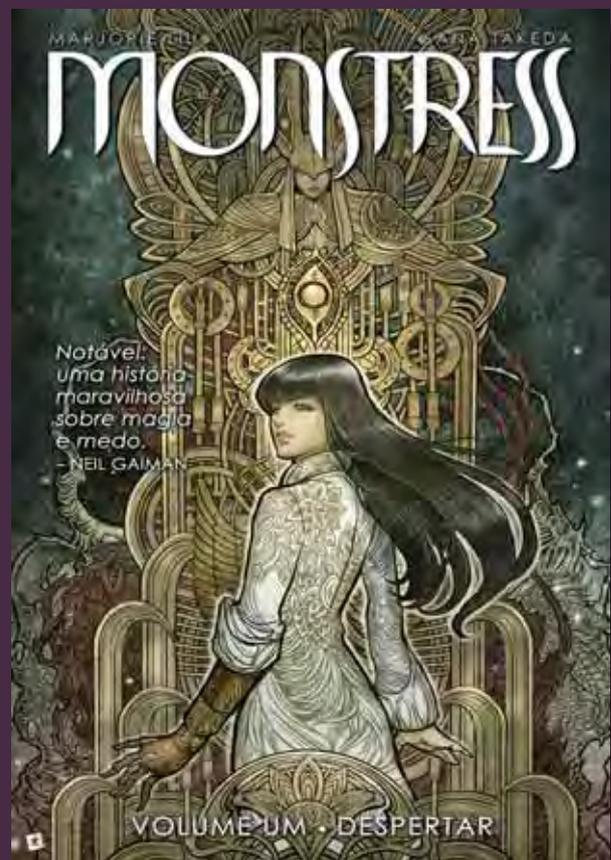
Depois de ter escrito diversas séries com os mutantes da Marvel, com destaque para *X-23* e uma mini-série da Viúva Negra, Liu achou que era altura de se lançar num projecto mais pessoal, baseado em experiências familiares. Como a própria refere: «Há muito tempo que queria contar uma história sobre o que significa sobreviver a uma guerra cataclísmica. A minha avó paterna foi a minha grande



inspiração, uma mulher que — na sua adolescência — sobreviveu a uma horrífica invasão da China, e conseguiu viver uma vida rica e preenchida. Enquanto criança, admirava a sua capacidade de sobrevivência — mas nunca pensei muito nas repercussões, no que é preciso para se recompor depois de uma experiência traumática como essa — porque eles portavam-se como se nada tivesse acontecido. Porque era essa a face que a minha avó e o meu avô (que também passou pela guerra) nos apresentavam: uma força absoluta e nada mais para além de uma verdadeira gratidão por estar vivo. Como adulta sempre almejei isso. E essa admiração, esse desejo para explorar o que acontece depois da guerra, está na origem de *Monstress*.»

Monstress colocou um novo desafio a Marjorie Liu, habituada a trabalhar dentro do universo Marvel. Um universo já estabelecido, com personagens bem conhecidas. Neste novo projecto, o universo de *Monstress* teve de ser criado de raiz, o que levou Liu a fazer apelo a capacidades desenvolvidas na sua actividade como escritora, mas que estavam adormecidas ao longo dos anos em que trabalhou para a Marvel.

Para criar este universo marcadamente feminino e oriental (praticamente não aparecem homens, nem personagens ocidentais na história), Marjorie Liu necessitava de um artista com quem tivesse total empatia e fosse capaz de desenhar um universo marcadamente



Monstress — Volume Um • Despertar; 208 páginas; PVP: 18,80€

oriental. Essa artista foi naturalmente Sana Takeda, com quem Liu teve uma colaboração perfeita, como a própria refere: «No início de *X-23*, precisámos de um artista substituto para encher um par de páginas, foi aí que entrou a Sana. Ela só desenhou duas ou três páginas, mas impressionou-me muito. Mais tarde, quando precisámos de um novo desenhador, pedi especificamente à editora que fosse ela. Foi um processo maravilhoso; até parecia que ela conseguia ler os meus pensamentos. Mais tarde, como acontece com todas as séries da Marvel, *X-23* chegou ao fim, mas nunca esqueci a bela experiência que foi trabalhar com ela.»

Sana Takeda, é uma ilustradora japonesa que trabalhava na indústria de videojogos, até ser descoberta por C. B. Cebulski, o actual editor-chefe da Marvel, que durante muitos anos funcionou como caça-talentos da Marvel, tendo levado para a Casa das Ideias diversos desenhadores portugueses, como João Lemos, Nuno Plati, André Lima Araújo, Filipe Andrade e Jorge Coelho. Cebulski, que viveu durante muitos anos no Japão, chegando a escrever secretamente argumentos para a Marvel com um pseudónimo japonês, além de arranjar diversos trabalhos para Takeda

na Marvel, trabalhou com ela na mini-série *Drain*, um projecto autoral, publicado pela Image em 2006.

Depois da colaboração bem-sucedida em *X-23*, as duas autoras falaram em voltar a trabalhar juntas, apesar de viverem em continentes diferentes — Liu nos EUA e Takeda no Japão —, e só se encontrarem pessoalmente em convenções, como a Comic Con Portugal, onde estiveram juntas, ou em ocasionais visitas de Liu ao Japão. Foi precisamente numa dessas visitas que as duas falaram em voltar a trabalhar juntas, embora Takeda, na sua modéstia tipicamente japonesa, pensasse que Marjorie Liu tinha dito aquilo apenas por cortesia.

Quando Liu e Takeda voltaram a colaborar em *Monstress*, eram duas mulheres diferentes das que tinham trabalhado em *X-23*. Marjorie Liu decidiu parar com os romances para se consagrar apenas àquilo que lhe dava verdadeiro prazer: a escrita de BD. Sana Takeda, que depois de *X-23* não tinha conseguido mais nenhum trabalho no mercado americano, por o seu traço ser considerado “demasiado japonês” pelos editores, tinha-se dedicado à ilustração, trabalhando para empresas de design e de videogames. O resultado desta nova colaboração é

naturalmente muito mais interessante e desafiador do que o trabalho anterior da dupla para a Marvel. Uma série fascinante e complexa, sobre a luta de Maika Meiolobo contra os seus inimigos e contra a criatura demoníaca que habita dentro de si. Uma história contada de forma não-linear, o que obriga a um maior investimento do leitor para entrar no universo da série, para o qual é imediatamente atraído pelo trabalho gráfico deslumbrante de Takeda, única responsável pelo desenho e cor, ambos digitais, que consegue ser épico, ou sombrio, de acordo com as necessidades da história.

A capa do n.º 7 da série mensal, que foi usada como capa do volume 2, na riqueza e beleza da sua composição, sintetiza bem o extraordinário trabalho de síntese que Sana Takeda faz das mais diversas influências, desde os mecanismos e rodas dentadas na parte inferior da imagem, que remete para um ambiente *steampunk*, à riqueza dos padrões do casaco de Maika e das colunas, muito *Art Nouveau*, passando para as ondas no canto direito que evocam a mais célebre gravura de Hokusai da série das trinta e seis vistas do Monte Fuji, às figuras da raposa e de Ren, o gato de duas caudas, que remetem para os Yokai, as entidades

sobrenaturais do folclore japonês, divulgadas por Shigeru Mizuki na banda desenhada e por Miyazaki no cinema. Ren, o gato de duas caudas vem directamente da tradição do folclore fantástico dos Yokai, pois diz a tradição que à medida que se vão tornando velhos e sábios, a cauda dos gatos se vai dividindo.

Embora Takeda não o refira expressamente nas entrevistas, Miyazaki também parece estar entre as maiores influências de *Monstress*, seja pelo difícil equilíbrio entre as personagens “fofas”, como a Kippa, a pequena raposa, e os momentos

verdadeiramente aterrorizadores, seja pela utilização das referências *steampunk*, tão presentes em *Monstress* como em filmes de Miyazaki, como *Howl's Moving Castle*, seja pela espectacular imagem da Ilha dos Ossos, no capítulo 10, que não pode deixar de evocar um dos momentos mais inesquecíveis de *Nausicaa of the Valley of the Wind*, a única banda desenhada de Miyazaki, que está na origem de um dos seus melhores filmes.

Exemplo feliz de uma fusão tão feliz como inesperada entre a banda desenhada ocidental, o manga e o cinema de animação japonês e os romances épicos de fantasia, *Monstress* é, nas palavras de Neil Gaiman (que, naturalmente, o diz bem melhor do que eu seria capaz de o fazer), «uma história maravilhosa sobre magia e medo, desumanidade e exploração e acerca do que significa ser humano e dos monstros que todos carregamos dentro de nós». **BANG!**



João Lameiras

É Mestre em História da Arte pela Universidade de Coimbra. Tem desenvolvido uma vasta actividade no campo da Banda Desenhada, como conselheiro editorial, tradutor, argumentista e crítico para diversas editoras e publicações e é sócio-gerente da Livraria Dr. Kartoos. Escreve com frequência no seu blogue <http://porumpunhadodeimagens>.



Monstress — Volume dois • O Sangue; 160 páginas; PVP: 18,80€



GOSTOU DESTA ARTIGO? DEIXE A SUA OPINIÃO EM:
WWW.REVISTABANG.COM





VIDA E OBRA

*Do fundo
do poço*

por João Monteiro

encontros imediatos do nosso grau

ficção científica
no cinema
português

O futuro dirá se estaremos a viver um período de ouro do cinema de Ficção Científica. A verdade é que os *reboots*, *remakes*, *sequelas*, *prequelas* e *spinoffs* de sagas clássicas como *Star Trek*, *Star Wars*, *Alien* ou *Blade Runner* têm reinado nas bilheteiras como há muito não se via. Até velhos mestres como Ridley Scott ou Spielberg se sentiram na necessidade de recuperaram a sua aura, ao mesmo tempo que surge uma nova geração, interessada em trabalhar especificamente neste género,

gente como JJ Abrams, Denis Villeneuve ou Alex Garland. Em Portugal, principalmente na última década, têm surgido muitos títulos que embora não inscrevendo o género numa representação nacional, são um sinal de que algo está a mudar. A FC portuguesa existe e é talvez um dos géneros cinematográficos mais praticados no nosso país com pelo menos um título por década desde os anos 60. Exploreemos então os meandros cósmicos da FC lusitana.



história de um médico, que fez estudos na guerra do Oriente, tratada à base das últimas descobertas científicas, o qual procura dar vida a qualquer ser humano, que se encontre em estado de boa conservação, em especial logo após o falecimento, dando privilégio à força

de vontade... Esta é a sinopse de *O Louco* exibido em 1946 e provavelmente a primeira incursão do cinema português na ficção científica (FC). Ao ler estas linhas é impossível para o leitor contemporâneo não evocar imediatamente as personagens de Victor Frankenstein e Herbert West («Reanimato», de Lovecraft, havia sido publicado nos anos 20). Só que deste título não restam materiais filmicos, que terão ardido num incêndio nos estúdios da antiga Tóbis nos anos 80. O seu realizador chamava-se Vítor Manuel e à data da produção de *O Louco* contava apenas com 18 anos de idade. Deixaria outra curta-metragem, *Justiça do Céu* (1952), tendo pertencido aos quadros da RTP toda a sua vida.

Até ao surgimento deste misterioso filme, apenas se poderia apontar registos próximos deste universo em insuspeitos filmes como o clássico de propaganda estatal *A Revolução de Maio*, que apresenta aos espectadores uma polícia secreta dotada do mais sofisticado equipamento de vigilância, cuja coqueluche é um gravador de voz. António de Macedo, de quem voltarei a falar mais à frente, interroga-se no documentário televisivo *Encontros Imediatos do Nosso Grau* acerca da possibilidade de o milagre de Fátima poder ser visto à luz de um fenómeno ovnilógico. Partindo deste pressuposto, se for essa a fé do leitor, podem-se incluir filmes como *Fátima Milagrosa* (1928) ou *Fátima, Terra de Fé* (1943) no lote dos pioneiros da FC nacional.

Não havendo hipótese de ver *O Louco*, então teremos de atribuir o título de primeira FC portuguesa a outro autor inesperado — o documentarista etnográfico António Campos, cuja primeira curta-metragem intitulada *A Invenção do Amor* data de 1965, e aponta claramente nesse sentido. Campos apresenta-nos uma sociedade distópica, próxima daquela que Orwell descreve em *1984*, na qual um dia um casal ousa “inventar o amor”. Adaptado do poema homónimo de Daniel Filipe, foi rodado em Lisboa, Leiria (sua terra natal) e Tomar. Ainda se estava a uma década da revolução e um filme de FC distópico produzido num país sob uma ditadura fascista constitui um ato de grande arrojo da parte de Campos. A polícia secreta cola cartazes pela cidade alertando a população para o ato subversivo do casal, mas numa língua que aponta para uma origem eslava, talvez na tentativa de desviar o tom crítico do filme para os regimes comunistas de leste e assim enganar a censura. A verdade é que António Campos tirou o filme de circulação por razões ainda hoje desconhecidas.

Teremos de saltar doze anos, atravessar o fim de um regime e o soprar de novos ventos para encontrarmos um filme muito semelhante a *A Invenção do Amor* mas, ao contrário deste, totalmente assumido quanto ao objeto da sua metáfora. Trata-se da primeira longa-metragem

de Luís Galvão Teles, *A Confederação* (1977), estreada em pleno PREC e inserida naquilo que foi classificado como o «cinema militante de Abril». Temos novamente no centro da intriga uma sociedade controladora que reprime a população e divide o país em duas zonas, Norte e Sul. No centro da ação está um casal de funcionários públicos que conspira contra o estado entregando-se ao amor sexual. Neste filme estão presentes todos os traços genéricos do tipo de cinema militante da época, do qual Galvão Teles é uma das figuras centrais (e mais radicais), ou seja, o uso de imagens do passado para representar o futuro (o subtítulo do filme é *O Povo é que faz a História*) e uma agenda assumidamente marxista que parece secundarizar os elementos artísticos da obra fílmica. O filme iria criar alguma crispação, principalmente entre os sectores mais reacionários, como o jornal *O Diabo*, que classificou Galvão Teles como «mediocre realizador soviético de expressão portuguesa».

Passariam mais quatro anos para vermos outro filme que se pode incluir no cânone secreto da FC portuguesa,

pela mão de um dos mais misteriosos cineastas provindos da geração do Centro Português de Cinema, José de Sá Caetano, cujos filmes Eduardo Prado Coelho classificou pertidamente de «objetos estéticos não identificados». Dos três filmes que realizou entre 1977 e 1986 — *As Ruínas do Interior*, *Azul Azul* e *Um S Marginal* —, o último é o único que se restringe a um género específico. A sinopse aponta para as consequências da instalação ao longo da costa portuguesa de uma rede de centrais transformadoras de energia oceânica e solar produzida por uma empresa multinacional e autorizada pelo governo português. Alguns dos efeitos dos empreendimentos são catastróficos — os animais domésticos fogem das cidades e voltam como animais selvagens. Afastando-se da

temática da distopia fascista, *Um S Marginal* é o primeiro filme que anuncia uma ideia de apocalipse, motivado pelos efeitos perversos das tecnologias de comunicação modernas. Através da justaposição de três ambientes — aeroporto, estaleiros navais e cenas de caça —, o filme aponta mais no sentido da urgência do presente em vez da projeção de um possível futuro. Mas esta interpretação carece de fundamento, porque o filme (tal como a obra) de Sá Caetano apenas apresenta pistas, encerrando significados no seu interior, é um filme que pertence a uma zona alternativa da paisagem cinematográfica portuguesa.

A década de 80 vem acompanhada de um renovado interesse pelo género, principalmente ao nível da sua expressão literária. Segundo Teresa Sousa de Almeida, no seu artigo «Estranha Viagem ao Mundo da FC em Português», a FC é um género lido em Portugal e, por isso, esta década testemunha o aparecimento de escritores portugueses especializados. É neste contexto que voltamos a António de Macedo (pioneiro do cinema de género e), escritor de FC. Já se encontram sinais da sua predileção por este género cedo na sua carreira, através da forma como filma a fábrica da Tabaqueira em *Nicotiana* ou o IPO



Cartaz de *Justiça do Céu*, 1952

em *Domingo à Tarde*, como se se tratasse de cenários futuristas. No seguimento do sucesso de bilheteira de *Os Abismos da Meia-Noite*, Macedo assume o risco e realiza o único filme que poderemos classificar de FC “pura e dura”. *Os Emissários de Kbalôm*, estreado em 1987, dá conta dos esforços de um grupo de investigadores na tentativa de impedir a iminente eclosão duma guerra nuclear. Destes esforços surge uma experiência que produz dois misteriosos seres, que viajam no tempo entre os séculos XIX e XX. Apesar de esteticamente não ter envelhecido tão bem quanto os filmes anteriormente mencionados, virtude de uma certa falta de prática deste tipo de filmes em Portugal, *Os Emissários de Kbalôm* é, no entanto, ao nível da escrita, extremamente ambicioso e original. Os misteriosos e frios emissários, a narrativa partida em dois tempos e a omnipotente e onnipotente empresa TLC que tudo controla denotam o contexto em que o filme foi produzido — a Guerra Fria — e apontam para as consequências da homogeneização das sociedades modernas através das tendências imperialistas norte-americanas. O tema universalista é, no entanto, contado do ponto de vista de um ex-império colonial. Neste filme (aliás como em quase toda a obra de Macedo) encontramos uma súpula das suas preocupações artísticas e filosóficas — o experimentalismo (o uso de vários efeitos especiais), o fantástico (as viagens no tempo) e o seu particular esoterismo místico (a mítica dimensão de Kbalôm, palavra hebraica que significa “sonho”).

Ao aproximar-nos do nosso tempo, emerge a figura singular do único cineasta série B português, Edgar Pêra. Em primeiro lugar, através de uma ideia sua desenvolvida por Pedro Ruivo no único filme que realizou, *A Força do Atrito*. Deixamos as distopias e



Imagens de *Fátima Milagrosa*, 1928
©CinePT

fazer uma festa de despedida de um que vai trabalhar para uma zona longínqua. Aquando da sua estreia, o filme foi arrasado pela crítica, que o considerou pejorativamente um «Mad Max à portuguesa». O problema do filme de Ruivo é curiosamente a falta de ação, ficando-se pelo retrato desolado de um Portugal presente entre transição do Cavaquismo dos anos 80 para o Guterrismo dos 90. Trata-se de um filme que com o tempo vai ganhando alguma densidade enquanto documento histórico, algo que na altura era difícil de extrair.

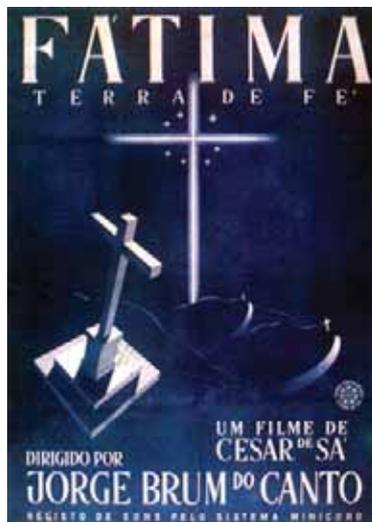
Dois anos mais tarde, Edgar Pêra realiza *Manual de Evasão — LX94*, uma encomenda da Lisboa, Capital Europeia da Cultura em 1994, filme que assenta na sua visão cinematográfica muito particular, riscando a imagem ou adulterando o som das vozes ou a velocidade da película. O seu trabalho aproximando-o de um *cyberpunk* lusitano, salientando uma das suas características mais interessantes, a forma como casa o

abraçamos uma nova tipologia científica, o pós-apocalipse. A ação passa-se num futuro próximo, mais precisamente no ano de 1997, onde um acidente nuclear deixou Portugal sem energia e dividido em zonas, algumas contaminadas, e, a acompanhar a desgraça, o país encontra-se também mergulhado numa profunda crise económica. Partindo dos cenários industriais abandonados da zona onde se iria realizar a Expo 98, *A Força do Atrito* transforma-se gradualmente num *road movie* onde três amigos procuram

castiço com o tecnológico. Para esta empresa, Pêra convida três autores ligados a universos científicos muito particulares — Terence McKenna, Rudy Rucker e Robert Anton Wilson — para discutirem questões filosóficas relacionadas com o tempo, tendo como ponto de partida a cidade de Lisboa. Pode-se classificar *Manual de Evasão* como uma carta de amor às potencialidades da FC enquanto género especulativo, na lógica do pressuposto que se trata de um género profético.

Ao cruzar o milénio aterra um verdadeiro OVNI nas salas portuguesas, *Aparelho Voador a Baixa Altitude*, a adaptação do conto «Low-Flying Aircraft» do autor britânico JG Ballard, tendo como pano de fundo as ruínas do complexo turístico de Troia. A realizadora sueca radicada em Portugal, Solveig Nordlund, não era estranha ao universo do autor de *Empire of the Sun*, *Crash* e *High Rise*. É dela o único documentário sobre Ballard produzido para a TV sueca e também uma curta-metragem — *Journey to Orion* — inspirada por outro conto, podendo mesmo dizer que Solveig Nordlund se antecipou a Spielberg e Cronenberg. Temos novamente uma sociedade de controlo num planeta onde se verifica uma descida acentuada da natalidade humana, havendo inclusive países a serem evacuados. É neste cenário que encontramos o casal Miguel Guilherme/Margarida Marinho, que desafia o sistema para ter um filho. Acresce o problema de os fetos se transformarem em zotes, misto de humano com monstro. Tal como em *A Força do Atrito*, é o cenário natural

— as ruínas do complexo turístico de Troia demolidas em 2005 — que condiciona a narrativa e nos mergulha numa paisagem *ballardiana* por excelência. O próprio escritor mostrou-se muito satisfeito com o resultado final, principalmente por Solveig ter incluído a sua perspectiva feminina num «assunto que diz respeito a todas as mulheres».



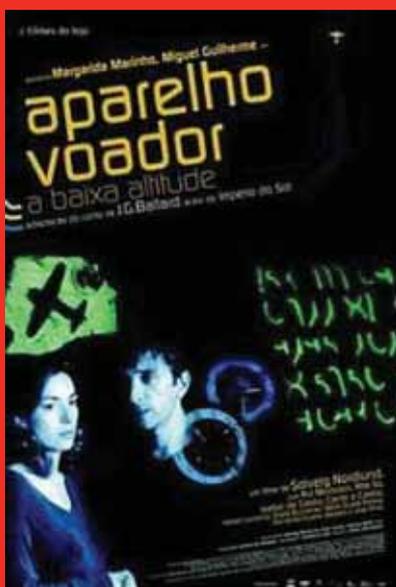
Cartaz de *Fátima, Terra de Fé*, 1943
©CinePT



Imagem de *Os Emissários de Khalôm*, 1987

E assim chegamos ao último exemplar de FC portuguesa: *Embargo*, de António Ferreira, mais uma adaptação, desta vez do único Nobel de literatura lusófona, José Saramago. Trata-se de um projeto de longa data do cineasta, do tempo em que estudava cinema, tendo inclusive filmado algumas sequências na altura. O projeto voltaria à sua cabeça aquando de uma greve de camionistas que provocou uma crise de combustível, tal como no conto. Passado num tempo indefinido, *Embargo*, como o nome indica, apresenta-nos um país durante um embargo de petróleo, onde um personagem chamado Nuno tenta vender uma invenção revolucionária para a indústria do calçado. A caminho de uma reunião, tem um acidente e fica retido no interior do seu carro devido a “um pequeno problema”. Apesar de conter a metáfora política da dependência excessiva de combustível, *Embargo* é, acima de tudo, uma comédia romântica sustentada por um ritmo humorístico bastante fluído e interpretações sólidas do par de estreados Filipe Costa e Cláudia Carvalho.

Na última década deu-se um *boom* de FC nunca antes visto. Títulos como *Collider*, *Backlight — Contraluz*, *RPG* ou *Gelo* estrearam nos cinemas em Portugal sem, no entanto, se terem destacado em receitas de bilheteira. Opto por não destacar estes filmes por se afastarem claramente de uma representação do espaço português, sendo na maioria coproduções faladas em inglês que visavam o acesso a



Cartaz de *Aparelho Voador a Baixa Altitude* ©CinePT



Cartaz de *Embargo*, 2010

outros mercados. Em conclusão, a breve história da FC lusitana é uma história de aproveitamentos, seja dos espaços físicos, seja dos contextos políticos. De *A Invenção do Amor* a *Embargo*, as ficções científicas dividem-se apenas em dois grupos: as distopias políticas que usam o género para dissimular o Portugal moderno, das avenidas novas ou do edifício da Caixa Geral de Depósitos; e, para o mesmo efeito, as ficções pós-apocalípticas nas ruínas da zona oriental de Lisboa ou de Troia. Em quase todos é o amor, platónico ou físico, que servem de instrumentos de subversão do sistema. Resumindo, a FC portuguesa não aponta ao céu mas à terra, é de natureza crítica e não especulativa. Como Ballard afirma no documentário de Solveig Nordlund, «a minha ficção científica acontece 5 minutos no futuro», e esse parece ser o espaço da FC portuguesa, um futuro demasiado próximo. **BANG!**



João Monteiro

Nasceu a 17/05/1977.

Licenciado em História da Arte.

Sócio fundador do Cineclub

de Terror de Lisboa (CTLX)

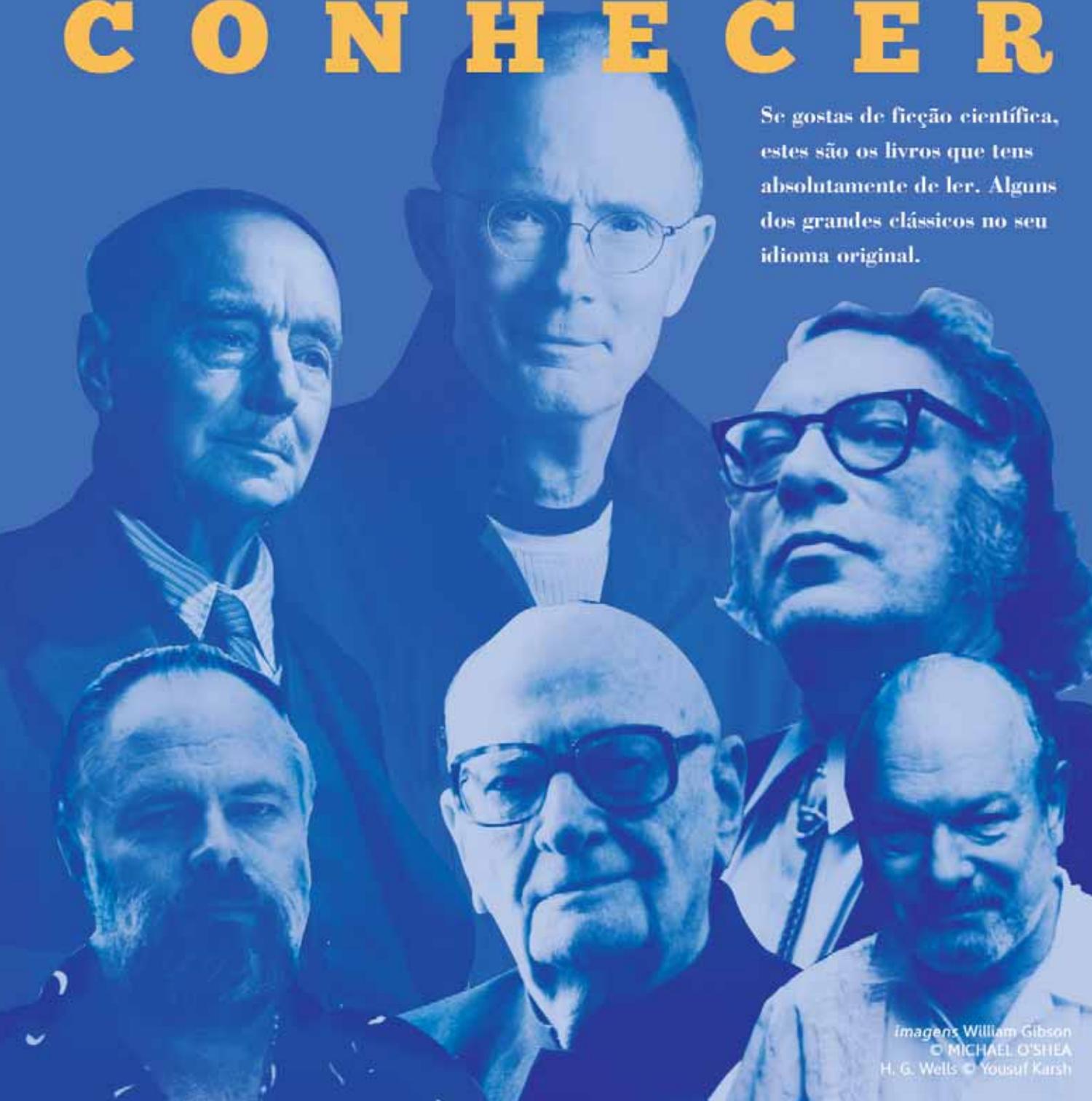
e produtor/programador do MOTELx.

GOSTOU DESTA ARTIGO? DEIXE A SUA OPINIÃO EM:
WWW.REVISTABANG.COM



6 CLÁSSICOS DE FICÇÃO CIENTÍFICA QUE TENS DE CONHECER

Se gostas de ficção científica, estes são os livros que tens absolutamente de ler. Alguns dos grandes clássicos no seu idioma original.



Imagens: William Gibson
© MICHAEL O'SHEA
H. G. Wells © Yousuf Karsh



A Guerra dos Mundos

H. G. Wells

A obra de H. G. Wells inclui títulos como *The Time Machine*, *The Invisible Man* e *The Island of Doctor Moreau*, mas muitas pessoas continuam a recordar o autor inglês devido a este livro de ficção científica, no qual acompanhamos dois homens, em perspetivas intercaladas, numa altura em que a Terra é invadida por perigosos extraterrestres. Várias vezes transposta para o grande ecrã, a mais célebre adaptação desta história continua a ser a que Orson Welles fez na rádio americana em 1938.

Fundação e Terra

Isaac Asimov

Originalmente publicado em 1986, este é o quinto — e, cronologicamente, o último — volume da série *Foundation*, uma das mais elogiadas de sempre na literatura de ficção científica. Parcialmente inspirada no Império Romano, a série mostra-nos a queda de um império galáctico e a história particular de um homem que reúne um grupo de pessoas com a missão de preservar todo o conhecimento humano antes que seja demasiado tarde.

Neuromancer

William Gibson

É um dos mais emblemáticos livros de ficção científica de todos os tempos e o primeiro a ser distinguido com os três prémios mais importantes do género: Hugo, Nebula e Philip K. Dick. Não é preciso muito mais do que isto para percebermos que se trata de um romance muito à frente do seu tempo, ou não tivesse como temas centrais a inteligência artificial, a realidade virtual e o ciberespaço — um termo que até ajudou a popularizar.

The Forever War

Joe Haldeman

Por falar em livros multipremiados, também este clássico de ficção científica militar foi distinguido, na década de 1970, com três importantes prémios: Hugo, Nebula e Locus. Um testemunho sobre a guerra — escrito por um autor que serviu na Guerra do Vietname —, *The Forever War* é a história de um relutante soldado terrestre que se vê envolvido numa guerra intergaláctica.

The Fountains of Paradise

Arthur C. Clarke

Eis um conceito diferente: neste livro, originalmente publicado em 1979, acompanhamos a construção de um elevador espacial. Um gigantesco elevador espacial, ou não esteja previsto que tenha aproximadamente 36 mil quilómetros de altura. A intenção é facilitar o contacto com um satélite, dispensando o uso de foguetões. Mas não será esta ideia muito próxima à da fatídica Torre de Babel?

Flow My Tears, The Policeman Said

Philip K. Dick

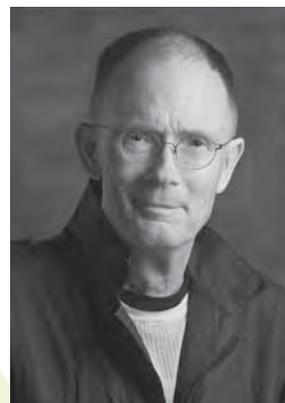
Do autor de obras tão emblemáticas como *A Scanner Darkly*, *The Man in the High Castle* e *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, eis um romance com uma premissa tão simples quanto sedutora: um cantor famoso, alvo de um ataque por parte de uma ex-amante, vê-se inexplicavelmente sem identidade numa sociedade distópica onde não é permitido ser-se anónimo. Um autêntico pesadelo de ficção científica.

E destes 6 autores, quem é que a Coleção Bang! vai publicar?



Isaac Asimov

cujo próprio nome é sinónimo da *Golden Age* da FC, vai estreiar-se em 2019 na Coleção Bang! com *Fundação* o primeiro volume da sua mais famosa série de FC.



William Gibson,

outro autor de culto da FC, também se vai estreiar na Coleção Bang! com *The Peripheral*, um *thriller* alucinante cujos direitos para TV foram adquiridos pela equipa responsável pela série *Westworld*.



O FANTÁSTICO em tempos de crise

Ana Cristina Rodrigues

Nos últimos anos, o Brasil tem passado por uma crise econômica e política que se refletiu no mercado editorial. As compras governamentais, que mantinham o mercado aquecido, foram suspensas; editoras sofreram cortes de pessoal ou fecharam, e livrarias passaram a espaçar ou adiar seus pagamentos. Quem restou, começou a andar com mais cautela e a procurar formas de garantir vendas e público.

As editoras grandes e médias, que tinham investido no fantástico, repensaram seus lançamentos. Houve lançamentos quase simultâneos, como foi o caso de *O rei das cinzas*, o primeiro livro da nova série de Raymond Feist (pela HarperCollins Brasil), porém, a ênfase passou a ser em títulos que receberam adaptações audiovisuais — caso de *O Terror* de Dan Simmons (pela Rocco) e *Carbono Alterado* de Richard Morgan (pela Record) — ou para o público *Young Adult*, como a série *Akatha*, de Nnedi Okorafor (pela Galera Record) e a trilogia *Crônicas de Morrighan*, de

Mary E. Pearson (pela Darkside Books). Nesse cenário de reavaliação, duas casas editoriais surgiram com propostas diferenciadas. A própria Darkside é uma que tem feito um grande investimento no fantástico, trazendo autores recentes como Becky Chambers e Thomas Olde Heuvelt. Outra surpresa foi o surgimento da Morro Branco, de catálogo bastante voltado à Fantasia e à FC, trazendo lançamentos recentes do mercado mundial, como Charlie Jane Anders e N. K. Jemisin, e obras de Octavia Butler até então inéditas. Em comum, prezam pelo capricho editorial, com design diferenciado — tendo influenciado outras a seguirem seu exemplo. A Aleph, que vinha se firmando como o grande nome editorial da FC no Brasil, passou por momentos difíceis, tendo diminuído a velocidade de lançamentos; aos poucos, vem retomando o ritmo anterior, lançando tanto autores mais recentes, como Ann Leckie, quanto clássicos inéditos no Brasil, como *Flores para Algernon*, de Daniel Keyes.

A produção brasileira continua volumosa e majoritariamente independente ou em pequenas editoras.

Os *bestsellers* continuam sendo os mesmos — Eduardo Spohr, André Vianco, Raphael Draccon, Carolina Munhoz —, mas uma mudança significativa foi a ida de Vianco para o selo de Fantasia da LeYa Brasil. Isso não significa que as editoras tenham desistido de publicar novos autores brasileiros: a Suma, selo do grupo Companhia das Letras voltado para a literatura fantástica, apostou em novos nomes como Gabriel Tennyson (*Deuses Caídos*) e Roberta Spindler, com a FC sobre esportes virtuais *Heróis de Novigrath*. Já a Seguinte, selo do mesmo grupo voltado para o *Young Adult*, lançou o mais recente trabalho do veterano

os lançamentos, passando a se dedicar mais aos quadrinhos. Seu lugar tem sido ocupado com o surgimento de novas editoras, como Avec e Lendari, direcionadas para a literatura de gênero brasileira. A Arte & Letra também prosseguiu na ativa, com edições limitadas e numeradas de livros de e sobre fantasia, como é o caso do recente lançamento *Fantástico Brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasmismo*, de Bruno Matangrano e Eneias Tavares, um panorama do fantástico no Brasil desde o século XIX. Uma nova editora com proposta diferenciada é a Dame Blanche: só publica novelas e noveletas em formato digital. Até o momento, só lançou autoras, tanto de Fantasia quanto de Ficção Científica, com destaque para *Lobo de Rua*, de Janayna Bianchi, fantasia urbana que usa o mito do lobisomem para falar de um dos problemas do Brasil, as crianças sem lar.

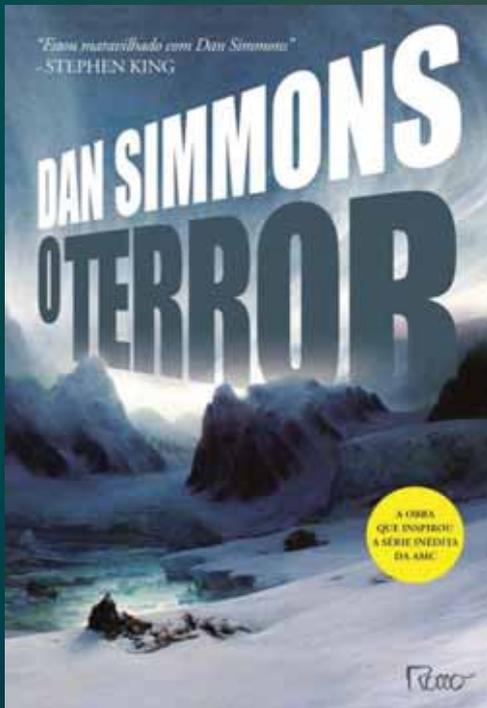
O digital também tem sido um caminho para autores independentes, principalmente depois da chegada da Amazon. Autores novatos se lançam no formato digital, como é o caso de Diego Andrade e seu *A canção dos Shenlong*, *bestseller* da categoria na loja virtual. Outro caminho tem sido o financiamento coletivo, que trouxe histórias de sucesso como *Araruama*, de Ian Fraser, que usa o folclore brasileiro como base, e financiou já dois volumes dessa forma.

Outro exemplo bem sucedido de financiamento coletivo é o da revista eletrônica *Trasgo*, que usa o sistema de apadrinhamento e já conseguiu

financiar um livro impresso. Mais recentemente, surgiram outras duas iniciativas de periódicos eletrônicos para o fantástico: a *Mafagafo*, que publica *flashfictions* e divide histórias mais longas como se fossem folhetins, e a *Fantastika 451*, dedicada a resenhas e artigos.

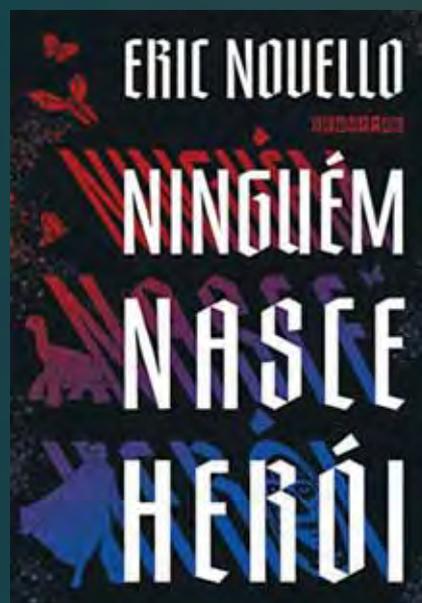
O coletivo também tem se expressado na realização de eventos. Depois de um hiato de três anos, a Odisseia de Literatura Fantástica organizou sua quinta edição através de um esforço conjunto de editoras e autores; e pela primeira vez haverá um espaço totalmente dedicado ao fantástico em um dos mais importantes eventos literários do Brasil. A Casa Fantástica, iniciativa da editora Presságio, estará com uma programação de escritores e editores do fantástico na edição de 2018 da FLIP.

Como sempre, o fantástico brasileiro tem buscado alternativas e soluções para continuar existindo e criando em meio ao momento complicado do país. Além disso, tem tratado e trazido uma diversidade de temas, tramas e personagens que enriquecem cada vez mais essa literatura. **BANG!**



Eric Novello, *Ninguém Nasce Herói*, fantasia urbana que trata de temas bastante atuais no Brasil, como a ascensão de uma tendência política religiosa e fanática.

Houve também uma mudança no perfil das pequenas editoras. A Jambô, responsável pela publicação do principal cenário de RPG brasileiro — Tormenta —, decidiu investir em material das suas franquias, incluindo material de Dragon Age e D&D. Para Tormenta, a novidade foi o romance de Karen Soarela, *A Joia da Alma*, retomando a publicação de narrativas longas no cenário. Já a Draco, que tinha se tornado referência no meio, diminuiu bastante



Ana Cristina Rodrigues

é escritora, tradutora e editora, com mais de 30 contos publicados em antologias diversas. Seu primeiro romance, o *Atlas Geográfico de Lugares Imaginados*, será lançado em 2019. Seu conteúdo online está reunido no site anacristinarodrigues.com.br/.





FICÇÃO ESTRANGEIRA

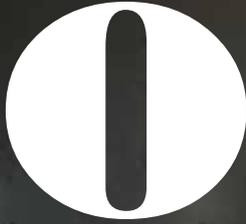


MOVIMENTO

nancy fulda

TRADUÇÃO DE GUILHERME PIRES





Sol está a pôr-se. O céu está magnífico, visto pelos painéis da janela do meu quarto; camadas sobrepostas de nuvens em chamas, com vermelhos e laranjas refratados. Acho que se não fosse pelo vidro, podia esticar-me e alcançar as nuvens, talvez deixar o meu próprio rasto de turbulência nos padrões rodopiantes que em breve escurecerão para anil.

Mas a janela está aqui e eu sinto-me encurralada.

Atrás de mim, os meus pais e um especialista do instituto de investigação neurológica estão sentados em cadeiras de abrir que trouxeram da cozinha, a discutir o meu futuro. Eles não sabem que eu estou a ouvir. Pensam que, porque escolho não responder, não reparo que estão aqui.

“Quais seriam os efeitos secundários?”, pergunta o meu pai. No calor sufocante da tarde, oiço o silencioso *zzzzz* do laser de ombro dele a alvejar mosquitos. O aparelho não é tão eficaz como era há dois anos: os mosquitos estão a ficar mais rápidos.

O meu pai acredita na tecnologia, foi por isso que contactou o instituto de investigação. Ele quer consertar-me. Tem a certeza de que existe uma forma.

“Não haveriam efeitos secundários no sentido tradicional.”, diz o especialista. Gosto dele, apesar da sua presença me deixar desconfortável. Ele escolhe sempre as palavras com muita precisão. “Estamos a falar de enxertos diretamente nas sinapses, e não de medicamentos. O processo é semelhante ao dobrar de um jovem rebento para influenciar a forma da árvore adulta. Nós reforçamos ligações dendricas essenciais e permitimos que o cérebro se continue a desenvolver de forma natural. Os neurónios jovens são muito maleáveis.”

“E já fizeram isto antes?” Não tenho de olhar para saber que a minha mãe tem o olhar carregado.

A minha mãe não confia na tecnologia. Ela passou os últimos dez anos a tentar impor-me comportamentos sociais através de meios mais suaves. Ela ama-me, mas não me compreende. Pensa que só posso ser feliz se sorrir e andar a rir e a correr pela praia como os outros adolescentes.

“O procedimento ainda é recente, mas o nosso primeiro paciente foi uma jovem aproximadamente da mesma idade da vossa filha. Depois, ela integrou-se maravilhosamente. Nunca foi uma aluna excepcional, mas começou a falar mais e teve mais facilidade em seguir os procedimentos da sala de aula.”

“Então e os... talentos da Hannah?”, pergunta a minha mãe. Sei que ela está a pensar na minha dança; e também na forma como me lembro de factos e números sem esforço. “Ela ia perder isso?”

A voz do especialista é muito firme, gosto da forma como ele apresenta os factos sem os tentar embelezar. “É uma questão de equilíbrio, Sra. Didier. O cérebro não pode estar otimizado para tudo ao mesmo tempo. Sem tratamento, algumas crianças como a Hannah crescem para se tornarem indivíduos extraordinários. Tornam-se famosos, mudam o mundo, aprendem a integrar as suas habilidades nas estruturas da sociedade. Mas apenas muito poucos têm essa sorte. Os outros nunca aprendem a fazer amigos, manter um emprego ou viver fora de instituições.”

“E... com o tratamento?”

“Não posso fazer promessas, mas há fortes hipóteses de a Hannah poder vir a ter uma vida normal.”

Pressiono a minha mão contra a janela. Sinto o vidro frio e liso debaixo da palma da mão. Aparenta estar imóvel, apesar de eu saber que a nível molecular está a fluir. Os seus átomos deslizam uns pelos outros, devagar, tão devagar; uma transformação não menos inevitável pelo seu ritmo. Gosto de vidro — e também de pedra — porque não muda demasiado rápido. Eu vou estar morta, tal como a minha família e os seus descendentes, antes que as deformações sejam visíveis sem um microscópio.

Sinto as mãos da minha mãe nos ombros. Ela veio por trás de mim e agora virou-me de forma a que eu seja obrigada a olhá-la nos olhos ou a afastar-me. Eu olho-a nos olhos porque a amo e porque estou calma o suficiente para o conseguir. Ela fala lenta e suavemente.

“Gostavas disso, Hannah? Gostavas de ser mais como os outros adolescentes?”

Nem sim, nem não me parecem apropriados, portanto não digo nada. As palavras são coisas tão fugazes e indefinidas. Elas escorrem pelos espaços entre os meus pensamentos e perdem-se.

Ela continua a olhar para mim, e eu pondero dar-lhe uma resposta que tenho andado a guardar. Há duas semanas ela perguntou-me se eu queria um novo par de sapatos para dançar e, se assim fosse, de que cor. Eu juntei as palavras apropriadas na minha cabeça, lisas e firmes como pedrinhas, mas decidi que não valia a pena dizê-las. Normalmente, quando chego a responder a uma pergunta, as pessoas já se esqueceram que a tinham feito.

As palavras que deram à minha condição são autismo temporal. Eu não gosto delas, porque são palavras e porque não sei se tenho alguma coisa em comum com os autistas, para além da falta de propensão para falar.

Mas acertaram na parte temporal.

A minha mãe espera doze-ponto-cinco segundos antes de me largar os ombros e voltar a sentar-se na cadeira de abrir. Sei que ela está triste comigo, por isso desço do parapeito da janela e apanho o saco de papel que mantenho enfiado debaixo da cama. As pegas são feitas de cordel, áspero e real contra os meus dedos. Pressiono o saco contra o peito e esgueiro-me pelas pessoas que conversam no meu quarto.

No andar de baixo, abro a porta da frente e olho para o céu deslumbrante. Sei que não é suposto eu sair de casa sozinha, mas também não quero ficar lá dentro. Acima de mim, os céus estão em movimento. As nuvens rodopiam como folhas num furacão: inchando, desaparecendo, dividindo-se e reestruturando-se a elas próprias; um letárgico mas inegável caos.

Quase que consigo sentir a terra a girar debaixo dos meus pés. Estou à deriva pelo espaço, uma partícula demasiado pequena para resistir à imensidão das formas que me rodeiam. Aperto os dedos em volta das pegas de cordel do saco para me impedir de rodopiar pela estratosfera fora. Pergunto-me como é ser alegremente ignorante da forma como o tempo molda a nossa existência. Pergunto-me como é ser como o resto das pessoas.

•••

Agora estou debaixo de um céu brilhante, o papel espesso do saco a estalar enquanto baloiça contra as minhas pernas. Estou a apertar as pegas com tanta força que o cordel se crava nos meus dedos.

Aos meus pés as caça-moscas estão a abrir, as suas flores espinhosas esticando-se desde rachas e fendas no pavimento. Elas são uma variedade doméstica que se tornou selvagem e estão a prosperar no ambiente nutritivo fornecido por esta zona da cidade. A nossa rua alberga uma quantidade de esplanadas e as flores, do tamanho de punhos, abrem todos os fins de tarde para agarrar migalhas de baguete ou fragmentos de salsichas, trazidos pelo vento, das mesas ali perto.

As caça-moscas deixam-me nervosa, apesar de eu duvidar se conseguiria transmitir a alguém a razão de isso acontecer. Parecem-me muito similares às nuvens que cruzam os céus com sombras resplandecentes de laranjas e dourados: sempre em mudança, sempre a tomar novas formas.

As plantas até já ultrapassaram o seu próprio nome. Já raramente se alimentam de moscas. O jogo de evoluir mais do que a presa deixou de compensar, e então elas aprenderam a sobreviver ao parecerem agradáveis à humanidade. Os padrões matizados ao longo das flores ficam mais intrincados a cada ano que passa. As bocas espinhosas fecham-se tão dramaticamente quando um pedaço de proteína ou hidrato de carbono fica ao seu alcance, que as crianças riem e apressam-se a ir buscar mais.

Uma caça-moscas em especial chama-me a atenção. Tem uma flor magnífica, maior e mais colorida do que qualquer outra que eu tenha visto, mas o caule é demasiado fino para suportar esta inovação. A flor jaz caída contra o passeio, escondida pelas outras plantas mais pequenas e robustas que se juntam acima dela.

É uma encruzilhada crítica na cadeia evolucionária, e eu quero observar para ver se a planta vai sobreviver para passar os seus genes. Apesar das caça-moscas como um todo me desinquietarem, esta planta em particular é reconfortante. É como o espaço entre duas secções de música; algo está prestes a acontecer, mas ninguém sabe exatamente o quê. A planta pode extinguir-se discretamente, ou pode viver para originar a próxima geração de caça-moscas; uma geração mais bem apetrechada para sobreviver do que todas as que existiram antes.

Eu quero que a caça-moscas sobreviva, mas dá para perceber pela cor adoentada das suas folhas que isso é improvável. Pergunto-me se tivessem oferecido à planta a certeza da mediocridade em vez da hipótese de grandeza, se ela teria aceitado?

Recomeço a andar porque tenho receio de começar a chorar. Sou demasiado nova. Não é justo que me peçam para tomar este tipo de decisão. E também não é justo que outra pessoa a tome por mim.

Não sei o que é que devo querer.

•••

Avelha catedral, quando surge ao fundo da avenida, apazigua-me. É como uma rocha no meio de um rio tormentoso, desgastada em volta mas praticamente imune às correntes caprichosas do tempo. Olhar para ela faz-me pensar em Daniel Tammet. Tammet era um autista-eru-

dito do século XXI que reconheceu todos os números primos de 2 até 9973, por na sua mente lhe parecerem redondos e lisos como pedrinhas numa praia. A arquitetura histórica faz-me sentir como os números primos de Tammet lhe devem ter feito sentir a ele.

Dentro do edifício, o padre cumprimenta-me gentilmente mas não espera uma resposta. Ele já está habituado a mim, e eu sinto-me confortável com ele. Não me exige que desperdice esforços em coisas fugazes — coisas inúteis —, como pedaços de conversa que serão arrebatados pelo avanço impetuoso do tempo sem deixar qualquer marca duradoura. Passo por ele e entro na sala vazia onde as janelas coloridas lançam sombras de luz sobre as paredes.

Os meus passos ecoam ao passar pela portada e sinto-me subitamente sozinha.

Sei que há outras pessoas como eu, a maioria com a mesma origem étnica, o que indica que somos o resultado de uma mutação recente. Nunca pedi para me encontrar com elas. Não me pareceu importante. Agora, enquanto me sento contra as paredes poeirentas e descalço os sapatos de rua, acho que talvez tenha sido um erro.

O saco de papel faz barulho quando tiro de lá os sapatos de dança. São sapatos de pontas, reforçados para um tipo de dança que a anatomia humana não consegue atingir sem ajuda. Deslizo o meu pé ao longo do palmilha, com os meus dedos a aconchegarem-se na forma familiar da caixa. Enrolo as faixas cuidadosamente, para ter a certeza que o meu pé está devidamente apoiado.

As outras pessoas não vêem os sapatos da mesma forma que eu. Elas veem apenas o cetim coçado, puído pelo uso, e a madeira da caixa que se vê por entre fendas. Não veem como o cabedal usado já se adaptou à forma do meu pé. Não sabem o que é dançar com sapatos que são como uma extensão do corpo.

Começo por aquecer os músculos, muito atenta aos caminhos que as sombras percorrem nas paredes enquanto o pôr do Sol cede lugar à escuridão. Quando termino o último dos meus *plés* e *jetés*, as estrelas brilham através do vidro colorido das janelas, desorientando-me com o seu deslocamento. Estou à deriva pelo espaço, parte de um sistema solar a precipitar-se pelo exterior da galáxia. É difícil respirar.

Por vezes, quando o fluxo do tempo se torna demasiado forte, eu meto-me no escuro debaixo da minha cama e passo os dedos pelas pedras ásperas e pedaços irregulares de vidro que guardei aí. Mas hoje os meus sapatos de pontas estão a ligar-me ao chão. Avanço até ao centro da sala, ergo-me em pontas...

E aguardo.

O tempo gira e estica como melaço puxando-me em todas as direções de uma só vez. Eu sou como o silêncio entre um movimento de música e o próximo, como uma gota de água apanhada a meio de uma cascata que ficou congelada no tempo. Forças agitam-se e rodopiam contra mim, a rugir com o som da realidade em mudança. Oíço o meu coração a bater na sala vazia. Pergunto-me se era assim que Daniel Tammet se sentia quando contemplava o infinito.

Finalmente encontro-o; um padrão no caos. Não é propriamente música, mas é muito parecido. Desbloqueia o terror que me contraía os músculos e eu deixo de ser

um grão de pó num furacão. Eu sou o próprio furacão. Os meus pés levantam pó junto ao chão. O meu corpo move-se de acordo com a minha vontade. Não há palavras aqui. Só estou eu e o movimento, rodopiando em padrões tão complexos quanto inconstantes.

A vida não é a única coisa que evolui. A minha dança muda a cada dia, às vezes a cada segundo, com as sequências a repetirem-se ou extinguírem-se conforme me agradam mais ou menos. A um nível superior no fractal, as formas de dança também sofrem mutações e morrem. As pessoas chamam ao *ballet* uma arte intemporal, mas a dança mostrada nos teatros modernos é muito diferente do *ballet* original que surgiu em França e Itália.

A minha faz parte das espécies em extinção na hierarquia do espetáculo; uma variante neoclássica de que ninguém se lembra, ninguém paga para ver e só poucos grupos de dança alguma vez imitam. É solitária, linda e condenada à destruição. Adoro-a porque o seu destino está traçado. O tempo já não tem poder sobre ela.

Quando os meus músculos perderem a força, eu vou abandonar a ilusão de controlo e voltar a ser apenas mais uma partícula no avanço caótico do universo, um espectador da minha própria existência. Mas por agora não sinto nada a não ser o meu próprio movimento e a energia a fluir pelas minhas veias. Se não fosse pelas limitações físicas, eu continuava a dançar para sempre.

...

Quem me encontra é o meu irmão. Ele trouxe-me aqui muitas vezes e, enquanto eu danço, espera com piscares eletrónicos nas têmporas. Gosto do meu irmão. Sinto-me confortável com ele, porque ele não espera que eu seja algo diferente daquilo que sou.

Na altura em que eu me ajoelho para desatar os sapatos de dança, os meus pais também já chegaram. Eles não estão calmos e calados como o meu irmão. Eles estão suados do ar noturno e falam em frases tensas que se encavalitam por cima umas das outras. Se eles se dessem ao trabalho de esperar, eu poderia encontrar palavras que sossegassem o seu balbuciar frenético. Mas eles não sabem falar na minha escala temporal. As conversas deles duram segundos, às vezes minutos. São como o zumbir de mosquitos para os meus ouvidos. Eu preciso de dias, às vezes semanas, para organizar os meus pensamentos e encontrar a resposta perfeita.

A minha mãe aproxima-se da minha face e parece angustiada. Eu tento acalmá-la com a resposta que tinha guardada.

“Não quero sapatos novos”, digo eu. “Não conseguia dançar igual com sapatos novos.”

Percebo que estas não eram as palavras que ela queria ouvir, mas parou de me ralar por ter saído de casa sozinha.

O meu pai também está zangado. Ou talvez esteja com medo. A voz dele está demasiado alta para mim, e eu aperto os dedos em volta do saco de papel que tenho nas mãos.

“Pelas estrelas, Hannah, fazes ideia de quanto tempo andámos à tua procura? Gina, vamos ter de fazer alguma coisa rapidamente. Ela podia ter ido parar ao Distrito Vermelho, ou ter sido atropelada por um carro, ou...”

“Não quero que me pressionem a fazer isto!” A voz

da mãe está zangada. “O Dr. Renoit vai começar um novo grupo de terapia no próximo mês. Nós devíamos...”

“Não sei porque és tão teimosa acerca disto. Não estamos a falar de medicamentos nem de cirurgia. É um simples procedimento não invasivo.”

“Que ainda não foi testado! Temos visto progressos com o programa ABA. Não estou disposta a mandar isso fora só porque...”

Oiço o *zzzap* do laser de ombro do meu pai. Como não ouvi o zumbido de um mosquito, sei que ele atingiu uma partícula de pó. Isto não me surpreende. Nos anos que passaram desde que o meu pai comprou o laser, os mosquitos mudaram, mas o pó continua igual ao que era há milénios.

Um momento depois oiço a minha mãe a praguejar e a dar uma palmada na camisola. Na sua fuga, o mosquito passa a zumbir pela minha orelha. Tenho tomado nota das estatísticas ao longo dos anos. A abordagem tradicional da mãe para os mosquitos é tão ineficaz como a solução de alta tecnologia do pai.

...

O meu irmão leva-me para casa enquanto os meus pais discutem sobre o futuro. Sento-me no quarto dele enquanto ele se deita e ativa os implantes nas têmporas. Pontos de luz cintilam pela sua testa, piscando porque ele está ligado à Vastidão. Agora a mente dele alarga-se. Alarga-se e estende-se por horizontes sem fim. Cada impulso dos seus neurónios relampeja através das redes mentais para ir estimular os neurónios de outros, tal como os deles estimulam os seus.

Quarenta minutos mais tarde, os meus avós param em frente da porta aberta. Os meus avós não entendem a Vastidão. Eles não sabem que a baba lhe escorre pela bochecha porque é difícil processar as débeis mensagens do corpo quando a mente está inundada de estímulos. Eles veem a ausência de expressão da face e os olhos vítreos fixos no teto. Percebem que ele está longe de nós, desaparecido para algum sítio onde eles não podem ir, e acham que deve ser mau.

“Não está certo”, resmungam eles. “Deixar a mente apodrecer assim.” Os pais dele não o deviam deixar passar tanto tempo naquela coisa.”

“Lembras-te como era quando éramos novos? Como nos juntávamos todos em volta da mesma consola de jogos? Toda a gente na mesma sala. Toda a gente a olhar para o mesmo ecrã. Isso é que era conviver. Isso era entretenimento saudável.”

Eles abanam as cabeças. “É uma pena os jovens de hoje em dia já não saberem ligar-se uns aos outros.”

Não quero ouvi-los falar, portanto levanto-me e fecho-lhes a porta na cara. Sei que eles vão achar esta ação injustificada, mas não me importo. Eles conhecem as palavras para autismo temporal, mas não compreendem o que isso significa. Lá no fundo, ainda acham que eu sou só malcriada.

Debilmente, através da porta, oiço-os a dizerem um ao outro o quão diferentes os jovens de hoje são do que eram dantes. A frustração deles baralha-me. Não percebo por que razão os mais velhos esperam que as gerações mais novas fiquem estagnadas, porque deveriam, num

mundo tão tumultuoso, jogar os mesmo jogos que os seus avós jogavam.

Observo as luzes a piscar nas temporas do meu irmão, um padrão estocástico que me recorda o nascimento e morte de sóis. Neste momento, ele está a usar uma percentagem mais alta dos seus tecidos neuronais do que qualquer pessoa nascida há cem anos podia sequer imaginar. Ele está a comunicar com mais gente do que o meu pai conheceu durante toda a sua vida.

Como será que foi, quando o *Homo habilis* começou a emitir os ruídos que deram origem à linguagem moderna? Seríam aquelas crianças de ruídos bizarros consideradas defeituosas, antisociais, incapazes de interagir com os seus semelhantes? Quantas variações genéticas roçaram a linguagem, até que uma encontrou aceitaço suficiente para se perpetuar?

Os meus avós dizem que a Vastidão está a distorcer a mente do meu irmão, mas eu acho que na verdade é o oposto. A mente dele foi feita para procurar a Vastidão, tal como a minha está sintonizada com o fluír estonteante dos segundo e dos séculos.

•••

Anoite colide com a manhã e, algures pelo caminho, eu adormeço. Quando acordo, o céu para lá da janela do meu irmão brilha com a luz do Sol. Se aproximar a cara do vidro, consigo ver a caça-moscas com a flor magnífica e o caule dobrado. Ainda é demasiado cedo para perceber se vai sobreviver a este dia.

Lá fora, os vizinhos cumprimentam-se uns aos outros; os mais velhos com acenos de cabeça ou passou-bens educados, os adolescentes com gritos e gestos de calão. Pergunto-me quais dos novos cumprimentos usados hoje se vão enraizar no vocabulário de manhã.

As estruturas sociais seguem o seu próprio caminho evolutivo – infinitas variações a surgir, competir e desaparecer na agitaço. A catedral no final da nossa rua vai um dia albergar humanos a falar uma língua diferente, com costumes completamente diferentes dos nossos.

Tudo muda. Tudo está sempre em mudança. Para mim, o processo é muito semelhante a ondas que batem nas rochas costeíras: Puxa, enrola, chape, puxa... Caos, inevitável na sua consistência.

Não devia ser surpresa que, para chegar daquilo que somos até àquilo em que nos estamos a tornar, exista fricço e falsas partidas pelo caminho. O ruído é intrínseco à mudança. O progresso é inerentemente caótico.

A mãe chama-me para o pequeno-almoço, depois tenta conversar enquanto eu como uma torrada com manteiga. Ela acha que eu não respondo porque não a ouvi, ou talvez porque não me importo com ela. Mas não é isso. Sou como o meu irmão quando está ligado à Vastidão. Como é que eu posso jogar a desenterrar respostas memorizadas para perguntas sem importância, quando o mundo está a mudar tão rapidamente? Os céus giram lá fora, as placas tectónicas deslocam-se debaixo os meus pés. Tudo à minha volta está ou a crescer ou a desmorronar-se. As palavras são insípidas e insignificantes em comparaço.

A mãe e o pai evitaram discutir enxertos sinápticos um com o outro durante toda a manhã, um claro indício de que as estratégias de comunicaço deles devem evoluir

uma vez mais. As conversas deles sobre mim sempre foram tensas. Frases disputadas desapareceram do vocabulário da nossa família, e os meus pais têm constantemente de inventar novas para preencher os vazios.

Eu também estou a evoluir, pouco a pouco, à minha própria maneira. As ligações dentro do meu cérebro estão a formar-se, sobrevivendo e perecendo. A cada escolha que eu faço altero o genótipo da minha alma. Acho que isso é aquilo que os meus pais não conseguem ver. Eu não sou estática, não mais do que o grande vidro da janela que ilumina a mesa do pequeno-almoço. Dia a dia, estou a aprender a moldar-me a um mundo que não me aceita.

Pressiono as mãos contra a janela e sinto o toque liso e frio sob a minha pele. Se fechar os olhos quase que posso sentir as moléculas a deslizar. Se o deixarem continuar por tempo suficiente, o vidro algum dia irá encontrar a sua própria forma. Uma forma restrita não pelas mãos dos homens, mas pelas leis do universo e pela sua própria natureza.

Descubro que decidi algo.

Não quero viver em ponto pequeno. Não quero ser como toda a gente, ignorando o avanço impetuoso do tempo, presa a frases em corridas frenéticas. Quero ser algo diferente, algo para o qual não encontro a palavra.

Puxo o braço da mãe e bato no vidro para lhe mostrar que não estou parada por dentro. Como de costume, ela não percebe aquilo que eu lhe tento dizer. Eu queria explicar, mas não encontro forma de o fazer. Tiro os meus sapatos de *ballet* do saco de papel e coloco-os em cima do panfleto de informações deixado pelo neurocientista.

“Eu não quero sapatos novos”, digo eu. “Eu não quero sapatos novos.” **BANG!**



Nancy Fulda

Foi nomeada para os prémios Hugo, Nebula e BSFA. Autora de vários contos publicados em revistas como a *Asimov's Science Fiction*, *Daily Science Fiction* ou *Beneath Ceaseless Skies*. Para além de escrever ficço está atualmente a completar um doutoramento na área de inteligência artificial e sistemas cognitivos na Brigham Young University.

O'S Passarinhos



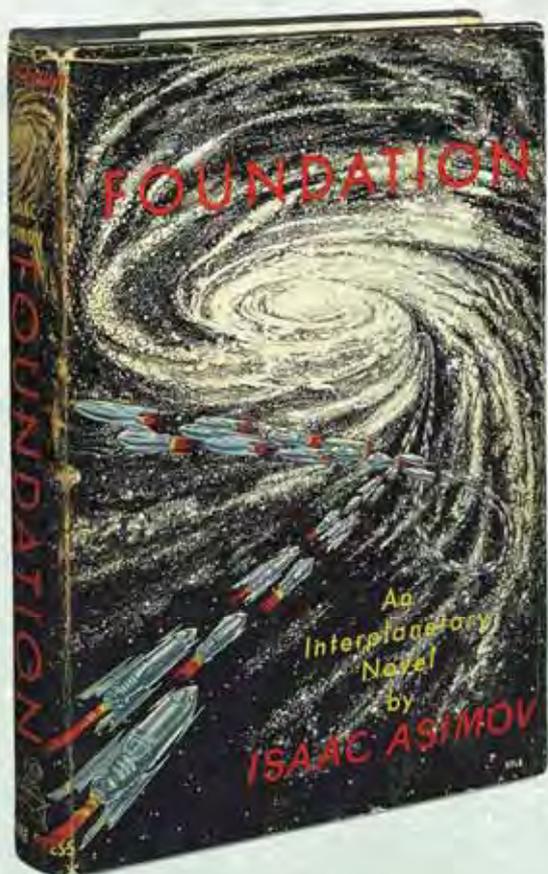
Estevão Ribeiro





A FUN DA ÇÃO

por **JAIME
NOGUEIRA PINTO**



O meu primeiro contacto com A Fundação de Isaac Asimov foi no dia 6 de Agosto de 1966. Li o segundo volume da trilogia numa viagem de comboio Lisboa-Porto, acabados os exames na Faculdade de Direito. Sei a data de cor porque nesse dia, Sábado, foi inaugurada a ponte sobre o Tejo, então Ponte Salazar, e hoje, por obra e graça da restauração democrática, Ponte 25 de Abril.

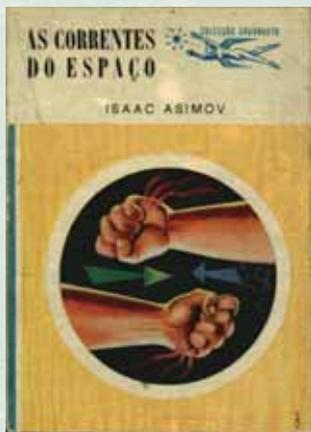
Fui no Rápido, embora já existisse o Foguete desde 1953. O Rápido demorava cerca de seis horas, o que me deu para devorar a *Fundação e Império* com a aplicação de um verdadeiro fanático de SyFy. Tinha vinte anos e ia lendo na Argonauta, nas traduções do Eurico da Fonseca, os grandes mestres do género: Robert Heinlein, Clifford D. Simak, A.E. van Vogt, Ray Bradbury. Os editores da Argonauta, que escolhiam alguns dos melhores títulos dos melhores autores, optaram por traduzir primeiro a *Fundação e Império*, o segundo volume da trilogia Fundação. Tinham também excelentes capistas – como Lima de Freitas e Cândido Costa Pinto –, que abriam à imaginação do leitor a expectativa de mais sonhos e maravilhas.

A capa de Lima de Freitas para a edição portuguesa da *Fundação e Império* era uma cidade de tons brancos em fundo azul, um céu de crepúsculo soleado, onde pairavam uma lua esquecida e uma pequena nave interestelar.

Nunca fui grande leitor de policiais, com excepção de autores ou de guiões mais agitados, como os de Leslie Charteris, S.S. Van Dine ou Mickey Spillane, e dos próximos do Romance Negro, Raymond Chandler ou Dashiell Hammett, mas a ficção científica atraiu-me desde sempre. Era um mundo onde eu tinha entrado por volta dos onze ou doze anos, quando era como Bradbury diz que era: um miúdo a olhar para Marte numa noite de Verão, maravilhado. E ao reler agora a *Fundação*, acho que nunca deixei de o ser. De qualquer forma, a criação de universos alternativos, povoados de *robots*, vampiros e naves que se moviam por espaços mais vastos do que a Via Láctea, onde a imaginação, com asas recebidas por uma ciência e tecnologia que avançavam tanto quanto o engenho do autor quisesse, potenciava-me então os sonhos (e os pesadelos), conferindo-lhes novas qualidades.

Isaac Asimov foi um dos grandes arquitectos desses universos e um dos meus guias para os novos mundos que abriam; dele já tinha lido *As correntes do Espaço* (n.º 21 da Argonauta), *As Cavernas de Aço* (n.º 37) e *A Ameaça dos Robots* (n.º 70). *Fundação e Império*, o n.º 86, tinha tudo para me agarrar, como me agarrou naquele Sábado de Agosto de 1966, na volta a casa para as férias grandes, olhando a paisagem que corria pelas janelas do comboio até à Granja, a Espinho, a Miramar, a Gaia, ao Porto.

Na *Fundação e Império*, o Império Galáctico, com capital em Tranton, é governado pelo imperador Cleon II e está em decadência: prevendo um longo interregno de barbárie e de caos, Hari Seldon, um sábio, homem de filosofia e ciência dotado de um extraordinário talento matemático, inventara



Isaac Asimov foi um dos grandes arquitectos desses universos e um dos meus guias para os novos mundos que abriam; dele já tinha lido As correntes do Espaço (n.º 21 da Argonauta), As Cavernas de Aço (n.º 37), A Ameaça dos Robots (n.º 70) e Fundação e Império (n.º 86).

uma nova ciência futurológica, a Psico-História. Era uma ciência algorítmica que permitia prever o futuro a partir de uma racionalização dos comportamentos dos decisores e das massas humanas.

É antecipando a decadência e a queda do Império que Seldon, seguindo um método de Arca de Noé, estabelece um *brain trust* de homens de ciência e reflexão teórica, uma espécie de guardiães da civilização e da memória colectiva.

A ideia é que reúnam numa Enciclopédia Galáctica os segredos da História, da Ciência e da Tecnologia para que a civilização sobreviva ao caos e à barbárie. É a esse *brain trust* que Seldon chama a Fundação. Assim, ao longo da Galáctica e do Império galáctico de Tranton definem-se várias entidades – o Império em decadência, a Fundação,

como alternativa, e os reinos bárbaros. Tal como acontece em muita ficção científica, o primitivo e o moderno juntam-se no que nos lembra uma Alta Idade Média com tecnologia – naves intergalácticas, energia atómica, armas de destruição maciça a par de estruturas de poder feudais ou monárquico-feudais; Estados que, nas guerras, no comércio, na religião, mantêm entre si uma geometria variável de alianças. Não deixa de ser curioso que não existam, nos clássicos de ficção científica, sociedades democráticas.

No início de *Fundação e Império*, um general inteligente, corajoso e popular, desconfiado e receoso do poder da Fundação e dos riscos que representa para o Império, lança-se numa guerra contra a criação de Seldon. Para o

general Bel Riose, Asimov ter-se-á inspirado em Flávio Belisário, também imortalizado por Robert Graves num romance notável – *Conde Belisário*. Belisário foi o célebre bizantino que derrotou os persas e os vândalos, dominou revoltas internas, conquistou e reconquistou meio Mediterrâneo para

Bizâncio, do norte de África à

Sicília e a Roma, e foi maltratado pelo seu senhor, o imperador Justiniano.

O miúdo de vinte anos que eu era quando li *Fundação e Império* fascinou-se com a história de Bel Riose: o homem só perante a decadência. Tentei então encontrar paralelos e modelos

desse general reaccionário que queria, contra tudo e todos, salvar o Império e que acabava por perder-se. Até porque, ao tempo, Portugal tinha um império: dois milhões de quilómetros quadrados com perto de trinta milhões de habitantes guardados e defendidos por quase 200.000 homens em armas. Tal como Bel

Riose, pensava que os impérios eram coisas para defender e guardar para sempre, embora, com alguma lucidez, começasse a entender que os impérios reais, ou se



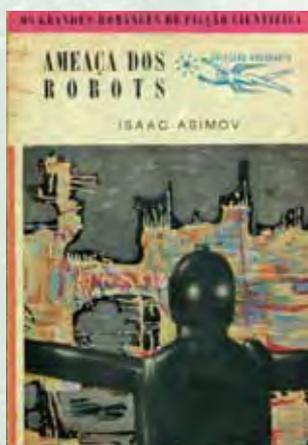
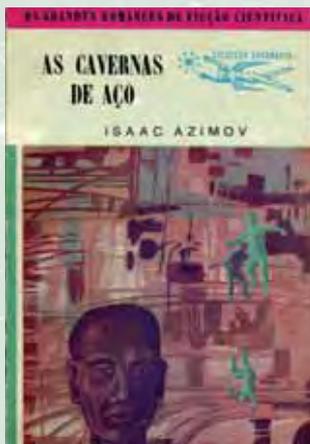
transformavam em nações, ou acabavam. Mas por esse tempo tinha pouca leitura nessas matérias: a minha cultura política era uma cultura muito marcada por leituras de direita e de esquerda radical; e a minha direita era mais revolucionária que nacional. Na altura, lia muito sobre os moribundos impérios

européus – ingleses descolonizando sem problemas, tirando o Quênia e a Rodésia, a longa saga da Argélia Francesa, e nós, que por lá íamos ficando. Depois, aprenderia que, ao contrário de Bel Riose, os generais – Spínola como De Gaulle – serviam para entregar impérios, funcionando como *chaperons* ou condutores das capitulações.

Mas o livro que aqui está não é ainda a *Fundação e o Império*: é a *Fundação*, a primeira Fundação, o primeiro volume da trilogia que, na edição portuguesa da Argonauta, saiu depois do segundo. É aqui

que se conta a história de Hari Seldon, o filósofo e matemático que, perante a decadência do império Galáctico, elabora uma teoria da História que pretende, não só prever mas prover ao destino e à morte anunciada da civilização e do Império. A ciência que inventa deve muito às então novas ciências da Econometria e da Sociologia quantitativa, espelhando o esforço

de tornar científicas as ciências humanas. Para Seldon, a decadência é irremediável, já que o grande



império de Tranton é dirigido por elites e governantes de segunda classe, por imperadores degenerados e medíocres e por nobres corruptos e se assiste a uma nítida quebra de inovação e de progresso tecnológico. Após a queda, a sua ciência, a Psico-História, prevê 30.000 anos de caos e barbárie. Mas pelos mesmos cálculos da nova ciência, Seldon descobre que esse tempo pode abreviar-se. É para isso, para salvar os costumes, a tradição e o conhecimento científico e tecnológico da Humanidade, que cria a Fundação, ou melhor, as Fundações, escolhendo dois pontos, dois planetas do sistema galáctico, onde os sábios, com as suas famílias e colaboradores, estabelecem as suas bases de operações.

A história da *Fundação*, que agora se reedita, conta o modo como Hari Seldon, sob a desconfiança dos poderes do Império decadente, consegue estabelecer estas “fundações”. Conta também as vicissitudes da primeira fundação, vividas por vários protagonistas, através de sucessivas crises.

Hoje – é a vantagem e a tragédia do tempo que passou por nós e de nós termos passado por ele – vejo toda esta saga de outro modo, com os contornos melancólicos da História acontecida. Nem de propósito, escrevo este prefácio ao largo de Bodrum, a antiga Halicarnasso, a terra de Heródoto, o pai da História. Os historiadores gregos – a começar por Heródoto, e continuando por Tucídides, o fabuloso narrador da *Guerra do Peloponeso*, e pelo reaccionário Xenofonte, até ao capturado e romanizado Políbio – foram os pioneiros das narrativas sobre os espaços políticos, os povos, as cidades-Estado e os impérios. O império para eles era o persa, o império do Grande Rei, que reinava nas terras que circundavam as águas por onde navego nestes últimos dias de Agosto de 2018. São os primeiros textos que tentam compreender os movimentos das sociedades e dos seus chefes.

Era nestas terras de fronteira que, por mar ou por terra, se davam as incursões e as batalhas onde se conquistavam, reconquistavam e perdiam espaços. Também aqui espartanos e atenienses combatiam pela hegemonia, entre as cidades da Grécia. Este *limes* Leste-Oeste, Oriente-Occidente, era um vaivém de fronteiras variáveis. Era também por estas águas que andavam os mercenários de Xenofonte, contratados por um protagonista da guerra civil que, derrotado, os deixara sem salário nem destino.

Os romanos conquistaram e mantiveram um Império que, entre Zama e a queda de Roma, durou quase setecentos anos. Os militares – os imperadores e césaes – conseguiram prolongá-lo.

Não sei se Asimov pensava a Fundação como uma república comercial, uma Cartago que vencias os militares, ou se o modelo era mesmo a Grã-Bretanha e a América, que então esmagavam sucessivamente os continentais – franceses, alemães, soviéticos. De qualquer modo, na *Fundação*, é a história dos técnico-cientistas, dos psico-históricos, que se conta, enciclopedistas que passam a autarcas, depois a comerciantes e depois a mercadores-príncipes ou príncipes-mercadores, e que vão vencendo os inimigos pela determinação e pela astúcia, manipulando mitos religiosos ou afogando as massas em bens de consumo. Fazem-no também graças

a um poder atómico, cujo segredo guardam, e que é a última *ratio* para os menos subtis.

A *Fundação* era, no seu tempo, uma utopia progressista e optimista. Os “bons”, os dos *brain trusts* fundados por Seldon, vão sobrevivendo às crises, de acordo com o roteiro da Psico-História, com o próprio Seldon a intervir, de além-túmulo, para diagnósticos e explicações. De certo modo, a lição ou a moral da história – uma extraordinária narrativa que está entre as melhores narrativas de SyFy de sempre – é que a economia e a ideologia dos grandes movimentos impulsionam e comandam a História e que os protagonistas pessoais, bons ou maus, não podem muito contra estes grandes movimentos.

Terá sido assim? Será assim? O século xx, com Lenine e Hitler, não se pôde dar ao luxo de desprezar o papel dos líderes. E hoje? Nos dois últimos anos, desde 2016, numa réplica ou adenda à profecia de Spengler, os “novos césaes” parecem estar a desafiar os grandes movimentos do dinheiro, dos recursos, dos mercados, da ideologia hegemónica. A Economia parece estar a deixar de comandar a Política, e a Academia, alienada aos valores da correcção política que dominam igualmente os fabricantes da opinião pública, parece estar a distanciar-se perigosamente das massas. Os povos, esses, estão a descobrir e a apoiar “novos césaes”, Bel Rioses bem-sucedidos e em versão pós-moderna, empenhados no restabelecimento dos impérios e na reafirmação da precedência da Política – Xi Jin Ping, Putin, Donald Trump, Erdogan, Salvini.

Nada disto, entretanto, retira encanto e originalidade à trilogia de Asimov, um encanto que redescobri ao relê-la neste Verão de 2018. E a ficção, a boa ficção, com os seus universos paralelos, tem também sempre o encanto acrescido de nos ajudar a re-ectir sobre o o passado, o presente e o futuro do mundo em que vivemos. BANG!



Jaime Nogueira Pinto

Nasceu no Porto em 1946, licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa e é doutorado pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Foi director do jornal *O Século*, administrador da Bertrand e é accionista e administrador de empresas na área da consultoria estratégica e da segurança privada. Colabora regularmente na imprensa portuguesa e tem escrito sobre temas de Ciência Política e História Contemporânea.



CIÊNCIA

Cosmos 101

20 ANOS DE ESTAÇÃO ESPACIAL INTERNACIONAL

Joana Neto-Lima



Este ano assinalam-se vinte anos do lançamento do primeiro componente da Estação Espacial Internacional (*International Space Station* — ISS), o módulo *Zarya*.

Desde muito cedo, nos primórdios da exploração espacial, que se estudou e ponderou a possibilidade de estabelecer uma “morada” mais permanente para a Humanidade para além da Terra, tanto numa órbita em torno do nosso planeta como na superfície da Lua ou mesmo em Marte.

O primeiro programa de construção de uma estação espacial que passou do papel para a órbita terrestre foi o *Salyut* (URSS). A primeira das *Salyut* foi lançada a 19 de Abril de 1971, com capacidade para acomodar até três cosmonautas. Este programa, apesar de alguns problemas técnicos e logísticos, durou de 1971 a 1986 e foi o precursor das futuras estações espaciais multi-modulares como a MIR (1986-2001) e a ISS (*International Space Station* — Estação Espacial Internacional) que assinala este ano vinte anos desde que o primeiro dos seus módulos foi posto em órbita. O módulo central desta nova geração de estações espaciais tem sido sempre um segmento diretamente inspirado na tecnologia e engenharia das pioneiras *Salyut*.

*56 expedições
(60 programadas)*

393 voos

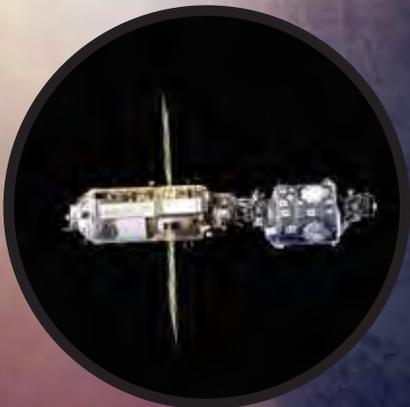
*227 visitantes
de 19 nacionalidades*



Lançamento: 20 de Novembro de 1998
Massa: 419,725 kg
Comprimento: 72,8 m
Largura: 108,5 m
Altura: 20 m
Período Orbital: 92,49 min.



Estação Espacial Internacional
a 25 de Março de 2009
Credito: NASA



Lançamento do módulo russo *Zarya* do Cosmódromo de Baikonur (Cazaquistão) — 20 de Novembro de 1998; fotografia tirada pelo *Space Shuttle Endeavour* em Dezembro de 1998. Nela pode-se ver o módulo americano *Unity* conectado ao módulo russo *Zarya FCB* (Funtional Cargo Block)
Credito: NASA

Na altura em que a ISS estava a ser montada, módulo por módulo, a agência russa Roscosmos ainda mantinha em órbita a estação espacial MIR (1986-2001). No início, o plano era manter as duas estruturas em órbita, a MIR para voos comerciais e turismo espacial e a nova estação espacial para continuar o trabalho científico e de colaboração internacional, mas Roscosmos cedo percebeu que a agência responsável pela futura gestão não iria conseguir garantir voos suficientes para ajudar a financiar a MIR e conseguir manter as duas estruturas em órbita. A agência espacial russa acabou por optar pela queda controlada da, até aí, maior estrutura artificial em órbita terrestre. Depois da queda da MIR, a 23 de Março de 2001, todos os esforços russos se focaram na construção da nova estação espacial, a primeira verdadeiramente construída recorrendo à colaboração internacional. A montagem da ISS juntou velhos (e novos) inimigos, ajudando a curar algumas feridas que ainda não haviam cicatrizado na Terra e que ainda hoje nos dividem (resultando de antigas rivalidades com origem na Guerra Fria e que haviam levado à Corrida Espacial que levou o Homem à Lua e nos fez olhar para o Espaço como a nova fronteira a ser conquistada).

A primeira equipa a “habitar” a ISS foi constituída por um astronauta norte-americano e dois cosmonautas russos. Bill Sheperd (EUA) foi o comandante da *Expedition 1*, Yuri Gidzenko (URSS) o comandante da *Soyuz* (cápsula que ainda hoje é utilizada para o transporte da tripulação da estação espacial) e Sergei Krikalev (URSS) o engenheiro de voo partiram do cosmódromo de Baikonur (Cazaquistão) no dia 31 de Outubro de

2000 e chegaram à estação espacial dois dias depois, para uma estada de quatro meses, até Fevereiro do ano seguinte.

Vinte anos depois e mais de 100.000 órbitas em torno da Terra, a ISS contribuiu com um sem-número de inovações e avanços tecnológicos para a Humanidade. A maior parte de quem é diretamente beneficiado pela existência da estação espacial não tem a verdadeira noção de que o que hoje é considerado algo rotineiro ou familiar nas suas vidas foi desenvolvido por astronautas ou cientistas a pouco mais de 400 km de altitude, desde sistemas de purificação de água ao desenvolvimento de tecnologia como braços robóticos que hoje são utilizados tanto em ambientes industriais como em hospitais, podendo ser manobrados à distância e que possibilitam operar tumores, ou condições médicas que antes eram fatais ou inoperáveis; também os desafios médicos enfrentados pelas sucessivas tripulações, que levaram à descoberta dos mecanismos responsáveis pelo desenvolvimento da osteoporose e de como a prevenir; o desenvolvimento de tecnologias de monitorização da qualidade da água, dos solos e de catástrofes naturais e à melhoria de sistemas de controlo ambiental, que hoje são usados um pouco por todo o lado (desde a nossa casa, ao hospital que visitamos, a indústrias e sistemas de cultivo de alimentos)...

Mas, acima de tudo, a Estação Espacial Internacional serve como uma plataforma para estudantes e cientistas de todo o mundo testarem os seus projetos e levarem a cabo as suas experiências científicas. Um pedacinho da Terra, em órbita da Terra, para benefício de todos na Terra. **BANG!**



Joana Neto-Lima

Desde 1984 a olhar as estrelas e a imaginar como seria poder pilotar uma nave espacial e passar uns dias de férias na Lua.

Desde sempre foi apaixonada pela Exploração Espacial e quando o *Space Shuttle* aterrou pela última vez houve lágrimas. É Cientista Planetária no Departamento de Planetologia e Habitabilidade do Centro de Astrobiologia — CSIC/INTA, o primeiro centro de investigação fora do território americano a fazer parte do NASA Astrobiology Institute. Por vezes escreve no seu blogue www.astrobiologiaPT.wordpress.com





LITERATURA

Metais Pesados

o poder

da imagem

ESCRITO POR
FERNANDO RIBEIRO

Duas cabras encontram-se num baldio por trás de um cinema. Uma delas está a comer uma bobine de filme. A outra pergunta-lhe: «Então, que tal?» «Bãaaa... gostei mais do livro.»

Se nem todos os dias lemos um livro, ou vamos ver um filme ao cinema, isso não nos impede de ter um contacto indireto com as ideias e letras que compõem uma obra, se bem que, muitas vezes, nem damos por isso. Condensados, e cada vez melhor, num ecrã de televisão, os livros tem ganhado uma nova vida através de leitores atentos que encontram neles uma fonte de inspiração segura, muitos perseguindo, até agora, ideias que tiveram na adolescência quando se lia mais livros e estes faziam as vezes das imagens.

Sempre afirmei que a literatura é a arte mais completa ou pelo menos mais gratificante ao cérebro e à nossa imaginação. Se um filme ou uma canção tem na sua natureza mais referências e um destinatário mais vasto, os livros parece que foram escritos só para nós, e milhares de anos depois da invenção da Imprensa, segundos depois da constante revolução em que se encontra a indústria dos livros, parece que nada impede, verdadeiramente, a renovação dessa sensação quando abrimos as páginas de um novo capítulo.

Quando um autor escreve Mar, Terra, Árvore, e permitam-me roubar esta imagem a um dos melhores escritores portugueses e também o meu mais amigo José Luis Peixoto, nós todos “vemos”, “compreendemos” e “sentimos” essa Árvore de uma maneira única e diferente. Nessa abstração conseguimos, talvez, ver a árvore pela qual passamos todos os dias ou aquela árvore magnífica e um pouco estranha que vimos da janela do carro em andamento.

Penso ser pacífico afirmar que não vemos séries, nem filmes, assim. Mesmo quando estamos sozinhos, temos de reconhecer que o que estamos a ver já é “indireto”, por assim dizer, assistimos à projecção estética que o realizador e os argumentistas tiveram da sensação ainda primordial e singular de ler uma história escrita em papel.

Há que tirar o chapéu à Saída de Emergência por, de certa forma, ter

antecipado esta produção incrível para televisão (incluímos Netflix no pacote) e a ter materializado numa coleção de livros “que davam” e deram filmes. Os exemplos são vários e começam pela vitalização enorme que a obra de George R. R. Martin teve depois do épico *A Guerra dos Tronos* e, claro está, até ao produto televisivo, mais aguardado pelos amantes de Ficção nos últimos tempos: *Fabrenheit 451*, talvez o melhor livro de Ray Bradbury, a temperatura a que queimam os livros, agora um filme na HBO, voltando ao ecrã muitos anos depois do magnífico filme de François Truffaut em 1966.

Esta ciência de ler e dar nova vida aos livros através de séries é algo incrivelmente bom. Ao contrário do que se pensaria, vários autores vêm as suas obras recolocadas no centro das atenções livrescas, permitindo assim que as pessoas, muitas pessoas, cheguem aos livros que deram filmes, pela vontade em conhecer o detalhe, em apreciar uma totalidade virtuosa que se divide em capítulos, e acima de tudo para renovar o voto das Letras com a Imaginação, algo de que Immanuel Kant, o filósofo alemão, teria orgulho.

Se a televisão, os jogos, as séries têm ocupado a maioria do tempo de lazer das pessoas, também têm trazido uma atenção maior a autores que antes estavam confinados ao seu núcleo duro de fãs e aos encontros modestos em livrarias e modestas cimeiras Sci-Fi. Se bem que é verdade não existem tantas pessoas a ler como a jogar ou a ver Netflix, a esperança na continuidade dos livros está, no entanto, segura pela certeza de que quem avança com as melhores ideias de entretenimento são leitores ávidos e atentos que querem “materializar” a sua leitura. É nós, com ou sem livro, queremos ver.

Em Portugal há imensa literatura fantástica que constitui um filão pouco explorado pelos nossos realizadores e cineastas. Claro que não podemos esquecer trabalhos como *A Peregrinação*, ou *Vale Abraão*, ou *A Balada da Praia dos Cães*, ou séries modestas mas míticas como *Os Maias*, *Bocage*, *Ballet Rose*, etc., todas baseadas em livros; ou até o encantador mas humilde cinema fantástico em Portugal (*Os Abismos da Meia-Noite*, 1984, António Macedo), mas parece-me que muitas vezes os nossos cineastas deixam passar oportunidades tremendas para realizar algo extraordinário.

Quando me perguntam «já viste *La Casa del Papel*», eu digo, «nem por isso», porque só vi, na verdade, 4 ou 5 episódios, e ainda não me puxou para mais. Mas quando sei que é uma série mundial feita aqui ao lado, com um *following* tremendo, não posso deixar de ter inveja e lamentar que a produção nacional não invente uma série sobre os Navegadores, sobre os *serial killers* portugueses, sobre os nossos políticos, olha que *House of Cards* Lusitano daria a Operação Marquês, sobre a melancolia e por vezes sombria nostalgia dos contos dos nossos pais sobre lobisomens ou bruxas, sei lá eu.

Somos famosos por não acompanhar as tendências, mas enquanto o país se enche de fãs de FC, de leitores que dão a volta ao quarteirão por um autógrafo ou uma oportunidade de foto com o autor ou autora de uma saga de assassinos ou vampiros, quando se sucedem em catadupa grandes clássicos da FC que rebentam com audiências televisivas, não consigo compreender do que estamos à espera para dar um passinho em frente e resgatar as nossas lendas, o nosso Alma Grande, a nossa Dama Pé de Cabra, o nosso assassino do Aqueduto, e salvaguardar a imaginação fértil de um país que se compõe das pequenas e grandes histórias guardadas em livro ou contadas em voz alta, no tempo em que ainda se acendiam lareiras. **BANG!**



Fernando Ribeiro

É vocalista e letrista da banda Moonspell, com a qual já lançou vários discos, e em 2009 participou no projecto Amália. Tem três livros de poesia publicados e, no universo lovecraftiano, traduziu para português a biografia em banda desenhada intitulada *Lovecraft*, assinou as introduções das antologias *Os Melhores Contos de H. P. Lovecraft* e participou nas antologias *As Sombras Sobre Lisboa* e *Contos de Terror do Homem-Peixe*. Em 2011, publicou ficção na colecção *Mitos Urbanos* da editora Gailivro.





OPINIÃO

Haverá trilhos



A bela, o monstro e as metamorfoses

Inês Botelho

Minha cabeça estremece com todo o esquecimento. Eu procuro dizer como tudo é outra coisa.

HERBERTO HELDER, *A faca não corta o fogo* (2008)

Há sempre uma natureza dupla neste era uma vez. Um par, um binómio, um híbrido, lados opostos que se conjugam. E há um sítio escondido, longínquo ou oculto ou se calhar apenas ignorado, de certo modo não percebido. Um sítio de mistério, onirismo, quase um outro reino, mais e mais eivado pelo gótico.

«A Bela e o Monstro» enche-se hoje de castelos graníticos trespassados por uma mescla de estéticas medievais e vitorianas, por graça do filme de Jean Cocteau (1946) e pela influência incontornável do *Beauty and the Beast* (1991) da Disney, do seu castelo alternante entre negrimes grotescos e delicadas alvuras conforme o

Príncipe se encontra ou não enfeitiçado. Os opulentos palácios áureos, morada habitual das esposas de noivos animais nas velhas histórias, transfiguraram-se numa panóplia de ambiências ameaçadoras cruzadas com romantismos anacrônicos, em si mesmas sùmula convulsa das mutações do gótico desde o século XVIII. Semelhante trânsito espelha os diferentes interesses e preocupações das várias épocas, e diz de como a história muda, se refracta e metamorfoseia e permanece relevante.

Do longo manto de contos populares e contos de fadas, talvez só «Cinderela» nos avive o imaginário mais do que as múltiplas facetas de «A Bela e o Monstro». O título e a estrutura narrativa agora tão comuns devem-se a «La Belle et la Bête» (1740)¹ de Madame Gabrielle-Suzanne Gallon de Villeneuve, uma extensa fantasia, encantatória porém desmesurada, convertida em 1757 por Madame Jeanne-Marie Leprince de Beaumont na versão mais concisa e moralista que tendemos a conhecer.² No século II, contudo, o Império Romano fascinava-se já com os amores de «Cupido e Psiché», primeira variação escrita do tema³, e traços distintos do enredo ecoam pelos mitos greco-romanos, pelos actos de bestialismo e transmutações axiais nas *Metamorfoses* de Ovídeo, pelo vasto ciclo de noivos e noivas animais de variegados corpos, numerosas pátrias, e nas histórias de belas e monstros de formas humanas, princesas envergando peles de burro e homens de barbas exóticas com câmaras plenas de horrores, morte, misoginia, mas também inconfessas libidinagens.

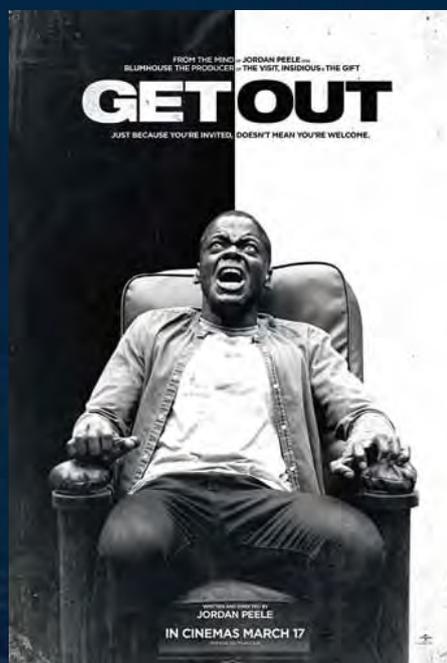
Sussurram-se erotismos entre estes contos.

No semblante do Monstro existe a promessa de uma sexualidade desinibida, livre das normas civilizacionais, capaz de saciar até desejos escusos. Os deleites que *The Shape of Water* (Guillermo del Toro, 2017) oferece a Elisa Esposito (Sally Hawkins) e ao seu deus fluvial (Doug Jones) vêm dessas volúpias latentes poucas vezes consumadas, no entanto aqui inevitáveis.

O filme anuncia-as cedo. Exsudam da constante cadência ondeante, resultado dos azuis e verdes submersos que envolvem a fotografia e do fluir de danças e imagética aquífera conjugados com os gestos deslizantes que Hawkins utiliza para se mover e comunicar a linguagem gestual da muda Elisa. Uma subtilidade visual minada por predeterminações. O desfecho adivinha-se mal Elisa se masturba no banho, sela-se com a revelação de que em bebé a descobriram abandonada no rio. Esta Bela com rasgos menos trágicos de «A Sereiazinha» foi fadada a emparelhar-se com o Monstro.

Narrativas de parceiros bestiais falam de um encontro com o Outro, aceite ou destruído quando tudo termina. *The Shape of Water* apresenta meros desconhecidos irmanados na sua condição de marginalizados oprimidos quer pela sociedade, quer, para os interesses do argumento, por um tirano específico, identificado desde o início como o verdadeiro monstro e sem permissão para características além da vilania inconsequente.

Uns aqui, os outros opostos. À sexualidade positiva de Elisa, o ritual mecânico e algo bizarro do antagonista. Ninguém escapa. Ninguém se alonga além das suas funções, do determinismo dos muitos estereótipos que os compõem. E, claro, tem-se o gótico em cada plano, o laboratório de experiências insanas reminescente das evoluções do género no século XIX, o bailado com laivos



do clássico da Disney, os milagres operados pela criatura sobrenatural, a protagonista mais rapariga aventureira — como em «A leste do sol e oeste da lua» — do que Bela redentora rasante à domesticidade. Tudo um conto de fadas tão tradicional quanto o exequível numa obra realizada por del Toro onde surgem espíritos russos a pintalgar o enredo.

Voga-se ainda assim bem longe das mesmices do *Beauty and the Beast* (Bill Condon, 2017) de imagem real da Disney, das suas diversas maciezas anódinas, do digital óbvio e incontido, das actualizações feministas sem efectivo suporte do argumento. Corre cinema em *The Shape of Water*. O ideário de del Toro alia-se a *Creature from the Black Lagoon* (Jack Arnold, 1954), *The Story of Ruth* (Henry Koester, 1960) *Splash* (Ron Howard, 1984), em especial a musicais da era de ouro de Hollywood, o que decerto maravilhou a Academia e influenciou a atribuição dos quatro Óscares, incluindo o de Melhor Filme. E todavia à costumeira mensagem sobre ver além das aparências e ultrapassar preconceitos contrapõe-se apenas um dúbio exultar da diferença e um apelo à união dos excluídos. Parco para tamanha potencialidade, mas porventura expectável numa produção que se joga inteira em previsibilidades.

Nenhuma dessas verdades beatíficas aflige *Get Out* (Jordan Peele, 2017), filmado antes da eleição de Donald Trump e construído para desmitologizar a retórica de uns Estados Unidos pós-raciais no advento da presidência de Barack Obama. Peele desenvolve um guião preciso tanto no que apresenta como no que exclui e, servido por uma banda sonora em crescendo insinuante e um elenco evocativo e irrepreensível, filma-o num virtuosismo constantemente dialogante com arquétipos sociais e artísticos. Mais do que imbuir-se de cinema alheio, em modo de homenagem ou alusão, utiliza os mecanismos e expectativas associadas a diversos géneros para incrementar o efeito desejado.

As inquietações abundam, os significados e camadas também, convidam a debates, a reflexões e conversas e mais histórias. É aquele aforismo de Angela Carter sobre colocar vinho novo em garrafas

velhas: a pressão tende a explodir a garrafa. Ficam as falhas expostas. Os estilhaços minam o uso de paliativos.

Obras originais e relevantes, mais ainda quando bem montadas, além dos intentos de quem as criou e das experiências pessoais da audiência, ressoam uma variedade de aspectos nem sempre conscientes. Ao contrário de del Toro, Peele não pretendia desenvolver um conto de fadas e no entanto, como afirma Maria Tatar, *Get Out* revela-se uma nova versão de «A Bela e o Monstro» e de «O Barba Azul», ambos invertidos e onde de facto as aparências enganam.⁴

O castelo, cenário proeminente na tradição do conto, substitui-se por uma mansão isolada, tão banal quão misteriosa, perpassada pelas notas ocasionais de um cavaquinho, por vagos ares sulistas e sinistros.



Minuto a minuto medra a incerteza, a impressão de uma envolvência mofenta, acaso perigosa. Mais avisado fugir. Mesmo sem provas. Ainda que gostasse de se acreditar que os eventos são toleráveis, no fundo inócuos, apenas boas intenções apresentadas de forma embaraçosa.

Aguarda-se.

A história exige-o. Primeiro a armadilha, só depois a salvação.

Quando o idílio se revela enfim coberto de bolor e se abre a câmara dos horrores, sem cadáveres de mulheres mas pejada de fotografias das vítimas anteriores guardadas numa caixa vermelho-sangue, o Barba Azul

aguarda já com o suplício preparado. Nada de quartos hemáticos, antes uma sala de cirurgia ao mesmo tempo moderna e arcana, a cruzar a assepsia com o gótico da luminosidade lúgubre das velas e de instrumentos médicos guardados numa requintada caixa forrada a veludo rubro.

Não existe convivência possível. Resta a destruição da Bela ou do Monstro e a intervenção final de um amigo tanto irmão quanto voz lúcida de alguém com o distanciamento adequado para perceber a situação.

Em *Get Out* os encontros com a diferença acentuam a distância. O Outro mostra-se afinal ainda excessivamente estranho, passível apenas de uma integração aparente que, para um dos lados, implica um procedimento que na prática o destrói. Uma metamorfose imposta. Como feitiço.

As imensas vidas de «A Bela e o Monstro», as suas variantes e variações, tecem repetidos encantamentos, contactos com o maravilhoso e em particular ocorrências de metamorfoses. Em geral no âmbito da teriantropia. Às vezes com requintes diferentes. *Annihilation* (2014), o primeiro tomo da trilogia *Southern Reach* de Jeff VanderMeer⁵, embrenha-se em metamorfoses, nas da enigmática Área X em que se situa e nas da bióloga que estabelece com ela uma conexão íntima.

Silente e permeada de ruídos, vazia de habitantes humanos desde o evento inespecífico que a afectou, a região germina há décadas uma natureza imaculada, simbiótica, incontida e pulsante. Cada ponto da Área X revela-se em si mesmo um organismo vivo. Talvez consciente. Talvez até inteligente. Porventura o próximo passo numa cadeia evolutiva deslumbrante e perturbadora, fremente de estranhezas.

Alheia demais para parecer pacífica.

Ergue-se feita reino distinto, separada por uma fronteira com funções de portal, ela própria encarnação do Outro. Nem declaradamente hostil nem na realidade hospitaleira. Arraiga tensão em todos os membros da mais recente expedição enviada para a investigar. Destabiliza-os. Precipita-lhes as acções, o desfecho.

E cativa a bióloga. De algum modo, malgrado o pavor, anima-lhe um fascínio que a impele a adentrar-se irrevogavelmente nos assombros da Área X. A vontade de olhar o que ali se encerra incrusta-se-lhe no pensamento, move-a aliás a voluntariar-se para a empresa. Não o marido, vitimado pela expedição anterior, só essa curiosidade científica cruzada com atracção.

O *Annihilation* de Alex Garland (2018), mais mutação da obra de VanderMeer do que adaptação cinematográfica e onde a bióloga surge com o nome Lena, inverte-lhe as razões. De uma minuciosa dança entre terror e desejo passa-se por completo ao marido, único sobrevivente das expedições, a definir depressa devido à falência de diversos órgãos. Guiada pelo remorso de ter minado a relação traído-o, Lena entra na Área X numa tentativa de a perceber e conseguir curá-lo.

Garland imbui o filme de ideias estimulantes, de refacções, ecos, aglutinações, e o fim transcende em parte as limitações criadas pelo argumento e pelo condensar quer dos eventos, quer do tempo de existência da Área X, aqui sem dúvida adstrita a ingerências alienígenas. Insiste porém demasiado no grupo condicionado por diferentes vícios e sofrimentos, fixa-se na autodestruição, na aniquilação como componente inevitável da existência humana.

Portanto, Lena especializa-se em células tumorais e actividade autofágica, não nos sugestivos ecossistemas transicionais da bióloga. Para Lena, a culpa mundana em vez da esquisita e improvável afinidade com a Área X.

Nem o urdir consciente de um conto de fadas de *The Shape of Water*, nem o subliminar de *Get Out* se descobrem em *Annihilation*. O livro e o filme percorrem estruturas distantes

das velhas histórias. Ficam apenas uns motivos gerais de «A Bela e o Monstro». A ida para um lugar diferente, extraordinário e apartado. Vários binómios em oposição. As metamorfoses. O contacto com o Outro, resolvido num aniquilar ou incorporar. Um Monstro em formato de terreno, sem corpo individual, e duas Belas díspares: Lena, desconfiada do Monstro, e a bióloga, não destinada a ele mas predisposta, capaz de ver a «beleza e infinita complexidade das co-adaptações entre todos os seres» a que Charles Darwin se referia.⁶

Contos populares e contos de fadas, à semelhança de tanta fantasia e ficção científica, mascaram no enredo assuntos pertinentes para quem fala, para quem ouve e para as comunidades de onde brotam. «A Bela e o Monstro» de Villeneuve castigava a ambição burguesa e defendia uma união entre iguais, a de Beaumont tentava preparar as leitoras para um casamento arranjado e prescrevia-lhes uma completa adesão aos códigos sociais. Continuar a enveredar por transposições destas narrativas do século XVIII sem as questionar resulta necessariamente em estagnações áridas ou problemáticas, até porque certos elementos da história tangem a violência doméstica.

Melhor as novas versões.

Mais estimulante as belas e os monstros que se invertem, trocam de lugar, que quebram o conto e o revelam e nos obrigam a metamorfoses. Fiquemos com essas.

BANG!



Inês Botelho

Nasceu em Vila Nova de Gaia em Agosto de 1986. É autora da trilogia de fantástico *O Ceptro de Aertzis*, composta por *A Filha dos Mundos* (2003), *A Senhora da Noite e das Brumas* (2004) e *A Rainha das Terras da Luz* (2005), bem como dos romances *Prelúdio* (2007) e *O passado que seremos* (2010). Tem publicado também diversos contos. Licenciada em Biologia e com um Mestrado em Estudos Anglo-Americanos pela Universidade do Porto, elaborou a sua dissertação sobre representações de «A Bela e o Monstro» nalguns contos de Angela Carter. Colabora actualmente com o CETAPS — Centre for English Translation and Anglo-Portuguese Studies.

1) Publicado como parte da obra de Villeneuve *Les Contes marins ou la jeune Américaine*.

2) Editada na colectânea de Beaumont *Le Magasin des Enfants*.

3) Integrada no *Metamorfoses* de Lucius Apuleius, comumente conhecido como *O Asno de Ouro*.

4) Maria Tatar, «SMACKDOWN: Jordan Peele's GET OUT vs. Disney's BEAUTY AND THE BEAST», *Breezes from Wonderland* (blogue), 20 de Março, 2017.

5) As edições portuguesas dos romances, publicadas pela Saída de Emergência entre 2016 e 2018, intitulam-se *Aniquilação*, *Autoridade e Aceitação*, tendo a trilogia recebido a denominação *Área X*.

6) Citado em Maria Tatar, *Beauty and the Beast: classic tales about animal brides and grooms from around the world*, Nova Iorque: Penguin Books, 2017.



FICÇÃO

Miniconto fantástico FNAC

A Capela

Manuel Amaro Mendonça

Conto vencedor do
Concurso Miniconto FNAC.
Na próxima edição da
Bang! vamos fazer novo
concurso, fique atento às
redes sociais da FNAC e da
Saída de Emergência.

“Bastião” estava desesperado. A vida não lhe corria nada bem e o pouco que ganhara, na vindima, fora-se em cartas e copos na taberna do Barnabé. Não queria mais “ouvir” a Maria a “chagar-lhe” a paciência por causa do dinheiro. Já há muito que congeminava um plano, mas não se atrevia a executá-lo: a capela do São Salvador, no alto da pequena colina sobranceira à aldeia, tinha sempre uma boa maquia na caixa de esmolos. Ainda por cima com a festa do Santo na próxima semana. Já se viam muitos crentes a levar as velas e as moeditas que podiam dispensar para pedir uma bênção ou ajudar os pobres... quem mais pobre do que ele? Ficavam os cobres melhor com ele do que com o “papa-hóstias” do padre Figueira, que só sabia beber tinto e “larpar” os salpicões a que deitasse a mão.

Disfarçadamente, caminhou pela rua escura, sem candeia ou luminária, não fosse verem-no por lá. Fios de luz escoavam-se pelas generosas frestas das portas das casas e aqui ou ali ouviam-se ainda vozes dos adultos que se não haviam deitado. Defronte à pequena igreja, benzeu-se rapidamente. Hoje nem se via o “Manel maluquinho”, que estava sempre na praça a pedir “Tostãozinho pelas almas!”, com a sua voz distorcida e gutural.

Depois de uma rápida subida pelo caminho processional, chegou à pequena capela, que estava obviamente fechada. Ergueu o pé e desfechou uma “patada” bem no meio da porta, conseguindo a sua abertura de par em par, sem mais resistência. Felicíssimo, saltou para o interior e fechou-se rapidamente.

O exíguo espaço estava bruxuleantemente iluminado por uns quantos cotos de velas. A luz tremia ainda, perturbada pelo rompante da invasão, dando ao local um aspeto ainda mais fantasmagórico.

Na parede fundeira, uma espécie de altar e a cruz com o Crucificado em agonia, usada nas procissões,

ocupavam quase todo o espaço. Dos lados, prateleiras com imagens de santos de vários tamanhos velavam. Entre elas, uma imagem de São Pedro olhava-o acusadoramente, empunhando a chave com uma mão e apontando o céu com a outra. Ajoelhou-se e pediu perdão por aquilo que estava prestes a fazer, pelos seus pecados e pelos maus-tratos que dava à mulher, que era uma santa... às vezes... outras vezes, era o diabo em forma de gente e ele tinha que lhe “arriar” para a “pôr nos eixos”. Prometeu que não voltaria a beber... tanto... e que não jogaria... se não uma vez por semana... ou duas. Usou os melhores argumentos para justificar o facto de se ir apoderar das esmolos. Apenas iria encaminhá-las para quem realmente precisa e para um bem maior, que não o engrandecimento da já enorme “pança” do padre Figueira, “Que o Senhor Jesus bem sabia como ele era.”

Assim que achou suficiente, agradeceu diversas vezes, benzeu-se e beijou os pés da sacra imagem, após o que dedicou a atenção ao aloquete da caixa das esmolos. As letras ingenuamente escritas “Esmola para as Almas” tremeluziam como que recordando o sacrilégio que ia cometer.

Ficou em silêncio a escutar um ruído que lhe pareceu ouvir... gotas de chuva começavam a cantar no telhado. Recomeçou a avaliação e tentou abrir o fecho com a faca cheia de bocas, sem sucesso.

Agarrou nas imagens dos santos e pousou-as cuidadosamente no chão. Em seguida, apoderou-se da prateleira e bateu com ela sobre o aloquete. À segunda pancada partiu-se a tábua, mas o fecho também cedeu e uma torrente de moedas forrou o chão, como recompensa.

Encolheu-se. Pareceu-lhe ouvir alguém lá fora e ficou em silêncio. Uma moeda retardatária tilintou em cima das outras. Empunhou a faca e espreitou para a escuridão no exterior... a chuva caía copiosa, o vento soprava e relâmpagos longínquos rasgavam o céu. Não se conseguia

ver nada. Regressou e apressou-se a recolher o saque.

Deitou um último olhar aos santos; o São Pedro continuava a olhá-lo acusadoramente, ameaçando-o com a justiça divina. Voltou a imagem para a parede e pôs o saco às costas. Benzeu-se para o enorme crucifixo. Uma forte rabanada de vento escancarou as portas e todas as velas se apagaram. O rosto de Cristo parecia refulgir com a luz dos relâmpagos.

“Perdão, meu Deus”, gemeu estarecido, antes de sair para a intempérie.

Mal deu dez passos quando deparou com uma aparição, coberta da cabeça aos pés, que lhe barrava o caminho e estendia as mãos.

Soltou um grito estrangulado e caiu para trás, petrificado, tilintando centenas de moedas pelo chão empedrado. O seu rosto numa máscara de terror, focou o céu iluminado pela trovoadra, enquanto a assombração se debruçava sobre ele. Com os olhos esbugalhados, inspirou atabalhoadamente três vezes e depois parou para sempre...

A sinistra e andrajosa aparição, coberta com uma grosseira lona, inclinou-se para o corpo sem vida e exclamou:

“Tostãozinho pelas Almas.” **BANG!**



Manuel Amaro Mendonça

É licenciado em Engenharia de Sistemas Multimédia pelos ISLA de Gaia. Nasceu em janeiro de 1965, na cidade de São Mamede de Infesta, no concelho de Matosinhos. Ganhou prémios em dois concursos de escrita e os seus textos já foram selecionados para mais de uma dezena de coletâneas de contos, de diversas editoras. É autor dos livros *Terras de Xisto e Outras Histórias* (agosto 2015), *Lágrimas no Rio* (abril 2016) e *Daqueles Além Marão* (abril 2017)

Parabéns a todos os participantes.

A FNAC recebeu mais de 140 submissões vindas de Portugal e do estrangeiro. Para além de um vencedor foram escolhidos dois finalistas que serão publicados em breve em

www.revistabang.com.

Os jurados do concurso foram Luís Filipe Silva, Cristina Alves e Luís Corte Real.

Biografia do júri:

LUÍS FILIPE SILVA continua a escrever ficção científica portuguesa — essa bizarra criatura — nos tempos livres, despudor que comete há mais de vinte anos. Recentemente, foram lançados os romances *A GakxMente* (Épica, 2015) e *Terrarium Redux* (com João Barreiros, Saída de Emergência, 2017).

CRISTINA ALVES lê e critica de tudo um pouco, mas incide especialmente na ficção especulativa (ficção científica e fantasia) e na banda desenhada. As críticas que escreve começaram por ser lançadas no blogue Rascunhos, mas está a explorar novos formatos na divulgação de obras através da rádio.

LUÍS CORTE REAL é editor da Saída de Emergência.

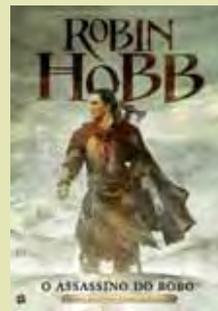


O ASSASSINO DO BOBO

ROBIN HOBB

Saída de Emergência

★★★★★



Gosto dos elementos de magia que a escritora utiliza, em especial a “Manha”, onde um ser humano se vincula a um animal, e fá-lo de forma fantástica, sendo uma mais-valia para os livros. Ainda assim, o que mais me cativa é a elegância da escrita,

muito diferente do que estou habituado a ver.

Paulo Dores

[/leiturasdofiachaocorvonegro.blogspot.com/](http://leiturasdofiachaocorvonegro.blogspot.com/)

DESCENDER: ESTRELAS DE LATA

JEFF LEMIRE E DUSTIN NGUYEN

G Floy

★★★★★



Tendo como inspirações mais ou menos óbvias Astro Boy ou o Kubrickiano *2001: A Space Odyssey*, *Estrelas de Lata* — primeiro volume da série *Descender* — conta com as ilustrações de Dustin Nguyen, que mereciam

bem ser penduradas em lugar de destaque no Louvre dos *comics*, isto se tal monumento existisse. Quanto a Lemire, continua mestre no que toca a falar de alienação, solidão ou amor. O final, de arrepiar os pelos dos braços, das pernas e da barba — para quem a tenha —, comprova que estamos perante uma das melhores séries de *comics* da actualidade, que lutará taco a taco com *Saga* — série com que partilha o ar espacial, o grande argumento e o desenho refinado — pelo domínio espacial. Sorte a nossa.

Pedro Miguel Silva

www.deusmelivro.com

A DEMANDA DO BOBO

ROBIN HOBB

Saída de Emergência

★★★★★



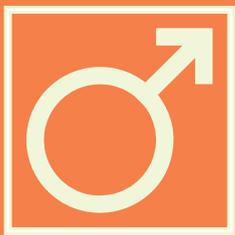
O terceiro volume da saga *O Assassino e o Bobo* volta a levar-nos aos Seis Ducados e à companhia de Fitz e do seu amigo Bobo, que tentam descobrir como resgatar a pequena Abelha dos seus raptos. Robin Hobb cativa-nos novamente com

uma história complexa, repleta de personagens ricas e marcantes. Livro imperdível, que deixa os leitores ávidos pela continuação.

Célia Marteniano

www.estantedelivros.com/





A Guerra dos Tronos: o próximo livro não precisa de sair

Os livros são a melhor fonte de cultura que o mundo tem para oferecer, tirando todas as outras. Ler é sobrevalorizado, sobretudo a partir do momento em que inventaram o cinema e a televisão. Continuar a defender o livro como fonte de cultura é recusar a evolução da cultura. É o mesmo que preferir morrer de peste negra quando já existe uma vacina para esta epidemia.

É claro que a peste negra é necessária, como os livros.

Foi a forma que a natureza encontrou para demonstrar quem são os homens que resistem a pulgas de ratazanas e de reforçar o nosso sistema imunológico. Os livros são aceitáveis porque os melhores dão origem a filmes e a séries televisivas. São a Arábia Saudita: fechamos os olhos à questão dos direitos das mulheres em detrimento de petróleo para os nossos carros. Sim, o petróleo é superior às mulheres sauditas, para o bem das mulheres ocidentais. As mulheres ocidentais não respeitam homens que as vão buscar de bicicleta, muito menos se for porque abdicaram de gasolina pelo bem de mulheres de outras nacionalidades. Iam logo acusar-nos de adultério. Por inveja e ignorância, não teríamos gerações futuras no Ocidente. Já para não falar que a nossa imagem de sucesso e de facilidade de reprodução ia ficar manchada quando, em vez de nos apresentarmos no nosso Mercedes, nos apresentássemos numa bicicleta de montanha e a beber de um jerrycan de água. A ciência é muito clara: os jerrycans tornam as pessoas mais propensas à actividade homossexual, assim como os *cocktails cosmopolitan* tornam as mulheres mais devassas.

O Dr. George R. R. Martin é o meu escritor favorito, muito porque decidiu deixar de escrever assim que



conseguiu um contrato televisivo. Chamo a isto integridade. Numa espécie de *in memoriam* aos livros de *A Guerra dos Tronos*, deixo-vos a sinopse do próximo volume, que nunca vai sair:

Westeros está à beira do abismo. Os Lannister, família que governa legitimamente o trono de ferro, estão na iminência de serem destronados por uma

geringonça formada por duas facções radicais da família Targaryen. O esquerdalbo Jon Snow deitou-se com a tia Khaleesi e vive em pecado. Ambos não concordam com as medidas de austeridade que a família Lannister aplicou aos sete reinos. O que é certo é que Westeros vivia até há pouco com dificuldades, mas pagava sempre as suas contas ao FMI de Braavos. Os Targaryen vivem numa raiva constante porque os Lannister os obrigaram a sair da sua zona de conforto e a emigrar. Por pieguice, acham que podem regressar a Westeros, fazendo de conta que são os legítimos reis, à laia da cultura emigrante de Agosto.

Os Maia de Westeros, Jon Snow e Khaleesi, conquistam Westeros, apoiados nas dragões-fêmeas, as gémeas Mortágua, e destroem o sistema capitalista. A Carvalbesa torna-se bino dos sete reinos. A população definba. A tristeza e a modorra prevalecem. Felizmente, chega a ajuda externa para salvar Westeros da bancarrota: os White Walkers formam uma comissão de resgate do reino, impõem o regresso dos Lannister e Westeros vive feliz para sempre. BANG!

Jovem Conservador de Direita

É a voz política mais importante a emergir no panorama político português no pós-11 de Setembro. É autor do livro premiado *A Era do Doutor* e de inúmeros ficheiros do Excel e posts na sua página do Facebook. Como única figura da direita com credibilidade neste momento, é a grande e única esperança num futuro pós-geringonça não distópico.



BREVE CURSO DE ESCRITA DE FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

por
**Bruno
Martins
Soares**

Curso em 4 partes. Segunda parte: *A HISTÓRIA PROGRIDE*

Muito bem, agora que temos um conceito para a nossa história, é altura de começar a escrever. Ou não? Se formos Descobridores, sim. Se formos *Outliners*, queremos ainda criar uma boa estrutura. Ter um plano para a nossa história. A estrutura de uma história sempre foi algo que fiz por instinto, até perceber a força de uma estrutura bem trabalhada. Hoje, mesmo que escreva algumas páginas sem ter a história bem estruturada, acabo sempre por parar e desenvolver a estrutura antes de continuar – muitas vezes apenas na minha cabeça, outras vezes em papel ou no computador. As primeiras páginas já escritas vão dar-me o *feel* das personagens e o estilo que me “apetece” usar. Mas para controlar bem a história, para que ela saia como eu quero, para que as personagens sejam mais coerentes, preciso da estrutura.

Próximas Partes:

3. Fechar a história

O último acto, em que acontece o clímax e se fecha a história, tem os seus desafios próprios. É preciso desenvolver os últimos obstáculos e controlar a tensão acumulada. Como é que as personagens são afectadas pelo final? O que procura um leitor? Porque é que muitas vezes é o final que desilude?

4. Depois de escrevermos a história

Há um percurso muitas vezes subvalorizado depois da escrita da história. Porque é tão importante rever e re-escrever? E como parar e dar por terminado o processo? O que são leitores beta e como os utilizar? Onde procurar a publicação e o que procuram os editores? Como deve o escritor encarar o próprio marketing?

1

DE ARISTÓTELES A SNYDER

A estrutura mais usada na escrita ocidental é a estrutura de três actos que Aristóteles delineou na sua *Poética*. É algo de muito simples e muito útil: temos uma Introdução (onde descobrimos as personagens principais, o conflito central, o que catalisa a acção); temos um Desenvolvimento (onde surgem obstáculos crescentes e conhecemos melhor as personagens, tornamo-nos mais íntimos com elas); e a Conclusão (onde os conflitos se resolvem e as personagens crescem).

Esta estrutura, no entanto, é um pouco vaga para se ter um controlo efectivo da história. Por vezes estendemos mais um acto ou outro. Temos a percepção de que o segundo acto deveria normalmente ser maior do que os outros, mas como o medir? Como o equilibrar? E como ter a certeza de que temos as coisas a acontecerem no momento certo? O que é que tem de surgir para a história progredir sem se tornar arrastada ou demasiado acelerada e fria?

Os argumentistas de cinema americanos têm, no meu entender, as melhores análises das construções das histórias, e portanto os melhores guias de estrutura. O livro mais útil que já li sobre a estrutura de uma história foi *Save the Cat*, de Blake Snyder, um dos livros mais influentes na indústria de Hollywood. Snyder decompõe os três actos de Aristóteles em 15 *beats*. Na página seguinte podem ver a tabela com a chamada *Beat Sheet* de Snyder. Cada *beat* sugere o que se deverá passar naquele momento da história. A *Beat Sheet* está preparada para o cinema, mas tem-me sido muito útil na escrita de romances, e pode até ser usada em contos, com as devidas adaptações.

Num argumento cinematográfico a proporção é: 1 página de guião equivale a 1 minuto de filme. Por isso hão-de reparar que, na maioria dos filmes americanos, o Catalisador (*Catalyst*, *Inciting Incident*) acontece normalmente por volta do minuto 12. E o terceiro acto começa normalmente por volta do minuto 85. Testem e vejam se não tenho razão.



CURSO

	PASSO/BEAT	PÁGINA IDEAL NUM ARGUMENTO PARA CINEMA	DESCRIÇÃO
ACTO 1	OPENING IMAGE	1	Uma imagem que representa a luta e o tom da história. Uma foto do problema antes da aventura.
	THEME STATED	5	(acontece durante o <i>set-up</i>) O tema da história. A mensagem. A verdade, que pode e deve estar ainda escondida da personagem principal.
	SET-UP	1-10	Expansão da imagem inicial. Apresentação da personagem ao mundo, o que lhe falta.
	CATALYST	12	Momento em que a vida muda. Aquilo que incita à mudança.
	DEBATE	12-25	Mas a mudança é assustadora, e as dúvidas subsistem. Até que finalmente a personagem decide continuar o caminho.
ACTO 2	BREAK INTO TWO	25	Momento em que a personagem continua o seu caminho por causa de uma decisão específica – que pode levar onde pretende ou não.
	B STORY	30	Voltamos a discutir o tema, a mensagem, o filão da verdade. Enquanto a história principal segue o Catalisador, a <i>B-Story</i> segue a mensagem.
	FUN AND GAMES	30-55	Ou: A Promessa da Premissa. É a parte gira da história. Aqui, a personagem explora o novo mundo, após a mudança, e o público recebe aquilo que lhe foi prometido.
	MIDPOINT	55	O fundo mais fundo ou o alto mais alto. Aqui as coisas correram mesmo mal ou mesmo bem.
	BAD GUYS CLOSE IN	55-75	A dúvida, o medo, as outras dificuldades reagrupam-se para derrotar o objectivo da personagem. A situação anterior desintegra-se.
	ALL IS LOST	75	Momento oposto ao <i>Midpoint</i> . A personagem apercebe-se de que perdeu tudo o que tinha ganhado, ou de que o que agora tem já não interessa. Aqui algo ou alguém morre – abrindo caminho para o que nascerá.
	DARK NIGHT OF THE SOUL	75-85	Momento de desespero, de perda de sentido.
ACTO 3	BREAK INTO THREE	85	Graças a uma nova ideia, uma nova inspiração, a personagem decide tentar de novo.
	FINALE	85-110	Desta vez, a personagem principal finalmente percebe a mensagem e actua de acordo com ela, levando ao sucesso/catarse.
	FINAL IMAGE	110	O oposto da Imagem Inicial, mostra a mudança ocorrida na personagem.

Mas um argumento para cinema é das escritas de ficção mais técnicas que existem. Obviamente que não devemos ou não podemos ou não queremos ser tão disciplinados e taxativos na escrita de um romance de Fantasia ou Ficção Científica. No entanto, esta ferramenta ajuda imenso a percebermos o que temos de fazer no momento seguinte, que estrutura devemos seguir. Podemos decidir que não queremos seguir algo tão determinístico, mas é bom ter uma estrutura como a *Beat Sheet* para os momentos em que não sabemos para onde ir neste ou naquele momento. É uma corda de segurança. Snyder criou esta ferramenta depois de analisar dezenas de filmes, portanto é algo que existe porque funciona.

Vou dar-vos um exemplo dos primeiros minutos de *Matrix*. A Imagem Inicial são os símbolos verdes a discorrerem num ecrã e as vozes de Trinity e Chypher a falarem sobre Neo. No *Set-up*, existe um *hook*, ou seja, uma cena para nos agarrar, que é a cena de ação de Trinity a fugir dos Agentes. Depois temos a cena da discoteca, em que Trinity aborda Neo. O Catalisador acontece no momento em que Neo recebe o telemóvel de Morpheus que o aconselha a fugir da polícia – é o momento em que Neo é “atirado” para a história –, a partir daqui nada será o mesmo. Neo acaba por ser preso e Mr. Smith diz-lhe que pode escolher entre ser Neo ou ser Anderson. Isto é o Debate. Neo ainda não decidiu nada. Quando Trinity o leva de carro e lhe dizem «Isto tem de ser à nossa maneira», Neo ainda hesita. Finalmente, Neo conhece Morpheus e tem de escolher entre «a verdade» ou «a ilusão». No momento em que Neo escolhe, começa o segundo acto.

Isto é uma fórmula? É claro que é uma fórmula. E não é suposto sermos diferentes? Evitar fórmulas? Sim, temos sempre de ser diferentes. Especialmente no conceito e no *gimmick*. E não devemos ficar presos às fórmulas. Mas também não as devemos evitar. Elas são ferramentas. Podem ser úteis ou não, dependendo de como as usamos. Para mim, a *Beat Sheet* foi um grande achado e eu uso-a muitas vezes.

Há uma tendência em muitas pessoas para uma arrogância intelectual quando se escreve, seja Ficção Científica, seja outra coisa qualquer. Mas a arrogância intelectual, tentarmos mostrar que somos mais inteligentes ou que não usamos fórmulas, ou que conhecemos toda a ciência por detrás deste ou daquele fenómeno científico, nada disso é interessante para um leitor. Um leitor quer, em primeiro lugar, uma história que o absorva com personagens com quem se identifique pelo melhor e pelo pior. Uma boa estrutura ajuda-nos a chegar lá, mas esta atitude humilde tem de continuar na execução da história. Na escrita propriamente dita.

2

SOFISTICAÇÃO E PRAGMÁTICA

Sofisticação não é a mesma coisa que arrogância intelectual. Dou-vos mais um exemplo do cinema: no filme *Citizen Kane*, o realizador Orson Wells apercebeu-se de que a melhor maneira de filmar um discurso da personagem

principal era de baixo para cima. Desse modo a personagem pareceria maior, com mais força. Quando Wells viu que não conseguia baixar a câmara o suficiente para aquele plano, acabou por fazer um enorme buraco no chão do estúdio para poder fazer aquela filmagem com a câmara mais baixa. Quem vê o filme não se apercebe disso. Aquilo que sente, talvez inconscientemente, é que a personagem de Kane é importante e grandiosa. Orson Wells fez um grande esforço para que o espectador sentisse isso, mesmo sem este ter a noção de “como” aquele efeito estava a ser conseguido. Isso, a meu ver, é sofisticação. É termos modos inteligentes de fazer com que os leitores ou espectadores “sintam” de uma determinada forma sem se aperceberem do que os faz sentir dessa forma.

Hemingway fá-lo nos seus diálogos, por exemplo. Tem por vezes diálogos intermináveis sem qualquer descrição da acção. Porquê? Porque focando-nos apenas no que é dito “sentimos” o que se está a passar. Ficamos focados no Subtexto. O Subtexto é um conceito importantíssimo e é uma das bases da escrita sofisticada.

Há algumas décadas, o psicólogo Paul Watzlawick e alguns colegas da sua escola de Palo Alto, na Califórnia, escreveram sobre a comunicação humana. A sua ideia é de que a comunicação humana pode ser digital ou analógica. A comunicação digital está focada na informação manifesta. Por exemplo: «O céu é azul», ou «o bife é bom». Dito desta maneira, a informação que absorvemos é apenas de que o céu é azul e de que o bife é bom. No entanto, a maioria da comunicação humana é comunicação analógica que está, por assim dizer, nas entrelinhas. Por exemplo: se nos perguntarem se o bife é bom e nós respondermos «Sim», mas encolhermos os ombros ao mesmo tempo que fazemos uma careta, a informação que absorvemos é a de que o bife NÃO é bom. Porque a comunicação analógica é mais forte do que a comunicação digital. A comunicação analógica está focada no que está nas entrelinhas, o que chamamos o Subtexto.

Uma escrita sofisticada centra-se no Subtexto. Não está focada em fazer a frase mais bonita, ou mostrar a ideia mais inteligente. Trabalha, em vez disso, o que se “sente” quando se lê. Trabalha ritmo, empatia, ideias, sentimentos, sensações.

Falei de Watzlawick porque algumas das regras que ele postulou para a comunicação são extremamente úteis para quem escreve. Eis algumas:

2.1

É IMPOSSÍVEL NÃO COMUNICAR

Tudo o que se escreve, a maneira como se escreve, tem um Subtexto. Se decidimos não mostrar uma cena, ou silenciar-nos relativamente a uma personagem, isso tem um efeito no que o leitor está a sentir. Não escrevemos apenas com palavras, mas com o modo como “focamos a atenção” do leitor. Quando leio um livro de *As Crónicas de Gelo* e do *Fogo*, de George R. R. Martin, por vezes tenho de esperar páginas e páginas, centenas de páginas, para ver as minhas personagens favoritas, a Danny ou o Tyrion. Isso tem um efeito no modo como depois irei ler as pági-

nas tão esperadas. Martin comunica connosco mesmo quando não escreve sobre esta ou aquela personagem.

2.2'

UMA COMUNICAÇÃO É UM COMPROMISSO

Quando comunicamos um determinado elemento, se dizemos, por exemplo, que uma personagem é muito ciumenta, a mesma personagem não pode depois ignorar simplesmente uma abordagem ao seu amado, porque já estabelecemos um precedente. Quando “investimos” num determinado ponto, temos de saber dar-lhe o devido desenvolvimento. Não podemos voltar atrás com algo que comunicámos, pois o que é comunicado já não pode ser “descomunicado”.

2.3'

COMPORTAMENTO GERA COMPORTAMENTO

Qualquer comportamento que tenha este ou aquele impacto numa personagem tem de levar a uma reacção dessa personagem. Se uma personagem se zanga com a outra e esta se sente igualmente zangada, a discussão tem de escalar. É por isso que por vezes sentimos que as personagens estão a fazer coisas que não tínhamos previsto ou que não era o que pretendíamos: porque se queremos ser coerentes, as personagens têm de “reagir”, não apenas “agir”.

Estas, entre outras, “regras” da comunicação humana permitem-nos usar boas técnicas de escrita e sermos sofisticados nos nossos textos. É preciso, em primeiro lugar, focarmo-nos no Subtexto. A função de um escritor, quando conta uma história, é manipular a atenção do leitor. Guiar o leitor e levá-lo a “sentir” isto ou aquilo, até ao clímax e ao final. É muito importante certificarmo-nos de que o “investimento” de tempo e atenção do leitor está nos elementos certos de modo a conseguirmos o que Aristóteles chamou a “catarse”, o momento de forte mudança no final. Mas disto falaremos na próxima vez. **BANG!**

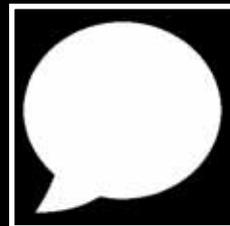


Bruno Martins Soares

Ganhou o Prémio Nacional de Jovens Criadores na vertente de Literatura, tendo representado Portugal na Feira de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo em Turim em 1997, onde o seu conto «Mindsweeper» foi publicado em italiano. Após vários contos e textos publicados em diversas colectâneas e publicações de referência, editou a trilogia de ficção científica/fantasia A Saga de Alex 9 pelas mãos da editora Saída de Emergência a partir de 2009. Entretanto já publicou vários outros livros e contos, tanto em português como em inglês.

Em 2013, co-produziu e co-escreveu a longa-metragem *Regret*, da produtora Castaway Entertainment, com distribuição nos EUA e Canadá pela distribuidora Anderson Digital. Entre 2015 e 2017, escreveu e co-produziu a curta-metragem *Desvio*, Award of Merit da Best Shorts Competition, para além de três outras curtas-metragens e dois pilotos para TV. A sua peça *O Papel* foi também encenada pela produtora This Is That. Como jornalista, escreveu para o *Diário de Notícias* e para a *Ideias & Negócios* e foi correspondente em Portugal da *Jane's Defence Weekly*, a maior revista do mundo de defesa militar. Também colaborou com o *The Washington Post*.

BD



Miguel Montenegro

Foi o primeiro autor português a trabalhar para a Marvel Comics, tendo também colaborado com outras editoras americanas, como a Image Comics e a Dynamite Entertainment. Também trabalha em publicidade, tendo feito mais de mil *storyboards* para algumas das maiores agências e produtoras de filmes. É ainda psicólogo clínico, com artigos científicos publicados em revistas internacionais, e membro da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. Atualmente, dedica-se à sua tira humorística PSICOPATOS, de sua criação, que vai ser publicada em França pela editora Marabout.

DEMENTIA VIVENDI

POR MIGUEL MONTENEGRO



"E É ISSO QUE A TRAZ AQUI?"

"NÃO É SUFICIENTE? JÁ TENTAMOS DE TUDO! NÃO HÁ MANEIRA DE O CONVENCER!"



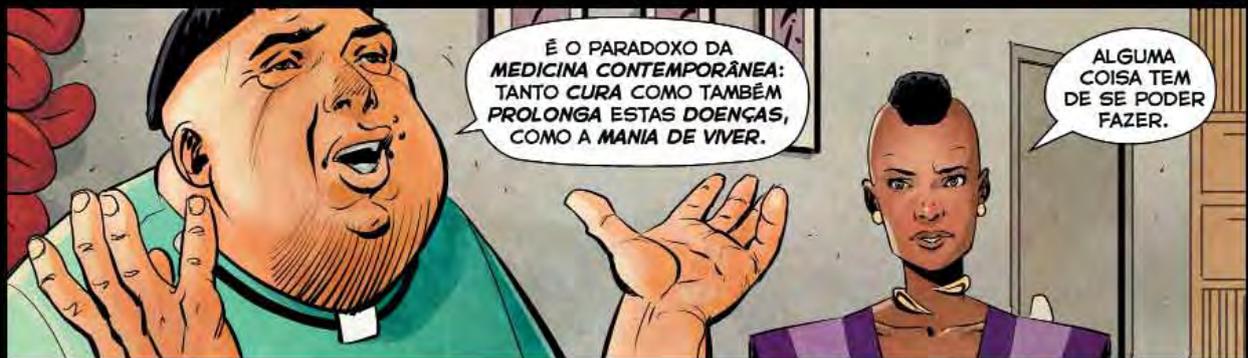
ESTOU A VER. É UM PROBLEMA CADA VEZ MAIS RARO. TENDE A DESAPARECER À MEDIDA QUE AS PESSOAS SE VÃO CONSCIENCIALIZANDO DA NECESSIDADE DE SE TRATAREM.

O QUE PODEMOS FAZER?



COMO SABE, AINDA NÃO FOI APROVADA A LEI PARA PODEMOS CURAR COMPULSIVAMENTE OS DOENTES COM 'DEMENTIA VIVENDI'.

MAS NÓS JÁ NÃO AGUENTAMOS MAIS O SOFRIMENTO!



É O PARADOXO DA MEDICINA CONTEMPORÂNEA: TANTO CURA COMO TAMBÉM PROLONGA ESTAS DOENÇAS, COMO A MANIA DE VIVER.

ALGUMA COISA TEM DE SE PODER FAZER.



O MEU JUÍZO TERAPÊUTICO É ESTE: SEJA MAIS PERSUASIVA.

VOU TENTAR, JUIZ-DOCTOR. VOU TENTAR.



MAMÃ!
MAMÃ!

OLÃ,
FILHOTA!



COMO
FOI O TEU
DIA?

O AVÔ FEZ
OUTRA VEZ
XIXI NO SOFÃ.
ELE NÃO SABE
QUE TEM DE
MORRER?



INFELIZMENTE,
NÃO, FILHOTA.

O AVÔ TEM
UMA DOENÇA,
MAS NÃO SE
QUER CURAR.

COITADINHO.



PAI, ESTIVE A FALAR
COM O JUIZ-DOCTOR E
ELE CONFIRMOU: NESTA
FASE DA EXISTÊNCIA, UMA
MORTE COM DIGNIDADE
É A ÚNICA CURA.



EU
PREFIRO
NÃO.



BEM, VAMOS
TER DE VER ISSO.
AMANHÃ VAMOS
VISITAR UMA SALA
DE MORTE.

POSSO
IR, MAMÃ?
POSSO IR?

EU
PREFIRO
NÃO.



AQUI ESTAMOS. COMO SE PODE VER PELA FILA, É UM SERVIÇO COM MUITA PROCURA. SERÁ UMA SORTE SE ACEITAREM A NOSSA INSCRIÇÃO PARA AS PRÓXIMAS SEMANAS.

MAS HOJE SOMOS SÓ TURISTAS.

EU PREFIRO NÃO.

SLEEP OF DIGNITY - CLINIC



NÃO SEJAS ASSIM.

OLHA BEM: É TUDO BASTANTE HIGIÊNICO. O DOENTE ESTÁ DESCANSADO E RODEADO POR FAMILIARES E AMIGOS. BASTA LIGAR O INALADOR DE TANASOL PARA INICIAR O SONO DA DIGNIDADE DE FORMA INDOLOR.



QUE TAL? NÃO É A MELHOR COISA QUE TE PODIA ACONTECER?

EU PREFIRO NÃO.



EH PÃ, SEMPRE COM A MESMA CONVERSA! JÁ ESTOU FARTA DISTO! ÉS MUITO EGOÍSTA, SABES?



QUE GRANDE PORRA! NUNCA MAIS COLOCAM UM LIMITE DE IDADE DE VIDA PARA NÃO TERMOS ESTAS CHATICES!

EU PREFIRO NÃO.



SABES QUE
PODEMOS SEMPRE
METÊ-LO NUM **DEPÓSITO**
SÊNIO ATÉ QUE **MORRA**.
É O QUE TODA A GENTE FAZ.
A PENSÃO DELE COBRA A
DESPESA E NÃO TERÍAMOS
MAIS **CHATICES**.

ELE NÃO QUER.
DIZ SEMPRE QUE
PREFERE QUE **NÃO**.
E ESTA CASA AINDA É
DELE, NÃO PODEMOS
FAZER **NADA**.



INFELIZMENTE,
ACHO QUE
VAMOS TER DE
ESPERAR.



ELE
PAROU DE
COMER...



COMO
ASSIM,
PAROU DE
COMER?!



NÃO COME
NADA HÁ TRÊS
DIAS.

MAS TEM DE
COMER! SE **MORRER**
DESNUTRIDO, VAMOS
SER ACUSADOS DE
NEGLIGÊNCIA.

EU
PREFIRO
NÃO.



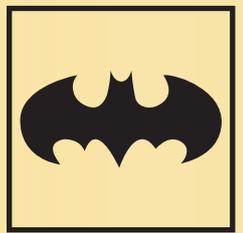
É ISSO QUE TU
QUERES, NÃO É?
ENLOUQUECER-ME!
NÃO ÉS MESMO CAPAZ
DE ME **ALMIAR**
UM POUCO?

EU
PREFIRO
NÃO.





FIM



Confissões do Velho Nerd do Restelo

por Marcelo Lourenço

Eu sou da época em que usar uma t-shirt do *Batman* era um ato de terrorismo. Ou seja: antes de 1989 — época do lançamento do *Batman*, o filme do Tim Burton.

Até àquela data gostar de super-heróis era o equivalente a cheirar mal ou ter um parente na cadeia. Ler banda desenhada era coisa de criança, causava gagueira e era apenas para quem ficava trancado sozinho no quarto fazendo Deus-sabe-lá-o-quê.

Com o filme do Tim Burton, de repente, toda a gente falava sobre o Cavaleiro das Trevas, havia gente nos jornais a discutir essa coisa “urbana e revolucionária” chamada banda desenhada, a nova coqueluche dos moderninhos que adoravam o Batman e a sua personalidade “complexo” e “realista”.

Foi aí que a palavra “nerd” começou a deixar de ser uma ofensa.

O filme do Batman foi um sucesso tão grande que os filmes de super-heróis viraram a grande aposta do cinema americano. “Ah, mas não foi sempre assim?”, pergunta o jovem de borbulhas com a t-shirtzinha do Deadpool. Não, rapaz, não era assim — os filmes baseados na BD

eram puro *trash* — tirando a obra-prima *Superman* de 1978 — eram coisas de arrepiar os cabelos de tão ruins.

Google aí “Fantastic Four + Roger Corman” para ter uma extensão do horror.

Ainda foram precisos quase duas décadas para que a Marvel acertasse de vez nos filmes e transformasse os super-heróis no maior fenómeno da cultura global.

E hoje, ser *nerd* é algo socialmente aceitável. Melhor: é algo respeitável. As Comic Cons deixaram de ser um pequeno clube envergonhado de maluquinhos e passaram a ser a Disneylândia para toda a família. Há grupos no Facebook criados só para discutir os pormenores da última temporada de *A Guerra dos Tronos*, há teses de mestrado, livros, revistas, programas de TV e centenas, milhares, de t-shirts com o logo do “ regresso ao Futuro” em qualquer Zara ou H&M da vida.

E Barack Obama, o presidente americano mais *cool* de sempre, revelou (com orgulho) que é um “trekkie” de carteirinha.

Mas ninguém resumiu melhor a vida mansa dos *nerds millennials* como o Diogo, o filho adolescente do meu amigo Alexandre Montenegro. Quando pai e

filho entraram na Comic Con do Porto, o Diogo sorriu maravilhado e disse: “Pai, também há miúdas que gostam disso???”.

Que inveja do Diogo.

É por isso que quando a coisa começou a mudar em 1989 com o filme do Batman, fiquei dividido: por um lado estava feliz e emocionado por tanta gente começar a gostar de algo que eu gostava sozinho e em silêncio.

Por outra, revoltado porque agora o meu clube secreto não era tão secreto assim.

Nessa altura, achei que a melhor maneira de reagir era partir para a desobediência civil — por isso, eu e o

meu amigo Alceu Corrêa Júnior, hoje respeitável juiz, decidimos “pichar” a cidade inteira (o ato de escrever com tinta spray ainda não era a arte conhecida como “graffiti”) com mensagens que diziam “Batman 50 anos. Ele está de volta”.

Mas que na verdade queriam dizer “O Batman nunca foi embora, mas só agora foi descoberto pelos otários”.

O nosso plano de pintar a cidade com o símbolo do morcego durou exatamente dois quarteirões, quando fomos apanhados pela polícia, que nos deixou ir embora depois de um enorme e merecido raspanete.

Não falei? Terroristas.

Mas isso era o jovem Marcelo Lourenço. Hoje, mais sábio e maduro, sei que no final das contas a popularização da nossa religião fez bem a toda a gente.

Já não me chateio quando alguém redescobre os clássicos e começa a explicar-me, a mim, porque o Frank Miller é um gênio.

Nem guardo mais rancor quando percebem tudo errado e convidam o Ben Affleck para fazer o papel do morcego no cinema.

Não me chateio (muito) quando o novo filme do Han Solo é uma porcaria e nem fico irritado quando toda a gente tenta me convencer que a nova versão de Star Trek com o Tarantino será muito melhor que o original.

Estou na boa — já aceitei que ser *nerd* agora é para toda a gente.

Mas continuo com uma baita inveja do Diogo. **BANG!**



Marcelo Lourenço

Queria ser pirata, agente secreto ou capitão da USS Enterprise mas acabou mesmo por ser publicitário e um dos criativos mais premiados de Portugal. E tudo bem.



O mundo criado por Anne Bishop em Lago do Silêncio é tão imprevisível como fascinante.
— SYFY

TERROR

*Arquivo
do Medo*



Diversas figuras que povoam os contos de terror encontram as suas raízes na tradição popular, por vezes comuns a diversos povos, pelo Mundo fora. Fantasmas e assombrações diversas, bruxas ou vampiros, todos se podem encontrar nas histórias que dantes se contavam à lareira, durante noites escuras, enquanto as famílias se protegiam do vento agreste e da chuva que açoitavam as casas.



“O Lobisomem”
(ou “O Canibal”),
Lucas Cranach,
o Velho, 1509

Entre essas estranhas figuras, a fazer companhia a gigantes, ogres, papões e toda a panóplia de criaturas que o espírito humano foi capaz de conceber, uma das de maior universalidade é o lobisomem.

Sumariamente, poder-se-á dizer que um lobisomem é um ser humano que tem a capacidade ou a sina de se transformar num lobo em noites de Lua cheia. As razões que levam um homem a tornar-se lobisomem são variáveis, incluindo actos de intrínseca malvadez, mas também o facto de ter sido mordido por um outro lobisomem. Normalmente, aquele que sofre de tal condição não tem noção do que possa ter feito durante os seus períodos de “correr o fado” – como entre nós era habitual dizer-se (veja-se, por exemplo, José Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*) –, durante os quais poderá ter matado animais e seres humanos, por vezes (mas nem sempre) para deles se alimentar. No entanto, quaisquer feridas que receba enquanto assume a forma lupina costumam manter-se quando regressa ao estado humano.

Diz-se ainda que um lobisomem demonstra normalmente alguma aversão às plantas do género *Aconitum* (família das Ranunculáceas) e suas flores. Uma tradição comparativamente recente acrescenta que só pode ser morto por uma bala de prata, regressando depois de morto definitivamente à forma humana.



Rua do Lobisomem, Caminha

De notar que, tal como sucedeu com outras figuras lendárias, algumas das características dos lobisomens que hoje consideramos como perfeitamente estabelecidas só ganharam certa estabilidade graças ao cinema, neste caso, particularmente, através do filme *The Wolf Man*, realizado em

1941 por George Waggner e que contou com interpretações de Lon Chaney Jr., no papel de Larry Talbot, o lobisomem, Claude Rains, Ralph Bellamy, Maria Ouspenskaya e Bela Lugosi, entre outros. O argumento foi escrito por Curt Siodmak (1902-2000), de origem alemã, que chegou aos Estados Unidos da América em 1937, fugindo às perseguições anti-semitas da Alemanha nazi. Foi assim basicamente Siodmak quem, a partir das histórias tradicionais já milenares, congeminou o conjunto de características que, a partir daí, passaram a definir o lobisomem.

Como se disse acima, o lobisomem aparece em várias formas e em diversos contextos no folclore europeu, nomeadamente na Europa ocidental e setentrional, por influência germânica, embora haja tradições semelhantes por exemplo na zona dos Balcãs. Há referências a lobisomens nas obras de autores clássicos, como Heródoto, Ovídio ou Virgílio. Nas *Metamorfoses*, Ovídio alude, em particular, à história de Licaonte, que decidira pôr à prova a divindade de Júpiter, que visitava a sua casa, servindo-lhe uma refeição de carne humana; irado, o deus transforma-o em lobo.



Zeus transformando Licaonte num lobo (gravura de Hendrik Goltzius)

Se nas narrativas de Virgílio, entre outros autores da Antiguidade, a transformação de um homem num animal era frequentemente voluntária, regressando o lobisomem à condição humana mais ou menos à sua vontade, no caso de Licaonte ela surge como uma maldição irreversível, castigando as perversidades cometidas.

Também o escritor romano Petrónio nos deixou, no seu *Satíricon* (cerca do ano 55 da nossa era), uma história de lobisomens, narrada por um tal Niceros. Nela, um homem que se transformara em lobo uma certa noite e perseguira ovelhas nas quintas vizinhas é ferido por um pastor e, na manhã seguinte, Niceros verifica que o seu anfitrião apresenta feridas no pescoço equivalentes às que poderiam ter sido feitas por uma forquilha.

Nas tradições escandinavas – mas curiosamente não no folclore britânico – abundam também as histórias de homens-lobos. Em França, durante o século XVI, há numerosos relatos de ataques por lobisomens – por lá conhecidos pela designação de *loup-garous* – e consequentes julgamentos, envolvendo acusações de assassinios e de canibalismo. Mas por meados do século XVII

o fenómeno da licantrópia (do grego λυκάνθρωπος, *lukánthropos*, significando literalmente “lobo-ser humano”), enquanto fenómeno de carácter sobrenatural, tinha mais ou menos desaparecido em França: a *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, organizada por Denis Diderot (1713-1784) e Jean de Rond d’Alembert (1717-1783) considera tais casos como simples instâncias de perturbações mentais.

Na tradição portuguesa também há referências a lobisomens. Segundo Nuno Matos Valente (*Bestiário Tradicional Português*, ed. Escafandro, 2017), os lobisomens integram-se na categoria mais vasta dos «corredores de fado», em que caem «meninos a quem o padrinho se esqueça de dizer certas palavras durante a cerimónia do baptismo» ou ainda «o sétimo irmão de uma família». Acrescenta que «durante os dias são pessoas como as outras, mas, em certas alturas, transformam-se em animais». Sempre segundo este autor, em Portugal há quatro tipos fundamentais de corredores de fado: «as Peeiras, que são mulheres que foram amaldiçoadas e passaram a viver entre os lobos, os Tardos, os Lobisomens e os Corrilários», sendo que «com o passar do tempo, um Tardo transforma-se em Lobisomem e, mais tarde, o Lobisomem pode transformar-se em Corrilário».

O Lobisomem alimenta-se «de pequenos animais, como crianças e outros seres humanos de pequena estatura ou indefesos». Por sua vez, «tornam-se Corrilários [...] os Lobisomens que morram ser ter cumprido o seu fadário». Assim, o Corrilário é «a Alma Penada do Lobisomem», não se alimenta, mas é ferocíssimo.

Também no volume *Contos Populares e Lendas*, coligidos por J. Leite de Vasconcelos e com coordenação de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho (*Acta Universitatis Comibrigensis*, 1964), encontramos o conto «O Lobisomem», antecedido pela seguinte explicação: «O lobisomem é um homem “tocado do fado”, que tem a faculdade de tomar a forma do animal que de-



Peeira

seja representar, para andar de noite a correr [...]. O lobisomem provém do último filho de uma mulher, que teve sete, sendo todos masculinos. Para se lhe quebrar o fado é preciso esperá-lo em uma encruzilhada e feri-lo com um instrumento de aço. Hoje são muito raros, porque se descobriu o remédio para os não haver, pois basta que um dos irmãos seja padrinho do outro para obstar a que o desgraçado, que tivesse de ser corredor, o venha a ser.» No entanto, o lobisomem do conto em questão é mais uma espécie de ogre, comedor de carne humana, do que um homem capaz de se transformar em lobo.

Curiosamente, na Irlanda, o lobisomem assumiu um papel totalmente diferente do seu congénere do centro da Europa, sendo, na verdade, um protector de crianças, homens feridos e pessoas perdidas. Conhecidos pelas designações de *faoladh* ou *connoicht*, chegariam a ser recrutados por reis para participarem em guerras, dado o seu comportamento predatório, típico dos lobos.

A ideia de que o comportamento atribuído aos lobisomens possa ter origem em perturbações mentais ou mesmo

doenças físicas tem sido retomada por diversos autores. Por exemplo, Lee Illis publicou em 1964 um artigo intitulado «On Porphyria and the Aetiology of Werewolves» [*Proceedings of the Royal Society of Medicine*, vol. 57 (1): 23-6], no qual identifica o problema com casos de porfíria congénita, cujos sintomas – que podem ser potenciados pelo álcool, pelo tabaco e pelo stress, entre outros factores – incluem dores abdominais e torácicas, vómitos, febre e o aparecimento de lesões cutâneas por exposição solar. Illis associa estas situações de foto-sensibilidade, vermelhidão dos dentes e psicose às acusações de um determinado paciente ser um lobisomem, enquanto Ian Edward, no seu livro *The Werewolf Delusion* (1979) discorda de tal interpretação, observando que nos casos historicamente registados de licantrópia não se encontram referências aos sintomas de porfíria enquanto os pacientes conservam a forma humana.

Também o padecimento hereditário da hipertricose, correspondente a um excessivo crescimento de cabelo, por vezes afectando todo o corpo, tem sido apontado como podendo estar na origem do mito do lobisomem, se bem que Woodward observe que se trata de uma doença muito rara, logo pouco provável como fonte de lendas tão comuns por toda a Europa medieval. Em compensação, sugere a raiva como sua possível origem, dados os sintomas da doença – excesso de salivacão, convulsões, excitabilidade, espasmos musculares, agitação e ansiedade, etc. – e também a circunstância de se transmitir através da dentada de um animal infectado, à semelhança da dentada de um lobisomem, que transforma a sua vítima num novo lobisomem. De sublinhar, porém, que conforme acima ficou dito, este modo de transmissão da licantrópia nem sempre fez parte do cânone do mito do lobisomem, sendo de introdução relativamente recente.

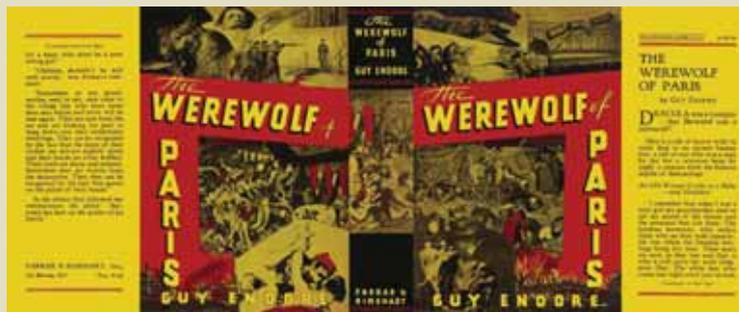
Sendo o lobo o mais perigoso e temido predador europeu, não é de admirar que o folclore local o utilizasse para os seus relatos de teriantropia [do grego *therion* (θηρίον), significando animal selvagem], ou seja, da habilidade de determinados seres humanos de se transformarem em outros animais. Um dos mais famosos casos frequentemente associados ao fenómeno do lobisomem foi, sem dúvida, o da Besta de Gévaudan, criatura que entre 1764 e 1767 teria matado quase uma centena de homens, mulheres e crianças, na província de Gévaudan (hoje Lozère), sem que alguma vez tivesse sido identificada, muito menos apanhada.



La Bête du Gévaudan (gravura sobre cobre, 1764/65)

Essa perversa associação entre homens e lobos é corroborada pela circunstância de noutras partes do Mundo, onde não existiam lobos, outros predadores terem sido usados em papéis equivalentes: hienas em África, tigres na Índia, jaguares na América do Sul, etc. Entre outras variantes da teriantropia contam-se a cinantropia (homens que se transformam em cães) e a ailurantropia (homens que se transformam em gatos), não esquecendo as histórias de fadas em que se registam transformações de príncipes e princesas em rãs, sapos, macacos, burros e outros animais.

mais tarde capturado e condenado à prisão, Bertrand vai para um manicómio, acabando por se suicidar.



Inevitavelmente, o mito do lobisomem passou das histórias tradicionais para as obras literárias.

Depois do romance gótico *Hugues, the Wer-Wolf: A Kentish Legend of the Middle Ages*, publicado por Sutherland Menzie em 1838 e onde aparece, na realidade, um homem que se disfarça de lobo para assustar os seus conterrâneos, surge, em 1846, o célebre romance *Wagner, the Webr-Wolf*, da autoria de George W. M. Reynolds (1814-1879). A história é uma espécie de continuação do poema trágico *Fausto* (1808), de Goethe: Fernand Wagner teria sido, na sua juventude, um colaborador de Fausto, a quem um dia o Diabo oferece juventude eterna, desde que ele consinta em transformar-se em lobo durante uma noite de Lua cheia em cada mês; seguem-se diversas aventuras, durante as quais o Diabo propõe a Wagner terminar o fadário a troco da sua alma.

Podem naturalmente referir-se diversas outras obras que envolvem lobisomens, como o romance *Le Meneur de Loups* (1857), de Alexandre Dumas – cujo título haveria de ser retomado, noventa anos mais tarde, por Claude Seignolle para um livro seu –, o conto «The Mark of the Beast», de Rudyard Kipling, datado de 1890, ou a novela *The Werewolf* (1896), escrita pela escritora Clemence Housman, feminista com um papel activo no movimento sufragista. A partir do início do século xx, os lobisomens começaram também a aparecer em textos cuja acção era passada nos Estados Unidos da América, ou que eram escritos por autores norte-americanos: *The Thing in the Woods* (1924), de Margery Williams, passado na Pensilvânia, *The Door to the Unreal* (1919), de Gerald Biss, *Invaders of the Dark*, de Greye La Spina, publicado em livro em 1960 pela editora Arkham House, mas que tinha aparecido em 1925, em episódios, na famosa revista *Weird Tales*, *The Undying Monster* (1922), de J. D. Kerruish, etc.



Caillet revela estranhos desejos e um certo sadismo, em sonhos que transcrevem as suas peripécias sob a forma de um lobo;

Em muitos dos textos referidos, o lobisomem é utilizado como um símbolo do estranho que entra numa comunidade pequena e fechada, ou de uma mais alargada gama de questões políticas e raciais conducentes à ostracização de um indivíduo por parte da sociedade em que supostamente estaria inserido.

Anos mais tarde, o lobisomem haveria ainda de figurar em histórias que mais apropriadamente se deverão classificar no domínio da ficção científica, destacando-se, por exemplo, *The Wolfen* (1979), de Whitley Strieber, onde se postula a existência de uma raça de predadores com a aparência de lobos, que teria coexistido com a espécie humana ao longo de mais de dez mil anos, dando lugar aos contos de lobisomens inventados pelos homens primitivos. Tema muito semelhante surgirá já, por exemplo, em 1948, no romance *Darker Than You Think*, de Jack Williamson, ou em 1950, no conto «There Shall Be No Darkness», de James Blish. Em 1967, Clifford D. Simak publicaria *The Werewolf Principle*, em que os lobisomens são na realidade andróides capazes de mimetizar geneticamente a vida existente noutros planetas.

Por sua vez, trabalhos como *Moon Dance* (1989), de S. P. Somtow, ou as novelas *Wild Blood* (1994) e *Walking Wolf* (1995), de Nancy Collins, incorporam o mito do lobisomem no universo dos *westerns* e da expansão dos emigrantes oriundos da Europa através do território norte-americano e seus confrontos com as tribos nativas.

Tal como acima se deixou dito, uma análise, ainda que breve, da utilização do mito do lobisomem na ficção moderna não ficaria completa sem uma referência ao seu surgimento no cinema.

Se os filmes de vampiros parecem não ter surgido até à década de 1920 (com uma adaptação russa e outra húngara do romance *Dracula*, em 1920 e 1921, seguidas do *Nosferatu* de Murnau, em 1922), os lobisomens foram levados ao ecrã bastante mais cedo, datando o primeiro filme sobre o tema de 1913. Hoje infelizmente perdido, este filme, realizado por Henry MacRae, contava a história da filha de uma feiticeira da tribo Navajo que se transformava em lobo para atacar os homens brancos!

O primeiro filme de lobisomens, de longa-metragem, é no entanto *Werewolf of London*, de 1935, realizado por Stuart Walker. Conta a história de um cientista que, durante uma visita ao Tibete, é mordido por um ser semelhante a um lobo, transformando-se assim num lobisomem. O filme introduz também dois pormenores importantes do mito, nomeadamente a transformação do homem em lobo sob a luz da Lua e a recuperação do aspecto humano após a morte, para além de apresentar a licanthropia como uma espécie de doença ou ameaça, proveniente de regiões remotas e incivilizadas.

Seguiu-se-lhe, no que poderá ser uma lista dos mais im-



portantes filmes do género, o já acima referido *The Wolf Man*, em 1941. O enredo conta a história de Lawrence [Larry] Talbot que, ao visitar a casa da sua família, no País de Gales, é atacado por um lobo, que acaba por matar com a sua bengala de castão de prata; transforma-se então ele próprio num lobisomem e, ao cabo de diversas aventuras, acaba por ser eliminado pelo próprio pai. De salientar, neste filme, o relevo dado ao terror que o protagonista sente ao compreender a sua situação

e à tortura que para ele constitui a transformação numa fera, responsável por múltiplas atrocidades.

Referiremos de seguida *The Curse of the Werewolf*, realizado em 1961 por Terence Fisher e com a acção situada em Espanha, no século XVIII. Oliver Reed interpreta o papel de Leon, um rapaz adoptado na infância que se transforma num lobisomem e aterroriza a cidade. O filme é livremente inspirado pelo romance de Guy Endore.

Em 1980, surge *The Howling*, realizado por Joe Dante e baseado no livro do mesmo nome publicado três anos antes por Gary Brandner. Com o actor britânico Patrick Macnee (popularizado na televisão através da série *The Avengers*, entre 1961 e 1969) no papel do Dr. George Waggoner – evidentemente em homenagem ao realizador de *The Wolf Man* –, o filme conta a história de uma aldeia no cimo de montanha, cujos residentes são todos lobisomens. O êxito da história levou a que *The Howling* desse origem a uma série (de qualidade claramente decrescente) de nada menos de três romances e oito filmes!

No ano seguinte surgiu um filme muito interessante, parcialmente contado em tom de comédia, mas que utiliza habilmente diversos chavões dos filmes de terror, em particular, numa cena muito bem concebida, o súbito silêncio que se abate sobre os frequentadores de um *pub*, certa noite, quando os dois heróis entram. Atacados por um lobisomem, um deles acaba por morrer, enquanto o outro se transforma ele mesmo num lobo nas noites de Lua cheia, transformação essa que, tal como em *The Howling*, é em muitos aspectos memorável, graças à excelente qualidade dos efeitos especiais concebidos para a sua execução. O filme foi realizado por John Landis.

Não podemos deixar de referir também *The Company of Wolves*, de Neil Jordan, interpretado, entre outros, por Sarah Patterson, Angela Lansbury e David Warner, realizado em 1984 a partir de um conto curto da autoria de Angela Carter. O filme insere-se na categoria da fantasia, próxima das histórias de fadas, não sendo de estranhar as referências à história do Capuchinho Vermelho, na qual, como se sabe, um lobo – que fala e se faz passar por um ser humano – assume um papel fundamental.

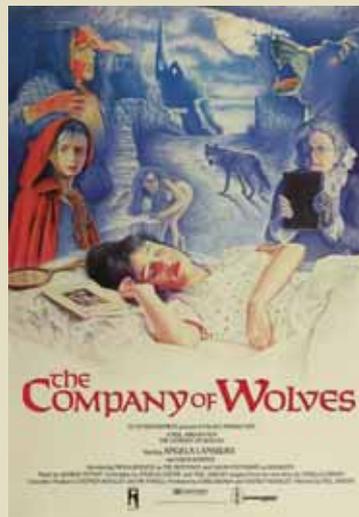
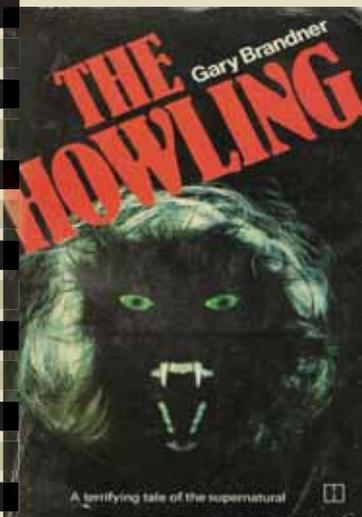
Vale ainda a pena citar o filme *Wolf*, de 1994, realizado por Mike Nichols e com um relativamente inesperado Jack Nicholson no papel de Will Randall, funcionário de nível elevado de uma firma editora; da lista de actores constam ainda Michele Pfeiffer, Christopher Plummer e Prunella Scales, entre outros. Mordido por um lobo que acidentalmente atropelara numa noite de nevoeiro, Randall começa a desenvolver tendências agressivas, nele até aí desconhecidas. A figura do lobisomem é aqui utilizada como representando a crueldade e frieza do mundo dos negócios e da alta finança, em que certos comportamentos brutais são frequentemente encontrados.

Mais recentemente, em 2010, foi feita uma nova versão de *The Wolf Man*, de 1941, pela mão de Joe Johnston e contando com as interpretações de Benicio del Toro, Anthony Hopkins e Geraldine Chaplin. A caracterização ganhou nesse ano o Oscar da Academia de Hollywood. Apesar disso, o filme foi mal recebido pela crítica e é, efectivamente, de fraco interesse.

Seria interessante procurar apurar os motivos que levaram a que as histórias de lobisomens não alcançassem, no imaginário popular contemporâneo, especialmente orientado pela Sétima Arte, uma posição de predominância semelhante à que atingiram os vampiros, por exemplo – ou, como moda recente, os *zombies*.

Talvez o fascínio da figura aristocrática do Conde Drácula, uma espécie de ser superior e virtualmente imortal, seja mais atraente do que a regressão evolutiva que transforma um ser humano numa besta fera.

Apesar de tudo, muitas obras, literárias ou cinematográficas, de alto valor têm sido dedicadas ao mito do homem-lobo. Apesar de os lobos terem desaparecido dos campos invadidos pelas comunidades humanas, eles continuam a trazer à memória a imagem de um terrível e perigoso adversário, suscitando ainda hoje medos ancestrais difíceis de apagar do espírito humano. **BANG!**



António Monteiro

Nascido em Lisboa em 1951, casado, com duas filhas e cinco netos. É professor universitário de Matemática e tem múltiplos interesses, entre os quais a Malacologia, sendo editor da revista electrónica *The Cone Collector* (www.theconecollector.com). Na área da literatura fantástica, especialmente da literatura de terror, para além de pertencer a diversos clubes, é autor de diversos contos publicados em revistas.



FICÇÃO ESTRANGEIRA

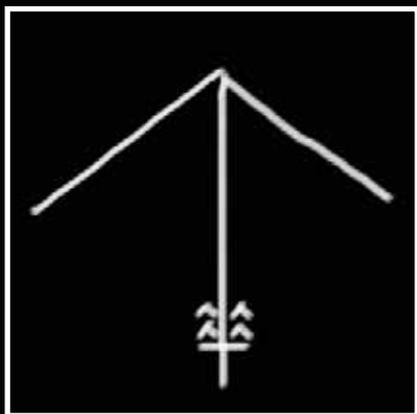
MONONO NO AWARE

KEN LIU

Tradução de **Guilherme Pires**



O mundo tem a forma do kanji para *guarda-chuva*, mas tão mal escrito, como na minha caligrafia, com todas as partes desproporcionadas.



O meu pai ia ficar muito envergonhado pela forma infantil como eu ainda formo os caracteres. Na verdade, já quase nem consigo escrever muitos deles. O meu ensino formal, no Japão, terminou quando eu tinha só oito anos.

Ainda assim, para os atuais propósitos, este caracter mal desenhado vai servir.

A calote lá em cima é a vela solar. Nem mesmo este kanji distorcido consegue sugerir minimamente o seu vasto tamanho. Cem vezes mais fina que papel de arroz, aquele disco rodopiante estende-se mil quilómetros pelo espaço, como um papagaio gigante a tentar apanhar todos os fotões que passam. cobre literalmente o céu todo.

Por baixo dela oscila um comprido cabo de nanotubos de carbono com cem quilómetros de comprimento: forte, leve e flexível. No fim do cabo está suspenso o coração da *Hopeful*, o módulo habitacional, um cilindro com quinhentos metros de altura que contém todos os 1021 habitantes do mundo.

A luz do Sol empurra a vela, impulsionando-nos para longe dele, numa órbita em espiral, cada vez mais larga e mais acelerada. A aceleração mantém-nos presos ao chão e concede peso a tudo.

A nossa trajetória leva-nos na direção de uma estrela chamada 61 Virginis. Agora não se consegue ver porque está atrás da vela solar. A *Hopeful* vai lá chegar daqui a uns trezentos anos, mais coisa menos coisa. Com sorte, o meu tetra-tetra-tetra — em tempos calculei quantos “tetras” eram precisos, mas agora não me recordo — tetraneto vai vê-la.

Não há janelas no módulo habitacional, nenhuma vista das estrelas a passar. A maior parte das pessoas não se importa, já se fartaram de ver estrelas há muito tempo atrás. Mas eu gosto de olhar pelas câmaras montadas na parte traseira da nave, para poder contemplar esta vista do minguinte brilho avermelhado do nosso Sol, o nosso passado.

...

“Hiroto”, disse o Pai ao abanar-me para me acordar. “Arruma as tuas coisas. São horas.”

A minha pequena mala estava pronta. Só tinha de guardar o meu jogo de Go. O Pai deu-mo quando eu tinha cinco anos, e as horas em que jogávamos eram a minha altura preferida do dia.

O sol ainda não tinha nascido quando a Mãe, o Pai e eu saímos lá para fora. Os vizinhos também estavam todos em frente às suas casas com as malas, e cumprimentámo-nos educadamente sob as estrelas de verão. Como de costume, olhei para o Martelo. Era fácil. Desde que me lembrava que o asteroide tinha sido, à exceção da Lua, o ponto mais brilhante do céu e todos os anos ficava mais forte.

Um camião, com altifalantes montados no topo, desceu lentamente pelo meio da estrada.

“Atenção cidadãos de Kurume! Por favor encaminhem-se de forma ordenada para a paragem de autocarro. Virão muitos autocarros para vos levar à estação de comboios, onde podem apanhar o comboio para Kagoshima. Não conduzam. Devem deixar as estradas livres para os autocarros de evacuação e veículos oficiais!”

Todas as famílias caminhavam lentamente pelo passeio.

“Sra. Maeda”, disse o Pai para a nossa vizinha. “Posso levar a bagagem por si?”

“Fico muito agradecida”, disse a velha senhora.

Depois de dez minutos a caminhar, a Sra. Maeda parou e encostou-se a um candeeiro.

“Só falta um bocadinho, Avózinha”, disse eu. Ela assentiu, mas estava demasiado ofegante para falar. Tentei animá-la. “Está ansiosa por ver o seu neto em Kagoshima? Eu também tenho saudades do Michi. Vai poder sentar-se com ele e descansar nas naves espaciais. Dizem que vai haver lugares para toda a gente.”

A Mãe sorriu aprovadamente.

“Somos afortunados por estar aqui”, disse o Pai. Ele apontou para as filas ordenadas de gente que caminhava para a paragem de autocarro, para jovens de ar solene com sapatos e camisas lavadas, senhoras de meia-idade a ajudar os pais idosos, as ruas vazias, limpas, e a quietude — apesar da multidão, ninguém falava mais alto que um murmúrio. O próprio ar parecia vibrar com as densas ligações entre as pessoas — famílias, vizinhos, amigos, colegas — tão invisíveis e fortes como fios de seda.

Eu tinha visto na TV o que estava a acontecer noutros sítios do mundo: saqueadores aos gritos a dançar pelas ruas, soldados e polícias aos tiros para o ar e por vezes para as multidões, edifícios em chamas, pilhas periclitantes de cadáveres, generais a gritar perante multidões frenéticas, jurando vingança por querelas antigas, apesar de o mundo estar a acabar.

“Hiroto, quero que te lembres disto”, disse o Pai. Ele olhou em volta tomado pela emoção. “É diante das adversidades que mostramos a nossa força como um povo. Compreende que nós não somos definidos pela nossa solidão individual, mas pela teia de relações na qual estamos entrançados. Uma pessoa deve ultrapassar os seus próprios interesses egoístas para que todos nós possamos viver em harmonia. O indivíduo é pequeno e fraco, mas entrelaçados firmemente uns nos outros, como um todo, a nação japonesa é invencível.

...

“Sr. Shimizu”, diz o Bobby com oito anos, “não gosto deste jogo.”

A escola situa-se mesmo no centro do módulo habitacional cilíndrico, onde pode ficar mais escudada da radiação. Na parte da frente da sala de aula está pendurada uma grande

bandeira americana, perante a qual as crianças fazem o seu juramento todas as manhãs. De ambos os lados da bandeira americana estão duas filas de bandeiras mais pequenas pertencentes a outras nações com sobreviventes na *Hopeful*. Mesmo na ponta do lado esquerdo está uma representação infantil da *Hinomaru*, os cantos do papel branco já encaracolados e o vermelho, em tempos brilhante, do Sol nascente desbotado num laranja de pôr do Sol. Eu desenhei-a no dia em que subi a bordo da *Hopeful*.

Puxo uma cadeira para perto da mesa onde o Bobby e o seu amigo Eric estão sentados. “Porque que é que não gostas?”

Entre os rapazes está uma grelha de dezanove por dezanove linhas cruzadas. Uma mão-cheia de pedras brancas e pretas foram colocadas nas interseções.

De duas em duas semanas tenho o dia de folga do meu trabalho habitual, a monitorizar o estado da vela solar, e venho aqui para ensinar às crianças um pouco sobre o Japão. Às vezes sinto-me palerma por o fazer. Como é que eu posso ser o professor deles se só tenho vagas memórias de infância do Japão?

Mas não há outra escolha. Todos os técnicos não americanos como eu sentem que têm o dever de participar no programa de enriquecimento cultural da escola e transmitir aquilo que conseguirmos.

“As pedras são todas iguais”, diz o Bobby, “e elas não se movem. São chatas.”

“De que jogo é que gostas?”, pergunto eu.

“*Asteroid Defenders!*”, diz o Eric. “*Esse* é que é um bom jogo. Podemos salvar o mundo.”

“Quero dizer um jogo que não seja de computador.”

“O xadrez, acho eu. Gosto da rainha. Ela é poderosa e diferente dos outros. Ela é um herói.”

“O xadrez é um jogo de escaramuças”, digo eu. “A perspetiva do Go é maior. Engloba batalhas inteiras.”

“Não há heróis no Go”, diz o Bobby teimosamente.

Eu não sei como lhe responder.

...

Não havia sítio para ficar em Kagoshima, portanto toda a gente dormia ao relento na berma da estrada para o espaçoporto. Conseguíamos ver no horizonte as grandes naves de fuga prateadas a reluzir ao Sol.

O Pai explicou que fragmentos partidos do Martelo se dirigiam para Marte e para a Lua, portanto as naves tinham de nos levar mais além, para o espaço profundo, para estarmos seguros.

“Eu gostava de ter um lugar à janela”, disse eu, imaginando as estrelas a passar.

“Deves ceder o lugar da janela aos que são mais novos do que tu”, disse o Pai. “Lembra-te, todos temos de fazer sacrifícios para viver juntos.”

Empilhámos as malas contra as paredes e estendemos lençóis por cima para formar abrigos do sol e do vento. Todos os dias, inspetores do governo vinham distribuir mantimentos e certificar-se de que estava tudo bem.

“Tenham paciência!”, disseram os inspetores do governo. “Nós sabemos que as coisas estão a avançar devagar, mas estamos a fazer todos os possíveis. Vai haver lugares para toda a gente.”

Nós fomos pacientes. Algumas mães organizaram aulas durante o dia para as crianças, e os pais estabeleceram um sistema de prioridades para que as famílias com idosos e bebés fossem as primeiras a embarcar, quando as naves estivessem finalmente prontas.

Quatro dias de espera depois, as garantias dos inspetores do governo já não soavam tão fiáveis. Rumores espalhavam-se pela multidão.

“São as naves. Há algo de errado com elas.”

“Os construtores mentiram ao governo e disseram que estavam prontas mas não estão, e agora o Primeiro-Ministro está demasiado envergonhado para admitir a verdade.”

“Ouvei dizer que só há uma nave, e que só umas centenas de pessoas é que vão ter lugar. As outras naves são só conchas vazias, para fingir.”

“Eles estão com esperança que os americanos mudem de ideias e construam mais naves para os aliados como nós.”

A Mãe veio ter com o Pai e sussurrou-lhe ao ouvido.

O Pai abanou a cabeça e parou-a. “Não repitas semelhante coisa.”

“Mas, pelo Hiroto...”

“Não!” Nunca tinha ouvido o Pai tão zangado. Ele fez uma pausa, engoliu. “Temos de confiar uns nos outros, confiar no Primeiro-Ministro e nas Forças de Autodefesa.”

A Mãe ficou com um ar triste. Eu agarrei-lhe na mão. “Eu não tenho medo”, disse eu.

“É isso mesmo”, disse o Pai com alívio na voz. “Não há nada a recear.”

Ele pegou-me ao colo — eu fiquei um pouco envergonhado porque ele não fazia uma coisa destas desde que eu era muito pequeno — e apontou para a densa multidão de centenas e centenas que se estendia até onde a vista alcançava.

“Olha para todos os que estamos aqui: avós, pais jovens, irmãs mais velhas, irmãos mais novos. Seria errado e egoísta

calendário fantástico OUT | ABR 2018 | 2019

5/6/7 OUTUBRO

CASCAIS



se alguém entrasse em pânico e começasse a espalhar rumores numa multidão destas, e muita gente se podia magoar. Temos de nos manter no nosso lugar e lembrar-nos sempre da perspectiva geral.”

...

Eu e a Mindy fazemos amor devagar. Eu gosto de inspirar o cheiro do seu escuro cabelo encaracolado, viçoso, quente, a fazer cócegas no nariz como o mar, como sal fresco.

Depois ficamos os dois deitados, a contemplar o meu monitor de teto.

Eu mantenho em *loop* uma vista do campo sideral em regressão. A Mindy trabalha na navegação, e grava-me o sinal de vídeo do *cockpit* em alta resolução.

Gosto de fingir que é uma grande claraboia, e que estamos deitados debaixo das estrelas. Sei que alguns dos outros gostam de ver vídeos e fotos da antiga Terra nos monitores, mas isso deixa-me demasiado triste.

“Como é que se diz ‘estrela’ em japonês?”

“*Hoshi*”, respondo-lhe eu.

“E como é que se diz ‘convidado’?”

“*Okyakusan*.”

“Então nós somos *boshi okyakusan*? Convidados das estrelas?”

“Isso não funciona assim”, digo eu. A Mindy é cantora, e gosta do som de outras línguas sem ser o inglês. “É difícil ouvir a música por detrás das palavras com o significado a intrometer-se no meio”, disse-me ela uma vez.

A língua materna da Mindy é espanhol, mas ela lembra-se ainda menos dela do que eu do japonês. Ela pergunta-me frequentemente palavras japonesas e entrelaça-as nas suas canções.

Tento colocá-lo de forma poética para ela, mas não tenho a certeza de o conseguir. “*Wareware ha, hoshi no aida ni kyaku ni kite.*” *Tornámo-nos convidados entre as estrelas.*

“Há centenas de formas de expressar tudo”, costumava dizer o Pai, “cada uma apropriada a cada ocasião.” Ele ensinou-me que a nossa língua está cheia de nuances e inflexões, cada frase um poema. A língua dobra-se sobre si mesma, com as palavras omitidas a serem tão significativas como as que são ditas, contexto dentro de contexto, camada sobre camada, como o aço das espadas samurai.

Gostava que o Pai estivesse aqui para lhe poder perguntar: Como é que se diz “tenho saudades tuas” de uma forma apropriada à ocasião do vigésimo quinto aniversário de ser o último sobrevivente da nossa raça?

“A minha irmã gostava muito de banda desenhada japonesa. Manga.”

A Mindy é órfã tal como eu. É parte daquilo que nos une.

“Lembras-te de muita coisa sobre ela?”

“Nem por isso. Eu só tinha cinco anos ou assim quando subi a bordo da nave. Antes disso, só me lembro de muitos tiros e de todos nós escondidos na escuridão, a fugir e chorar e a roubar comida. Ela estava sempre lá para me sossegar lendo-me aqueles livros de manga. E então...”

Só vi o vídeo uma vez. Da nossa órbita distante, aquele berlinde azul e branco que era a Terra pareceu oscilar por um momento quando o asteroide colidiu, e depois, as silenciosas ondas de destruição turva que lentamente engoliram o globo.

Puxei-a para mim e beijei-lhe a testa ao de leve, um beijo de consolo. “Não falemos de coisas tristes.”

Ela envolveu-me num abraço apertado, como se nunca mais me quisesse largar.

“A manga, lembras-te de alguma coisa dela?”, pergunto eu.

“Lembro-me que estava cheia de *robots* gigantes. Eu pensava: *O Japão é tão poderoso.*”

Tentei imaginar a cena: *robots* gigantes heroicos por todo o Japão, a tentar desesperadamente salvar as pessoas.

...

O pedido de desculpas do Primeiro-Ministro foi transmitido pelos altifalantes. Alguns também o viram nos seus telefones.

Lembro-me de muito pouco, exceto que a voz dele era ténue e que ele parecia muito velho e débil. E aparentava estar genuinamente arrependido. “Desapontei o povo.”

Os rumores afinal eram verdade. Os construtores de naves receberam o dinheiro do governo, mas não construíram naves que fossem fortes o suficiente ou capazes daquilo que tinham prometido. Continuaram com a farsa até mesmo ao fim. Só descobrimos a verdade quando já era tarde demais.

O Japão não foi a única nação a desiludir o seu povo. As outras nações do mundo tinham discutido sobre quem devia contribuir com quanto para o esforço conjunto de evacuação, quando o Martelo foi descoberto em trajetória de colisão com a Terra. E depois, quando o plano colapsou, a maior parte decidiu que mais valia arriscar que o Martelo falhasse, e em vez disso gastar o dinheiro e as vidas a lutar uns com os outros.

Depois de o Primeiro-Ministro acabar de falar, a multidão

27/28 OUTUBRO

GONDOMAR



15/18 NOVEMBRO

LISBOA



29/30 NOVEMBRO

LISBOA

Mensageiros das Estrelas

permaneceu silenciosa. Algumas vozes iradas gritaram, mas rapidamente também elas se silenciaram. Gradualmente, de forma ordenada, as pessoas começaram a arrumar as coisas e a deixar os acampamentos temporários.

...

“As pessoas foram simplesmente para casa?”, pergunta a Mindy incrédula.

“Sim.”

“Não houve pilhagens, debandadas em pânico, nem soldados amotinados nas ruas?”

“Isto era o Japão”, disse-lhe eu. Conseguia ouvir o orgulho na minha voz, um eco do do meu pai.

“Se calhar as pessoas estavam resignadas”, diz a Mindy. “Tinham desistido. Talvez seja uma questão cultural.”

“Não!” Eu luto para afastar a ira da minha voz. As palavras dela irritam-me, tal como o comentário do Bobby sobre o Go ser chato.

“Não foi assim.”

...

“Com quem é que o Pai está a falar?”, perguntei eu.

“Com o Dr. Hamilton”, disse a Mãe. “Nós — ele, o teu pai e eu — andámos na faculdade juntos, na América.”

Vi o Pai falar inglês ao telefone. Ele parecia uma pessoa completamente diferente: não era só a cadência e o tom de voz; a cara estava mais animada, os gestos mais bruscos. Parecia um estrangeiro.

Ele gritou para o telefone.

“O que é que o Pai está a dizer?”

A Mãe mandou-me calar. Ela olhava com toda a atenção para o Pai, suspensa de cada palavra.

“Não”, disse o Pai ao telefone. “Não!” Eu não precisava que me traduzissem esta.

No final a Mãe disse: “Ele só está a tentar fazer a coisa certa, à sua própria maneira.”

“Ele é tão egoísta como sempre”, atirou o Pai.

“Isso não é justo”, disse a Mãe. “Ele não me ligou em segredo. Ligou-te a ti porque acreditava que se as vossas posições estivessem invertidas, ele dava de boa vontade uma hipótese de sobrevivência à mulher que amava, mesmo que fosse com outro homem.”

O Pai olhou para ela. Nunca ouvi os meus pais dizer “amo-te” um ao outro, mas algumas palavras não precisam de ser ditas para serem verdade.

“Eu nunca lhe teria dito que sim”, disse a Mãe a sorrir. Depois foi para a cozinha fazer o almoço. O olhar do Pai seguiu-a.

“Está um belo dia”, disse-me o Pai. “Vamos dar um passeio.”

Passámos por outros vizinhos a caminhar pelos passeios. Cumprimentámo-nos uns aos outros, perguntando pela saúde de cada um. Tudo parecia normal. O Martelo brilhava ainda mais no crepúsculo lá em cima.

“Deves estar muito assustado, Hiroto”, disse ele.

“Não vão tentar construir mais naves de fuga?”

O Pai não respondeu. O vento do fim de verão fazia-nos chegar o som das cigarras: *chirr, chirr, chirrrrrrr*.

“Nada no cantar

Das cigarras sugere

A morte a chegar.”

“Pai?”

“É um poema de Basho. Consegues percebê-lo?”

Eu abanei a cabeça. Não gostava muito de poemas.

O Pai suspirou e sorriu para mim. Ele olhou para o Sol poente e falou outra vez:

“A luz do Sol poente é infinitamente bela
Apesar de estar tão perto do final do dia.”

Recitei os versos para mim próprio. Qualquer coisa neles me comoveu. Tentei colocar aquele sentimento em palavras. “É como se um gatinho meigo me estivesse a lambar o interior do coração.”

Em vez de se rir de mim, o Pai assentiu solenemente.

“Esse é um poema de Li Shangyín, poeta clássico da dinastia Tang. Apesar de ele ser chinês, o sentimento é bastante japonês.”

Continuámos a caminhar e eu parei diante de um dente-de-leão amarelo. O ângulo com que a flor pendia pareceu-me muito bonito. Tive outra vez aquela sensação de cócegas-da-língua-de-um-gatinho no meu coração.

“A flor...” Eu hesitei. Não conseguia encontrar as palavras certas.

O Pai falou,

“A flor pendente
Amarela qual luar
Aqui tão bela.”

AINDA SEM DATAS

DEZEMBRO

LISBOA

**Tolkian:
Construtor de
Mundos na FLUL**

24 A 27 JANEIRO

ANGOULÊME, FRANÇA



AINDA SEM DATAS

MARÇO

LISBOA

**Semana Asiática
na FLUL, com
cosplay e anime**

Eu assenti. A imagem pareceu-me tão fugaz e ao mesmo tempo tão permanente, como a passagem do tempo quando eu era criança. Fazia-me sentir alegre e triste ao mesmo tempo.

“Tudo passa, Hiroto”, disse o Pai “Esse sentimento no teu coração: Chama-se *mono no aware*. É a consciência da transitoriedade de todas as coisas na vida. O Sol, o dente-de-leão, a cigarra, o Martelo, e todos nós: estamos todos subordinados às equações de James Clerk Maxwell e somos todos padrões efémeros destinados a desvanecer eventualmente, seja num segundo ou numa era.”

Olhei em volta, para as ruas limpas, as pessoas a caminhar, a relva, e até a luz do entardecer, e soube que tudo tinha o seu lugar; tudo estava bem. O Pai e eu continuámos a caminhar com as nossas sombras a tocarem-se.

Apesar de o Martelo estar suspenso mesmo por cima das nossas cabeças, eu não tinha medo.

...

O meu trabalho implica ficar a olhar para a grelha de luzes indicadoras à minha frente. É um pouco como um tabuleiro de Go gigante.

A maior parte do tempo é bastante aborrecido. As luzes, a indicar a tensão em vários pontos da vela solar, percorrem o mesmo padrão de tantos em tantos minutos, à medida que a vela se curva suavemente ao sabor da luz minguante do Sol distante. O padrão cíclico de luzes é-me tão familiar como a respiração da Mindy enquanto dorme.

Já estamos a deslocar-nos a uma boa fração da velocidade da luz. Daqui a uns anos, quando tivermos velocidade suficiente, mudamos de rumo para 61 Virginis e os seus planetas imaculados, e deixaremos para trás, como uma memória esquecida, o Sol que nos viu nascer.

Mas hoje o padrão de luzes parece-me estranho. Uma das luzes no canto sudeste parece estar a piscar uma fração de segundo rápido demais.

“Navegação”, digo eu para o microfone, “daqui Monitorização de Vela Estação Alfa, podem confirmar que estamos no rumo correto?”

Um minuto depois a voz da Mindy soa no meu auricular, com um ligeiro tom de surpresa. “Eu não tinha reparado, mas há um ligeiro desvio do rumo. O que aconteceu?”

“Ainda não tenho a certeza.” Olho fixamente para a grelha à minha frente, para aquela luz teimosamente dessincronizada, a estragar a harmonia.

...

A Mãe levou-me a Fukuoka, sem o Pai. “Vamos fazer compras de Natal”, disse ela. “Quero fazer-te uma surpresa.” O Pai sorriu e concordou.

Caminhámos por entre as ruas apinhadas. Como este podia ser o último Natal na Terra, havia uma maior alegria no ar.

No metro olhei para o jornal que um homem sentado ao nosso lado estava a ler. O cabeçalho era “EUA Ripostam!” Uma grande foto mostrava o presidente americano a sorrir. Por baixo estava uma série de outras imagens, algumas já as tinha visto antes: a primeira nave de evacuação experimental americana a explodir no voo de ensaio há anos atrás; o líder de uma qualquer nação pária a reivindicar a responsabilidade na TV; soldados americanos a marchar para uma capital estrangeira.

Mais abaixo estava um pequeno artigo: “Cientistas Americanos Céticos de Cenário Apocalíptico.” O Pai dissera que algumas pessoas preferiam acreditar que uma calamidade não era real, em vez de aceitar que não havia nada que pudesse ser feito.

Eu estava ansioso por ir escolher o presente para o Pai. Mas em vez de irmos para as lojas de eletrónica, onde eu achava que a Mãe me ia levar para comprar o presente, fomos para uma parte da cidade onde eu nunca tinha estado antes. A Mãe tirou o telefone e fez uma chamada curta, falando em inglês. Eu olhei para ela, surpreendido.

A seguir estávamos em frente de um edifício com uma grande bandeira americana a esvoaçar. Entrámos e ficamos sentados num escritório. Um homem americano entrou. A cara dele estava triste, mas ele estava a fazer um grande esforço para não parecer triste.

“Rin.” O homem disse o nome da minha mãe e parou. Naquela única sílaba, eu ouvi remorsos e saudades e uma história complicada.

“Este é o Dr. Hamilton”, disse-me a Mãe. Eu assenti e estendi a mão para apertar a dele, como tinha visto os americanos fazer na TV.

O Dr. Hamilton e a Mãe falaram durante algum tempo. Ela começou a chorar, e o Dr. Hamilton ficou ali embaraçado, como se a quisesse abraçar mas não se atrevesse a isso.

“Vais ficar com o Dr. Hamilton”, disse-me a Mãe.

“O quê?”

Ela baixou-se, segurou-me nos ombros e olhou-me nos olhos. “Os americanos têm uma nave secreta em órbita. Foi a única nave que conseguiram lançar antes de se meterem nesta guerra. O Dr. Hamilton projetou a nave. Ele é o meu... velho amigo, e ele pode levar uma pessoa a bordo com ele. É a tua única hipótese.”

AINDA SEM DATAS

MARÇO

LOURINHÃ



AINDA SEM DATAS

ABRIL

LISBOA

Festival Contacto
organizado pela
Imaginauta

4 A 7 ABRIL

BARCELONA, ESPANHA
Barcelona
International
Comics Fair

“Não, eu não vou.”

Eventualmente, a Mãe abriu a porta para se ir embora. O Dr. Hamilton segurou-me com força enquanto eu gritava e esperneava.

Ficámos todos surpreendidos por ver o Pai ali de pé.

A Mãe desatou a chorar.

O Pai abraçou-a, coisa que eu nunca o tinha visto fazer. Parecia um gesto muito americano.

“Desculpa”, disse a Mãe. Ela continuou a repetir “desculpa” enquanto chorava.

“Está tudo bem”, disse o Pai. “Eu percebo.”

O Dr. Hamilton largou-me e eu corri para os meus pais, abraçando-os aos dois com muita força.

A Mãe olhou para o Pai, e nesse olhar não disse nada e disse tudo.

A cara do Pai amoleceu, como uma figura de cera a ganhar vida. Ele suspirou e olhou para mim.

“Não tens medo, pois não?”, perguntou o Pai.

Eu abanei a cabeça.

“Então não há problema, podes ir”, disse ele. Olhou nos olhos do Dr. Hamilton. “Obrigado por tomar conta do meu filho.”

A Mãe e eu olhámos para ele, surpreendidos.

“Um dente-de-leão

Na fria brisa de outono

Espalha sementes.”

Eu assenti, fingindo que compreendia.

O Pai deu-me um abraço rápido e feroz.

“Lembra-te que és japonês.”

E depois fomos embora.

...

“Alguns coisa perfurou a vela”, diz o Dr. Hamilton. A sala minúscula tem apenas o pessoal de comando mais sénior — para além da Mindy e de mim que já sabemos. Não há necessidade de causar o pânico entre as pessoas.

“O buraco está a fazer a nave derrapar para o lado, desviando-se do rumo. Se não for remendado, o rasgão vai ficar maior, e não tarda a vela vai colapsar, e a *Hopeful* vai ficar à deriva no espaço.”

“Há alguma forma de o reparar?”, pergunta o Capitão.

O Dr. Hamilton, que tem sido como um pai para mim, abanava a cabeça cheia de cabelos brancos. Nunca o tinha visto tão desanimado.

“O rasgão fica a várias centenas de quilómetros do centro da vela. Levará muitos dias para alguém lá chegar porque não se pode deslocar demasiado rápido ao longo da superfície da vela — o risco de outro rasgão é demasiado grande. E quando alguém finalmente lá conseguir chegar, o rasgão já estará demasiado grande para poder ser reparado.”

E as coisas são assim. Tudo passa.

Eu fecho os olhos e imagino a vela. A película é tão fina que se for tocada descuidadamente pode rasgar-se. Mas a membrana é suportada por um complexo sistema de escoras e dobras que fornecem rigidez e tensão à vela. Quando era criança tinha-a visto desdobrar-se no espaço, como um dos origamis da minha mãe.

Eu imagino-me a enganchar e desenganchar um cabo ao emaranhado de escoras enquanto deslizo levemente pela superfície da vela, como uma libelinha a saltitar pela superfície de um lago.

“Eu consigo lá chegar em setenta e duas horas”, digo eu. Toda a gente se vira para mim. Eu explico a minha ideia. “Eu conheço bem os padrões das escoras porque os tenho monitorizado de longe durante grande parte da minha vida. Consigo encontrar o caminho mais rápido.”

O Dr. Hamilton está com dúvidas. “Aqueles escoras não foram feitas para uma manobra dessas. Eu nunca antecipei este cenário.”

“Então improvisamos”, diz a Mindy. “Somos americanos, caramba. Nós nunca desistimos.”

O Dr. Hamilton levantou os olhos. “Obrigado, Mindy.”

Planeámos, debatemos, gritámos uns com os outros, trabalhamos a noite toda.

...



27/28 ABRIL

CUSSET, FRANÇA



AINDA SEM DATAS

MAIO

LISBOA



AINDA SEM DATAS

MAIO-JUNHO

BEJA

Festival de BD
de Beja

PÓSABRIL

A subida pelo cabo, desde o módulo habitacional até à vela, é longa e penosa. Leva-me quase doze horas.

Deixem-me ilustrar-vos aquilo que eu pareço, com o segundo carácter do meu nome:

Significa “planar”. Veem aquele radical à esquerda? Esse sou eu, amarrado ao cabo, com um par de antenas a sair do capacete. Nas costas tenho asas — ou, neste caso, foguetes propulsores e combustível extra para me impulsionar para cima e mais para cima em direção à grande abóbada refletiva que cobre o céu todo, o ténue espelho da vela solar.

A Mindy conversa comigo pelo rádio. Contamos piadas um ao outro, partilhamos segredos, falamos de coisas que queremos fazer no futuro. Quando ficamos sem nada para dizer, ela canta para mim. O objetivo é manter-me acordado.

“Wareware ha, hoshi no aida ni kyaku ni kôte.”

...

Mas na verdade a subida é a parte mais fácil. Viajar através da vela pela rede de escoras até ao rasgão é muito mais difícil.

Passaram trinta e seis horas desde que deixei a nave. A voz da Mindy parece cansada, a enfraquecer. Ela boceja.

“Dorme querida”, sussurro eu para o microfone. Estou tão cansado que quero fechar os olhos só por um instante.

Estou a caminhar ao longo da estrada numa tarde de verão, com o meu pai a meu lado.

“Vivemos numa terra de vulcões, terremotos, tufões e tsunamis, Hiroto. Sempre vivemos uma existência precária, suspensos numa fina faixa à superfície deste planeta entre o fogo em baixo e o vácuo gélido por cima.”

E estou de volta ao meu fato, sozinho. A minha momentânea falta de concentração faz-me bater com a mochila numa das traves da vela, quase soltando um dos tanques de combustível. Agarro-o mesmo a tempo. A massa do meu equipamento foi aligeirada até à última grama para eu me poder movimentar mais rapidamente, e não há margem para erros. Não me posso dar ao luxo de perder nada.

Tento afastar o sonho e continuar em movimento.

“No entanto, é esta consciência da proximidade da morte, da beleza inerente a cada momento, que nos permite suportar. Mono no aware, meu filho, é uma empatia com o universo. É a alma da nossa nação. Permite-nos suportar Hiroshima, suportar a ocupação, suportar privações e a possibilidade de aniquilação sem desesperar.”

“Hiroto, acorda!” A voz da Mindy é um apelo desesperado. Eu acordo com uma sacudidela. Não durmo há quanto tempo? Dois dias, três, quatro?

Para os últimos cinquenta e poucos quilómetros da viagem, tenho de deixar as escoras da vela e depender apenas dos foguetes para viajar sem cabo, a deslizar pela superfície da vela quanto tudo se move a uma fração da velocidade da luz. Só o conceito é suficiente para me dar vertigens.

E subitamente o meu pai está novamente a meu lado, suspenso no espaço por baixo da vela. Estamos a jogar Go.

“Olha para o canto sudeste. Vês como o teu exército foi dividido ao meio? As minhas pedras brancas vão rapidamente rodear e capturar este grupo todo.”

Eu olho para onde ele está a apontar e vejo a crise. Há uma brecha que me escapou. Aquilo que eu julgava ser o meu único exército são na verdade dois grupos separados, com uma brecha no meio. Tenho de tapar a brecha com a minha próxima pedra.

Eu afasto a alucinação. Tenho de acabar isto, e depois já posso dormir.

Há um buraco na vela rasgada diante de mim. À velocidade a que viajamos, até um minúsculo grão de pó que passou pelos escudos de iões pode causar estragos. O rebordo rasgado do buraco oscila suavemente no espaço, impulsionado pelo vento solar e pela pressão da radiação. Apesar de um fotão individual ser minúsculo, insignificante, nem sequer ter massa, todos eles juntos conseguem impulsionar uma vela tão grande como o céu e levar consigo um milhar de pessoas.

O universo é maravilhoso.

Eu pego numa pedra preta e preparo-me para preencher a brecha, unificar os meus exércitos.

A pedra transforma-se no meu kit de reparação da mochila. Manobro os propulsores até ficar a flutuar sob o rasgão na vela. Pelo buraco consigo ver as estrelas de outro lado, estrelas que ninguém na nave vê há muitos anos. Olho para elas e imagino que um dia, em torno de uma delas, a raça humana unificada numa nova nação vai recuperar da quase extinção, vai recomeçar do zero e prosperar novamente.

Cuidadosamente, aplico o remendo sobre a ferida e ligo o maçarico. Passo o maçarico sobre o buraco e consigo sentir o remendo a derreter para se espalhar e fundir com as cadeias de hidrocarbonetos na película da vela. Quando isso acabar, vou vaporizar e aplicar átomos de prata sobre ele para formar uma camada refletiva.

“Está a funcionar”, digo eu para o microfone. E oiço ao fundo os sons abafados de celebração.

“És um herói”, diz a Mindy.

Eu imagino-me um *robot* japonês gigante numa manga e sorrio.

O maçarico soluça e apaga-se.

AINDA SEM DATAS

JULHO

LISBOA

SCI-FI^{IX}

AINDA SEM DATAS

OUTUBRO

LONDRES, REINO UNIDO



AINDA SEM DATAS

OUTUBRO

ROMA, ITÁLIA

ROMICS

“Pensa bem”, diz o Pai. “Tu queres jogar a próxima pedra ali, para tapar esse buraco. Mas será isso o que realmente queres fazer?”

Eu abano o tanque de combustível ligado ao maçarico. Nada. Este foi o tanque que bateu contra uma das traves da vela. A colisão deve ter provocado uma fuga e não há combustível suficiente para acabar a reparação. O remendo oscila suavemente, apenas meio colado sobre o rasgão.

“Volta”, diz o Dr. Hamilton. “Vamos reabastecer-te e tentar de novo.”

Estou exausto. Por mais que me esforce não vou conseguir regressar aqui tão depressa. E por essa altura quem sabe quanto é que o rasgão terá crescido? O Dr. Hamilton sabe isto tão bem como eu. Ele só me quer de volta à segurança materna da nave.

Ainda tenho combustível no meu tanque, o que era para usar na viagem de regresso.

A face do meu pai está expectante.

“Estou a ver”, digo eu devagar. “Se eu jogar a minha próxima pedra neste buraco, não vou conseguir chegar àquele pequeno grupo no nordeste. Vais capturá-las.”

“Uma pedra não pode estar em dois sítios ao mesmo tempo. Tens de escolher, filho.”

“Diz-me o que devo fazer.”

Procuo uma resposta na face do meu pai.

“Olha à tua volta”, diz o Pai. E eu vejo a Mãe, a Sra. Maeda, o Primeiro-Ministro, todos os nossos vizinhos de Kurume, e todas as pessoas que esperaram connosco em Kagoshima, em Kyushu, em todas as Quatro Ilhas, na Terra toda e na *Hopeful*. Todos eles olham para mim na expectativa, à espera que eu faça alguma coisa.

A voz do Pai é calma:

*“As estrelas brilham
Estamos todos de passagem
Um nome, um sorriso.”*

“Tenho a solução”, digo eu ao Dr. Hamilton pelo rádio.

“Eu sabia que ias arranjar uma forma”, diz a Mindy, com orgulho e felicidade na voz.

O Dr. Hamilton fica calado durante algum tempo. Ele sabe naquilo em que eu estou a pensar. E depois: “Hiroto, obrigado.”

Desligo o maçarico do tanque de combustível inútil e faço a conexão ao tanque que tenho às costas. Ligo-o. A chama é brilhante, aguçada, uma lâmina de luz. Eu reorganizo os fotões e os átomos à minha frente, transformando-os numa teia de luz e força.

As estrelas do outro lado ficam novamente seladas. A superfície espelhada da vela está perfeita.

“Corrijam o rumo”, digo eu para o microfone. “Está feito.”

“Recebido”, diz o Dr. Hamilton. A voz triste de alguém que tenta não o parecer.

“Primeiro tens de voltar”, diz a Mindy. “Se corrigirmos o rumo agora, não vais ter sítio para te ancorar.”

“Não faz mal, querida”, sussurro eu para o microfone.

“Eu não vou voltar. Não há combustível suficiente.”

“Nós vamos buscar-te!”

“Vocês não conseguem navegar pelas escoras tão rápido como eu”, digo-lhe suavemente. “Ninguém conhece os pa-

drões tão bem como eu. Quando finalmente cá chegassem, eu já tinha ficado sem ar.”

Espero até ela se acalmar novamente. “Não falemos de coisas tristes. Amo-te.”

Então, desligo o rádio e empurro-me para o espaço para eles não serem tentados a montar uma missão de resgate inútil. E vou a cair, a cair para longe da vela.

Vejo a vela a virar, revelando as estrelas em toda a sua imensa glória. O Sol, tão ténue agora, é só mais uma estrela entre tantas, não nasce nem se põe. E eu estou à deriva entre elas, sozinho mas também unido com elas.

A língua de um gatinho faz-me cócegas no interior do coração.

...

Eu jogo a próxima pedra na brecha.

O Pai joga como eu pensei que jogasse e as minhas pedras do canto nordeste desaparecem, lançadas à deriva.

Mas o meu grupo principal está a salvo. Pode até prosperar no futuro.

“Se calhar há heróis no Go”, diz a voz do Bobby.

A Mindy chamou-me herói. Mas eu fui apenas alguém no sítio certo à hora certa. O Dr. Hamilton também é um herói porque projetou a *Hopeful*. A Mindy também é um herói porque me manteve acordado. A minha mãe também é um herói porque esteve disposta a prescindir de mim para eu poder sobreviver. O meu pai também é um herói porque me mostrou a coisa certa a fazer.

Nós somos definidos pelo lugar que ocupamos na teia da vida dos outros.

Eu desfoco olhar do tabuleiro de Go até as pedras se fundirem em padrões maiores de vida cambiante e respiração palpitante. “Pedras individuais não são heróis, mas as pedras todas juntas são heroicas.”

“Está um belo dia para um passeio, não está?”, diz o Pai.

E caminhamos juntos rua abaixo, para que eu me recorde de cada folha de relva, cada gota de orvalho, cada raio minguante do Sol moribundo, infinitamente belos. **BANG!**

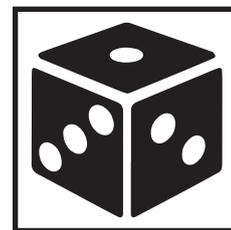


Ken Liu

Vencedor dos prémios Hugo, Nébulas e World Fantasy.

Autor de *The Dandelion Dynasty*, uma série de fantasia épica *silkpunk* [*The Grace of Kings* (2015), *The Wall of Storms* (2016), e um terceiro volume ainda por publicar], e *The Paper Menagerie and Other Stories* (2016), uma coletânea dos seus melhores contos. Para além de programador é advogado e tradutor de obras de ficção de língua chinesa para o inglês. Vive em Massachusetts com a família.





O Rei de Tóquio

CARACTERÍSTICAS

Idade: mais de 8 anos
N.º de jogadores: 2 a 6
Tempo de jogo: 30 minutos

PONTOS FORTES:

É um jogo muito rápido e simples que, no entanto, tem bastante estratégia e permite decisões cruciais que podem levar a uma vitória heróica ou a uma derrota no último instante.

CONTEXTO

E se, por uns minutos, pudesse ser um monstro gigante a tentar destruir uma cidade como Tóquio? E se, além de si, cada um dos seus amigos estiver a fazer precisamente o mesmo, numa luta feroz entre monstros para tentar controlar a cidade? Desafiante para uns, irresistível para outros!

COMO JOGAR?

O Rei de Tóquio é um jogo simples e rápido, de 2 a 6 jogadores, no qual vence o primeiro monstro a chegar aos 20 pontos ou o último sobrevivente. É uma disputa até ao último suspiro!

Na sua vez, o jogador lança um conjunto de dados, podendo relançar os mesmos duas vezes, de forma a tentar obter os melhores resultados. Sejam os corações para prolongar a vida, combinações para ganhar pontos, força para atacar os monstros oponentes ou raios para ganhar novos poderes, várias são as opções estratégicas que podem ser tomadas neste desafio. Este é um jogo de tabuleiro que, apesar de depender da sorte dos dados, tem

uma grande componente de estratégia nas decisões tomadas. Até onde vai arriscar? Ficar em Tóquio a ganhar pontos extra, mas onde pode ser atacado por todos os outros? Tentar lançar os dados uma vez mais em busca de pontos, ou garantir os corações que irão ajudá-lo num próximo ataque? Nesta batalha de titãs, apenas um sairá vencedor!

BANG!

PRÉMIOS

Com mais de 1 milhão de cópias vendidas, este jogo, aclamado internacionalmente pelos críticos, é o mais recente *bestseller* de Richard Garfield, o criador do *Magic: The Gathering*. Vencedor de diversos prémios internacionais, entre os quais se destaca o Golden Geek Best Party Game em 2012.



Uma sugestão feita por quem gosta e percebe jogos de tabuleiro:





OS CRIADORES DE HISTÓRIAS

Os mais atentos já terão notado como a indústria de entretenimento tem cobiçado o material ficcional que se encontra disponível no mundo da literatura e da banda desenhada, no âmbito do género fantástico. A mudança terá começado com as adaptações de *O Senhor dos Anéis* e *Harry Potter* para o cinema, mas foi a série *A Guerra dos Tronos* a desbravar o caminho para uma alteração dramática do panorama da ficção na TV, muito ao estilo da mudança que *Twin Peaks* operou na televisão no início dos anos 90.

Atualmente, todas as semanas temos conhecimento de mais uma saga literária ou *stand-alone* cujos direitos foram comprados para adaptação televisiva ou cinematográfica. O facto de terem entrado novos jogadores na competição — e aqui falamos de serviços de *streaming* como a Netflix ou a Amazon — alterou o xadrez da indústria e tornou a televisão um mercado mais sofisticado e arrojado, com a conceção de séries que desafiam a norma e vão ao encontro das expectativas dos leitores. Também permitiu que este mercado se

tornasse mais competitivo e diverso, muito graças à qualidade das histórias que têm surgido.

A série *O Terror* do canal AMC, baseada no livro de Dan Simmons, é um excelente exemplo da poderosa combinação de uma história boa com uma sólida produção, elenco e argumentista. Exemplos destes não faltam, embora o pendor seja maior para a ficção científica e horror nos últimos anos, e menos para a fantasia (o que não invalida que a BBC tenha apostado numa nova adaptação televisiva da trilogia “*His Dark Materials*” de Philip Pullman com um elenco fortíssimo).

Mas tem sido impossível não notar como autores/as e criadores de todas estas histórias não têm recebido o devido reconhecimento e, muitas vezes, são ofuscados pelos atores ou realizadores.

E se há evento em que podemos observar como os contadores de histórias são as pessoas mais discretas e subvalorizadas no mundo da ficção é a Comic Con. A presença maciça dos produtores e canais de cinema e televisão, bem como a sua capacidade para alcançar milhares de espectadores, tem a desvantagem de ofuscar, muitas vezes, o papel dos escritores, sem o qual nenhum império mediático se poderia construir.

Sendo figuras im-



prescindíveis na indústria criativa, porque é que têm sido estranhamente relegados para segundo plano? Não é algo recente. Podemos aprender muito com os criadores do Super-Homem, Jerry Siegel e Joe Shuster, cujas histórias foram publicadas pela primeira vez em 1938, pela então DC Comics. Ao cederem os direitos da personagem do Super-Homem à DC Comics, viram a sua propriedade intelectual tornar-se altamente lucrativa, sem direito a grande parte desses lucros. As batalhas legais pela recuperação do *copyright* durariam décadas até à estreia do primeiro filme do Super-Homem, em 1978, tendo essa recuperação só sido possível graças à comunidade de autores da BD que ajudaram a divulgar a causa de Siegel e Shuster (a história é contada em detalhe num dos episódios da série *The Secret History of Comics*, produzida por Robert Kirkman).

Histórias destas relacionadas com a perda de *copyright* são, infelizmente, bastante comuns na indústria. E chegados à reta final da segunda década deste milénio, os contratos com autores continuam longe de ser favoráveis. Além disso, o público ignora grande parte das ligações entre a literatura/BD e cinema/TV. Na última Comic Con portuguesa, uma leitora confessou-me desconhecer que a nova série televisiva “The Witcher” (a produzir pela Netflix) era baseada, na verdade, numa saga de livros do autor polaco Andrzej Sapkowski, e não no videojogo.

O que pode ser feito para conferir mais visibilidade ao papel do criador e evitar que os autores sejam os patinhos feios desta indústria que se pode tornar um sonho ou pesadelo? Os eventos e convenções podem começar por atribuir maior destaque e visibilidade aos escritores, uma vez que são estes que têm sido os grandes responsáveis por conteúdos que têm apaixonado legiões de fãs em todo o mundo.

Felizmente que não tem faltado talento na arte de narrar histórias. Da próxima vez que se deixarem deslumbrar por uma narrativa ou protagonista envolvente, não se esqueçam de dar o devido crédito ao contador de histórias. São eles que dão matéria aos sonhos. **BANG!**



Safaa Dib

Exerceu várias funções editoriais nas Edições Saída de Emergência ao longo de 9 anos (2008-2017), tendo-se particularmente especializado na área da literatura fantástica. É colaboradora do *Jornal Económico*, onde publica uma crónica quinzenal.



Andrzej Sapkowski

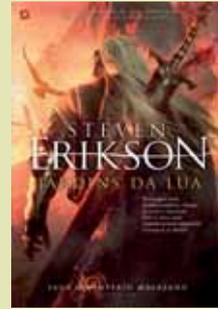
Dan Simmons

JARDINS DA LUA

STEVEN ERIKSON

Saída de Emergência

★★★★★



O primeiro livro de uma saga com um dos melhores mundos de fantasia jamais criados. Com personagens complexas e um enredo bastante consistente que nos faz viajar por várias gerações para que se perceba a sua História. Erikson junta-se a Tolkien, Sanderson, George Martin e outros autores que criaram obras-primas da fantasia. Inteligente, intenso, maduro e surpreendente. Obrigatório!

Luis Pinto

lerycriticar.blogspot.com/

QUEM TEME A MORTE

NNEDI OKORAFOR

Saída de Emergência

★★★★★



Leve e esperançoso, ainda que desolador e cruel, *Quem Teme a Morte* fala sobre relações humanas e confiança, sobre preconceitos e como eles moldam o ser humano. Com uma escrita ágil, Nnedi Okorafor envolve-nos e transporta-nos para um mundo de sensações e de pormenores ambíguos, onde o terror e a beleza andam de mãos dadas.

Nuno Ferreira

noticiasdezallar.wordpress.com

O PODER

NAOMI ALDERMAN

Saída de Emergência

★★★★★



Todas as raparigas têm, subitamente, um poder electrificante que pode infligir dor. Alderman inverte papéis de género, abordando temas como mutilação genital, violação, proibições baseadas no pressuposto de género e direitos das mulheres (humanos), expondo o género masculino a estas problemáticas. As relações entre Estados e as suas complexas dinâmicas pontilham o livro de maneira brilhante, fazendo o leitor reflectir sobre as discrepâncias actuais do mundo. Uma obra para todos aqueles que gostam de uma leitura que vos desinquiete e vos faça questionar. *O Poder* terá um lugar especial na estante!

Patrícia Caetano

bookaholickingdom.blogspot.com/



O NOME DO MUNDO

UMA HOMENAGEM A ÚRSULA K. LE GUIN



Jorge Palinhos

Arquiteturas da Loucura



Acredito que se um dia visitasse Ursula LeGuin na sua casa de Portland, ela abrir-me-ia a porta e oferecer-me-ia chá. Com as taças nas mãos, sentar-nos-íamos os dois no seu alpendre com vista para os teixos e os pinheiros, a falar do seu jardim, das ilhas Sorlingas, do Monte de Santa Helena, do *I Ching*, e, claro, de escrita e literatura.

A literatura é sempre um ato de intimidade, e entrar nos livros de Ursula LeGuin era entrar num parque ameno, onde se falava com vozes baixas e olhares intensos. Olhares de interesse, curiosidade, acolhimento. Raramente havia nas palavras de LeGuin reprovação, desentendimento ou indiferença. Tudo aquilo que ela descrevia parecia suscitar-lhe fascínio e empatia. O mais pequeno ser da sua imaginação era-lhe merecedor de interesse. Talvez até mais interesse do que aqueles que deveriam ser os protagonistas das suas histórias.

Descobri LeGuin ainda jovem, com a trilogia de Terramar, e fiquei deslumbrado com a lentidão das suas palavras e criaturas. Não era a primeira obra de literatura fantástica que lia, mas era a primeira que parecia construída de compaixão para com o outro, de um esforço pleno para entender o mal e o sofrimento. Os seus livros foram os primeiros que me sussurraram que a dor e a perda fazem parte da vida e talvez até sejam bons à sua maneira.

Descobri também nos seus livros uma linguagem lenta e majestosa, composta de atenção demorada pelo pormenor e pelo invisível. As suas frases serpenteavam pelas páginas e pelos meus ouvidos como se medissem cuidadosamente cada recanto escondido do mundo.

Vieram depois muitos outros livros, e neles reencontrava sempre tudo isto, como um velho amigo com quem passamos décadas a tomar café uma vez por semana. Com a familiaridade veio a compreensão de que estas qualidades nasciam da paixão de compreender o outro, de procurar descobrir como é possível viver com aquilo que é diferente e até ameaçador.

Boa parte dos seus livros – *Os Despojados*, *A Floresta é o nome do mundo*,

A Mão Esquerda das Trevas, *Planeta do Exílio*, entre outros – falavam de comunidades e seres separados que procuravam compreender-se mutuamente, e encontrar modos de conviver no respeito e não no conflito ou na indiferença. Como a personagem Shevek, que se esforça por entender a ordem rígida da cultura Urras, que visita em busca de conhecimento. Ou a personagem Selver, o nativo da Nova Tahiti, que é vítima do povo de Terra que invadiu o seu planeta e que luta por encontrar uma forma de preservar a sua cultura, sem que esta perca a sua essência.

Se a tolerância perpassava por toda a sua obra, esta não abdicava de uma profunda consciência ética: tudo era aceitável exceto aquilo que infringia o direito do outro a viver a sua própria vida – uma vida por vezes difícil de entender, sempre marcada por sofrimento e alegria, mas sempre merecedora de ser vivida com dignidade.

Este tema certamente foi-lhe legado pelo pai: Alfred Kroeber tinha sido um dos mais influentes antropólogos culturais americanos, e um dos poucos amigos de Ishi. Ishi fora o último sobrevivente da tribo Yani – dizimada pelos massacres, as doenças e a corrida ao ouro da Califórnia – e vivera boa parte da sua vida isolado na natureza, até que a solidão e a fome o conduziram à cidade, tornando-se naquilo que a imprensa sensacionalista qualificou de «último índio selvagem americano». Quando morreu de tuberculose, Kroeber foi a única pessoa que tentou, sem glória, impedir que o seu corpo fosse dissecado, e o seu cérebro conservado em laboratório, em obediência aos princípios científicos da altura de que era a biologia e não a cultura que determinava a singularidade dos índios.

LeGuin só nasceu depois da morte de Ishi, mas conheceu outros índios amigos de seu pai, como Juan Dolores, da tribo O'odham, e Robert Spott, da tribo Yurok, que pelas suas figuras, costumes e histórias vivamente a impressionaram na infância. Foi certamente devido a eles que publicou *Always Coming Home*, uma obra que misturava ficção com histórias indígenas

norte-americanas, confirmando assim o seu fascínio pelas diferentes culturas e a forma como estas nos moldam ao ponto de tornarem em alienígenas e ameaçadores aqueles que são apenas outros seres humanos.

Outra influência confessa da obra de LeGuin foi o Taoísmo e a sua obra maestra *Tao Te Ching*, de Lao Tzu. Nesta obra e nesta religião oriental, LeGuin encontrou a expressão perfeita do paradoxo da existência, da angústia de lidar com o diferente e o mal. Talvez tenha encontrado também nelas a oposição filosófica ao otimismo materialista da cultura americana, pois o Tao ensina que os fins não justificam os meios, mas os únicos fins que se justificam são aqueles que não precisam de meios.

Com o tempo, o apreço que ganhei a Ursula LeGuin alargou-se aos ensaios, aos livros sobre escrita, às controvérsias feministas, à defesa apaixonada da literatura, da escrita, da fantasia, da imaginação, das diferentes culturas, dos escritores que ela admirava sem reservas – como José Saramago –, mas também pelo facto de defender a fantasia não enquanto luxo ou brinquedo, mas enquanto alicerce vital para sabermos dar conta da vida que nos atravessa.

Nunca tomei chá com Ursula LeGuin, e agora também nunca tomarei. Mas tenho ainda a companhia dos livros dela, a presença das suas palavras e da vibração e nobreza que perpassa por elas, e que me continuam a alegrar com a memória de alguém que se fascinava pelo branco, o negro, o cinzento e todas as outras cores que debruam o nome do mundo. **BANG!**



Jorge Palinhos

Nasceu em 1977, em Leiria. Tem dado aulas no ensino superior e escrito artigos, contos e peças de teatro premiados ou publicados em revistas e coletâneas nacionais e estrangeiras. Escreveu ainda guiões para filmes e séries de internet.



FOTOGRAFIA

Imaginarium





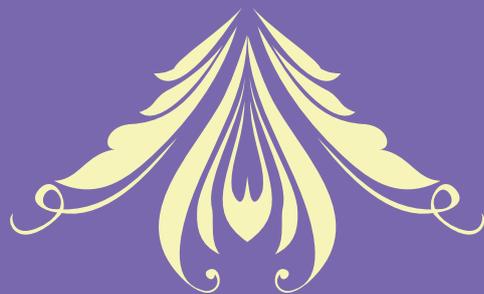
Gleanor

Dama do Lago



Dona de um
coração puro,
cresceu sem contacto
com o mundo dos humanos,
tendo sido criada pelas
mais nobres sacerdotisas de

Avalon.



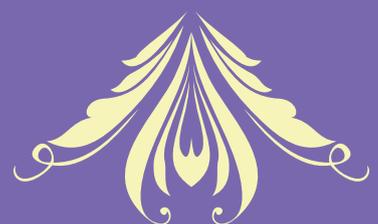
FOTOGRAFIA/EDIÇÃO/MAKE-UP: **MARA D'ELEÁN**
MODELO/STYLING/ACESSÓRIOS: **MARIA MIRAGE**



Dizia

a profecia que um dia seria levada para saldar uma antiga dívida entre clãs de mais alta Magia, pois no seu coração residia o néctar mais puro, capaz de qualquer milagre. Foi levada por Muiriem, no seu 18.º aniversário. Muiriem, uma sacerdotisa anciã, tomada pelo lado negro devido à sua sede de vingança e ambição. A Maga negra levou Eleanor para a corte do Rei Arthur, com o plano de usá-la para seduzir Merlin e de o levar à desgraça, na esperança de vingar a antiga religião. O destino traiu os planos de Muiriem quando Eleanor se apaixonou pelo Mago. Mas nem assim ela desistiu. Levou a sua missão adiante atraindo-o sob o feitiço da Lua Nova, enterando-o dentro de um carvalho. Após a vingança de Muiriem estar completa, Eleanor joga-se no Lago da Floresta em desespero e morre por amor.

Conta a lenda que até aos dias de hoje podemos ouvir Eleanor, a Dama do Lago, nas noites de Lua Nova, chorando pelo seu amor. **BANG!**





Mara D'Eleán

É formada em Design, Makeup e em Arte Multimédia, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Tem experiência como Fotógrafa, Designer, Realizadora e Maquilhadora e actua nessas áreas enquanto profissional. Todas estas vertentes dão-lhe a capacidade de construção, experiência e concepção de produção em todas as sessões fotográficas que realiza. É em temas como a Fantasia e o Etéreo onde encontra a sua maior inspiração e onde sente uma maior liberdade criativa, com a construção de outros mundos e personagens. Conta já com algumas exposições e publicações internacionais do seu trabalho. Poderão ver mais do seu trabalho em: Facebook - <https://www.facebook.com/EleanArt> / Instagram - @mara.delean.art



Maria Mirage

De origem russa, vive actualmente em Inglaterra. É apaixonada pelo mundo da fantasia e do imaginário. Para além de modelo é também fotógrafa e gosta de fazer o *styling* e criar adereços para as sessões em que participa. As suas inspirações remetem para o estilo pré-rafaelita e *Fairytale*.



RPG

Outros Mundos

LEITOR

A ERA DOURADA DOS LIVROS-JOGO

P O R P E D R O L I S B O A

É duvidoso que possamos incluir despreocupadamente os livros-jogo na categoria dos *role-playing games* (RPG). Na melhor das hipóteses, são uma sua forma solitária; na pior, literatura interactiva que se limita a partilhar o imaginário com os RPG. À semelhança de quase todos os exercícios taxonómicos de jogos, não é trivial apontar com alguma precisão as características que os definem.

Seja como for, têm uma forma híbrida que está suficientemente próxima dos jogos de personagem – desde logo, com percursos históricos semelhantes – para que se justifique o olhar cruzado e que se escreva sobre os primeiros a propósito dos últimos (pelo menos, assim espero; para os leitores mais puristas que não concordarem com a proposta, lembro que, de vez em quando, é bom viver perigosamente).

Breve história dos antecedentes

A ideia de uma narrativa interactiva e não linear, contendo múltiplos caminhos e desfechos, não tem um momento de génese identificável. Pelo contrário, pairou – e apurou – durante muitos anos nas mentes de alguns escritores de renome, de entre os quais Jorge Luis Borges foi pioneiro. Sobretudo nos contos «O jardim dos caminhos que se bifurcam» e «Análise da obra de Herbert Quain», ambos publicados na mesma antologia, em 1941, o escritor argentino explora a ideia do livro como labirinto, de uma narrativa ramificada que contém a totalidade – ou muitos – dos desenvolvimentos e conclusões possíveis. Não é difícil entrever ali os princípios fundamentais subjacentes aos livros-jogo, ainda que a aplicação esteja distante.



E HERÓI

Muitos outros se seguiram, desde os vários exercícios de Raymond Queneau e do seu grupo literário experimental Oulipo, passando por Julio Cortázar, com *O Jogo do Mundo – Rayuela* (1963), até aos contos de ficção científica «Alien Territory» (1969) e «The Lost Nose», de John Sladek, entre outros. Fora do registo artístico, foi também fundamental o trabalho do behaviorista norte-americano B. F. Skinner sobre aquilo que denominou «ensino programado», um método automatizado de autoaprendizagem. A hiperficção e o hipertexto partilham todos estes antepassados comuns, teóricos e práticos, com os livros-jogo.

No entanto, apesar de o género ter sido desenvolvido num meio artístico predominantemente inovador, a sua expressão nos livros infanto-juvenis, pelo menos desde a década de 1940, nunca deixou de se fazer sentir – o exemplo mais antigo de que há notícia é o de *Treasure Hunt*, uma obra pouco conhecida assinada por Alan George. É improvável que os autores destes primeiros livros destinados a crianças entendessem o seu trabalho como extensão ou complemento das reflexões dos seus colegas de escrita “sérios”,

mas, por contágio de ideias ou decisão consciente, a linhagem conceptual de ambos é a mesma. A consolidação do género ocorrida em finais da década de 70 selou em definitivo a sua transferência completa para o domínio da cultura *pop* e da comercialização em massa, abandonando por inteiro a literatura experimental e inaugurando a era dourada dos livros-jogo.

O modelo americano

Em 1969, Edward Packard, um advogado norte-americano aspirante a escritor, escreveu *Sugarcane Island*, o primeiro livro-jogo moderno. Depois de inúmeras rejeições, o autor conseguiu finalmente publicar o livro em 1976 e o público acolheu-o de tal forma que, em 1979, a editora Bantam Books deu continuidade ao conceito com a famosa série *Choose Your Own Adventure* (CYOA), sob a tutela de Packard e do seu ex-editor R. A. Montgomery. Desencadeou-se, nos EUA, um fenómeno notável de popularidade e vendas.

Em traços largos, os livros CYOA são o melhor exemplo de um tipo de livro-jogo que contém uma narrativa interactiva onde o leitor é chamado pontualmente a escolher a opção que lhe parece mais interessante (ou prudente ou corajosa ou engraçada ou...). A árvore de escolhas tende a ser relativamente simples, tal como a escrita e o enredo, e o seu público-alvo é jovem, pelo que a abordagem procura ser pedagógica e desprovida de matéria controversa.

A colecção principal foi publicada entre 1979 e 1998 e contou com nada menos que 184 títulos diferentes, a que se somam outras largas dezenas de livros inseridos em séries temáticas mais curtas, por exemplo de grandes *franchises pop*, como as das personagens Disney, a Guerra das Estrelas e o Indiana Jones.

O sucesso foi tão grande, sobretudo na América, que não tardaram a surgir concorrentes noutras editoras, mesmo nas de RPG. Assim, entre 1982 e 1983, Rose Estes assinou os sete primeiros títulos da colecção *Endless Quest*, publicados pelos “donos” do *Dungeons & Dragons* (D&D), a norte-americana TSR.

A série representou uma iniciativa de abertura ao mercado *mainstream* por



parte da editora; procurou aproveitar a receita vencedora e a popularidade dos livros CYOA e juntar-lhe a ambientação fantástica do *D&D*, fazendo bom uso do vasto acervo de

conteúdos que possuía (os mundos, as personagens, o imaginário, etc.), bem como da equipa existente de escritores e ilustradores. O esforço foi em larga medida bem-sucedido – entre 1982 e 1995 foram publicados 47 títulos – e permitiu à TSR aumentar consideravelmente o seu alcance junto do público norte-americano. De um ponto de vista pragmático, a colecção serviu também de suporte de divulgação, uma espécie de publicidade secundária, aos produtos principais da editora, os livros de RPG – não apenas os títulos de *D&D*, mas também de outros jogos como *Top Secret*, *Gamma World* e *Star Frontiers*, aos quais também foram dedicados alguns títulos.

Aventuras solitárias

Também em 1976, o mesmo ano em que surgiu *Sugarcane Island*, foi publicado o primeiro cenário solitário de RPG, intitulado *Buffalo Castle*, em que o autor, Rick Loomis, decidiu aplicar alguns princípios do ensino programado à escrita de aventuras de jogos de personagem.

Apesar das características comuns com os livros CYOA, tudo indica que *Buffalo Castle* foi desenvolvido de forma autónoma, prefigurando um caso de evolução convergente. O modelo ali inaugurado, no entanto, representa um passo em frente em termos de complexidade; sobre a árvore de decisões navegáveis pelo protagonista da história foi introduzido, pela primeira vez, um sistema de jogo. É pedido ao leitor,

pois, que conheça previamente as regras e que se disponha a tratar o livro como uma espécie de mestre de jogo automático (na introdução pode ler-se que o «castelo destina-se às pessoas desafortunadas que não têm um mestre de jogo como vizinho»), lançando os dados e realizando os testes necessários sempre que o texto assim o indicar.

Ao contrário dos CYOA, *Buffalo Castle* pretende sobretudo oferecer um modo relativamente semelhante e fiel de jogar RPG a solo – num panorama pré-computadores pessoais, claro está –, acumulando a útil função de servir de introdução e aprendizagem a um RPG de corpo inteiro, neste caso *Tunnels & Trolls* (*T&T*). A qualidade da escrita e do desenho de cenários – manifestamente baixa na obra inicial – foi sendo melhorada ao longo de dezenas de títulos solitários para *T&T*, que, desde 1976, não mais deixou de apostar no género em que foi pioneiro.

A concorrência tardou dois anos a surgir, com *Death Test*, para *The Fantasy Trip* (o antecessor de *GURPS*), e desenvolveu-se principalmente ao longo da década de 80, com inúmeros títulos solitários publicados para *Traveller*, *RuneQuest*, *Call of Cthulhu* e, claro, *D&D*, entre muitos outros. Apesar das transformações significativas nas comunidades de jogadores desde então – e de, comparativamente, nunca ter tido um sucesso comercial muito notável –, o género continua hoje em dia a marcar presença nos catálogos de editoras como a Chaosium e a Flying Buffalo.

O modelo britânico

Os jogos de personagem foram trazidos para o Reino Unido por Ian Livingstone e Steve Jackson, os dois fundadores daquela que é actualmente uma das maiores empresas dedicadas aos jogos de mesa, a Games Workshop.

À procura de levar o RPG a um público mais alargado, Livingstone e

Jackson propuseram à editora Penguin uma espécie de manual introdutório a um tipo de jogo maioritariamente desconhecido dos leitores britânicos – apesar do seu sucesso comercial, a Games Workshop dedicava-se quase exclusivamente a um mercado de nicho. Depois de um processo preparatório relativamente acidentado, movido em grande parte pelo instinto visionário de duas jovens editoras ao serviço da Penguin, o livro evoluiu da sua forma inicial, intitulada *The Magic Quest*, para o primeiro número da colecção Fighting Fantasy (FF) e marco da história dos livros-jogo, o famoso *The Warlock on Firetop Mountain*, publicado em 1982.

O aspecto mais inovador de *Warlock* foi a fusão de vários elementos provenientes dos dois modelos de livros-jogo que lhe antecederam, sempre com os olhos postos em alcançar o grande público. Assim, sobre a estrutura narrativa ramificada do modelo CYOA, os autores britânicos aplicaram um sistema de regras muito simplificadas de jogo de personagem, incluindo alguns dos elementos mais reconhecíveis, como o registo do equipamento e o cálculo quantificado das características pessoais do protagonista, ou o mecanismo

de testes de habilidade e de combate, assente no lançamento de dados. Ao contrário das aventuras solitárias de RPG, todas as (poucas) regras se encontram no próprio livro, facilitando a vida ao leitor, que assim apenas precisa de um lápis e de um par de dados para jogar – um RPG solitário instantâneo!

Outra característica marcante da colecção FF encontra-se na valorização da qualidade e quantidade

das ilustrações. Os autores desde o início entenderam a importância da apresentação gráfica, a complementar os textos, e tiveram o engenho de recorrer a artistas experientes e consagrados, servindo-se da rede construída para as edições da Games Workshop, para criar uma estética vincada e própria. É difícil (e, francamente, desinteressante) imaginar a série sem a mestria de Russ Nicholson, Iain McCaig, Martin McKenna ou Ian Miller.

Entre 1982 e 1995, o período de publicação da série original, foram editados cinquenta e nove títulos diferentes, que por sua vez deram lugar a



dezenas de reimpressões e traduções em mais de vinte línguas. No ano final, 1995, a estimativa global aproxima-se dos quinze milhões de exemplares vendidos – se considerarmos que em alguns países, como Portugal, a colec-

ção continuou nas livrarias durante mais alguns anos, esse número deverá ser ainda mais alto. Visto de qualquer prisma, a colecção FF foi um sucesso comercial estrondoso e um fenómeno cultural

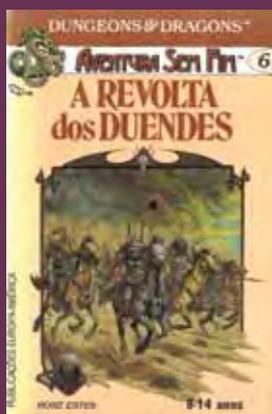
internacional que em muito extravasou o âmbito das comunidades locais de jogadores. Não é coincidência, pois, que tanto Jackson como Livingstone tenham feito a transição para a indústria dos videogames quando a popularidade dos livros-jogo entrou em declínio, e que este último tenha vindo a ser um dos responsáveis por *franchises* famosos como *Tomb Raider* e *Hitman*. Os livros-jogo garantiram-lhes um lugar no panteão dos inventores de jogos.

Apesar de os livros FF representarem o primeiro e mais bem-sucedido exemplo do modelo britânico de livros-jogo, não foram de modo algum os únicos, tendo sido publicados centenas de títulos originais até ao final do século. Para além de outras obras na mesma esfera de ambientação, como os quatro volumes de *Sorcery!* (1983-1985), destacam-se as séries *Lone Wolf* (1984-1998), do recém-falecido Joe Dever, que foi a primeira a introduzir a ideia de continuidade narrativa entre livros; *Way of the Tiger* (1985-1987), pelo inovador sistema de combate e enredo complexo; e *Fabled Lands* (1995-1996), uma ambiciosa tentativa de criar algo semelhante a um *sandbox* com livros-jogo, que infelizmente não chegou a ser completada.



O jardim (à beira-mar plantado) dos caminhos que se bifurcam

Durante muitos anos, os livros-jogo representaram a maior aproximação que os leitores portugueses fizeram aos jogos de personagem e ao imaginário fantástico em geral. Ao contrário do que se poderia supor de um país com hábitos modestos de leitura e quase nenhuma tradição de jogos de mesa, estes livros conquistaram um lugar de destaque na cultura juvenil dos anos 80 e 90 do século passado – atestável, aliás, pela presença nos constantes exercícios de nostalgia de anos recentes. São frequentes os casos de futuros jogadores de RPG cujo primeiro contacto com um tipo de jogo novo se fez quando lhes caíram nas mãos uns certos livrinhos de lombada e contracapa verdes...



No total, foram publicadas as traduções parciais de cinco colecções de livros-jogo, todas de originais de língua inglesa. Se descontarmos as reedições recentes, a publicação de títulos inéditos no mercado português abrangeu vinte e um anos, de 1982 a 2003

– e sobreviveu assim, surpreendentemente, ao período áureo internacional dos livros-jogo. Não obstante, nunca foram publicadas obras de autores portugueses (apesar de, seguramente, terem ficado na gaveta muitos ensaios amadores).



O primeiro livro-jogo a aparecer foi *O Feiticeiro da Montanha de Fogo*, pela mão da Editorial Verbo, em 1985. O emblemático n.º 1 da *Fighting Fantasy* inaugurou, assim, a colecção

Aventuras Fantásticas em Portugal, três anos depois do original. A par do sucesso internacional, as traduções prosseguiram a um ritmo consistente, sendo publicados aproximadamente dez a quinze novos títulos a cada cinco anos, aos quais se juntam as reimpressões de

livros esgotados (*O Feiticeiro da Montanha de Fogo*, por exemplo, foi reimpresso em 1990, 1992, 1994, 1996, 2000). Apesar de estar ainda por fazer a história editorial da tradução desta colecção, tudo aponta para que se trate de um caso pouco comum de *best-sellers*.

A Verbo publicou um total de trinta e oito títulos, reproduzindo sempre as ilustrações e o aspecto gráfico geral das versões originais; do ponto de vista material, as principais diferenças encontram-se na qualidade do papel, superior nas primeiras edições portuguesas, e nas dimensões reduzidas do livro de bolso inglês.

A qualidade das traduções é variável, contribuindo para esse facto, seguramente, a falta de experiência generalizada com o imaginário fantástico. É curioso verificar que apenas quatro livros foram traduzidos por homens (todos diferentes) e que, de entre as numerosas tradutoras, somente três trabalharam em mais do que dois títulos; dessas, há um nome que se destaca, Isabel Gomes, por ser responsável por quase um terço do total das traduções.

Procurando acompanhar o renascer internacional de interesse, a Verbo decidiu reiniciar a colecção em 2015, mas desistiu do projecto após os três primeiros livros (um dos quais uma reedição). Tornou-se claro que mudaram os tempos e mudou o público-alvo, apesar de ainda em 2006 – que, afinal de contas, não foi assim há tanto tempo – *O Feiticeiro da Montanha de Fogo* ter sido incluído no Plano Nacional de Leitura e, portanto, recomendado pelo governo.

Na passada do sucesso das *Aventuras Fantásticas*, a Difel publicou os primeiros quatro livros da série *Lobo Solitário* entre 1986 e 1987, assinalando a segunda colecção de livros-jogo a aparecer no mercado português. Comparativamente, a qualidade da edição dos dois primeiros volumes destaca-se das demais por incluir um mapa cartonado e a cores das *Terras Perdidas*, a região onde decorre a acção (para não falar no magnífico anúncio de contracapa ao computador Thomson T09 – «o novo membro da família» –, cujo manual aparentemente não explicava como usar correctamente o rato). Infelizmente, a série não teve continuidade, talvez devido à pouca apetência do público português para a relativa complexidade das regras.

Os livros *CYOA* também fizeram uma breve aparição em Portugal em 1987, ano em que a pequena editora

Edições Latinas, orientada para o público infantil, traduziu sete títulos da colecção. A iniciativa, pela falta de continuidade e difusão, não deve ter sido bem-sucedida, e a licença portuguesa para a colecção Escolhe a Tua

Própria Aventura não voltou a ser utilizada.

As duas últimas séries traduzidas da era de ouro dos livros-jogo apareceram com a chancela das Publicações Europa-América e decor-

reram do namoro (platónico) da editora com o mercado dos jogos de personagem. Em meados da década de 80, André Moullin, vice-presidente e responsável pelo departamento internacional da TSR, deslocou-se a Portugal para reunir com alguns editores nacionais. Em cima da mesa encontrava-se o licenciamento da edição portuguesa de *D&D*, que, como se sabe, acabou por ser entregue ao então desconhecido José Hartvig de Freitas (ver «Fazedores de Mundos», *Bang!* n.º 22).

Apesar de não se ter chegado a um acordo quanto ao RPG, resultou do encontro com a Europa-América a decisão de publicar a saga *Dragonlance*, por um lado, e as colecções de livros-jogo *Endless Quest*

e *Super Endless Quest/Advanced Dungeons & Dragons Adventure Gamebooks*, por outro. As versões portuguesas, intituladas *Aventura Sem Fim* e *Aventura Sem Fim Série Avançada*, respectivamente, foram publicadas no formato típico da editora de livro de bolso, entre 1988 e 1992. A série básica contou com quinze números, ao passo que a avançada teve nove edições.



tada pela SocTip, reforçando a ideia de uma parceria estratégica em duas frentes. A curto prazo, porém, ficaria clara a sua falta de sucesso.

É ainda curioso constatar que quase todos os títulos publicados até 1990 contêm no final uma página de publicidade à caixa vermelha de *D&D* edi-

as vendas começaram a abrandar, as grandes editoras perderam a apetência pelos livros-jogo. As curtas margens de lucro deixaram de justificar edições em massa, dirigidas para o público em geral.

Recentemente, a par da (re)edição de velhos e novos títulos em papel, surgiram alguns projectos no sentido de adaptar o género às actuais potencialidades tecnológicas, nomeadamente em plataformas móveis. Há sinais que apontam para algum êxito destas iniciativas, mas se se trata de algo mais que um fogacho de nostalgia, que por enquanto arde com intensidade no imaginário *pop*, só o tempo o dirá. **BANG!**

Vai para 400?

O crepúsculo da era dourada dos livros-jogo foi provocado, em primeiro lugar, pelo crescimento estrepitoso dos videojogos, não apenas em termos de quantidade de jogadores mas também – e sobretudo – pelos desenvolvimentos técnicos e tecnológicos que transformaram por completo a experiência de jogo e as possibilidades do meio. A partir de determinada altura, as aparentes limitações de um suporte analógico passaram a ter dificuldade em competir com a imersão e os fogos-de-artifício dos jogos digitais.

Por outro lado, as expectativas comerciais mantiveram-se sempre elevadas, pelo que, quando



Para Saber Mais

You are the Hero (2014), Jonathan Green. A bíblia de qualquer fã das Aventuras Fantásticas que se preze.

Designers & Dragons: The '70s (2014), Shannon Applecline. O primeiro volume desta obra enciclopédica abrange todas as principais editoras de RPG que publicaram livros-jogo.

Fighting Fantazine (2009-). *Fanzine* de elevada qualidade, disponível em versão electrónica e em papel, dedicado aos livros-jogo.



Pedro Lisboa

É investigador, tradutor e revisor. Escreveu a sua tese de mestrado sobre a história dos jogos em Portugal nos séculos XVIII e XIX. Muito mais importante que isso, há 25 anos que se junta à volta de uma mesa com amigos para explorar masmorras e desvendar segredos arcanos.





DOS DADOS E DAS ALMAS

POR RICARDO S. AMORIM

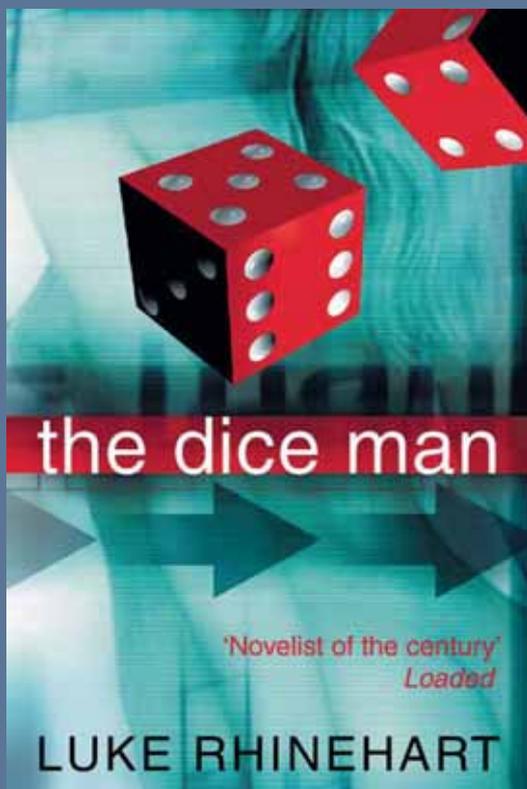
«*In the beginning was Chance,
and Chance was with God and
Chance was God.*»

É com uma citação de *The Book of the Die* que começa *The Dice Man*, autobiografia do psiquiatra norte-americano Luke Rhinehart. No princípio não era o verbo, como no Evangelho de São João, mas a sorte, ou o acaso. Preso pela ordem e pela rotina, Rhinehart deixou que todas as suas decisões fossem ditadas pelo rolar dos dados, abrindo-se um mundo de risco, descoberta e liberdade. Os dados eram o seu deus, e um culto foi criado com base nesta prática.

Rhinehart percebeu, durante a sua prática terapêutica, que a vida precisa de deixar espaço para o aleatório e acidental, para que não se atrofiem as suas possibilidades em favor de um conceito de normalidade castrador. Para temperar a sua própria existência, Rhinehart fazia exercícios com dados, atribuindo a cada possível resultado uma acção, ditando a sua conduta por esse método. De acções inofensivas, cedo passa para decisões como a de violar a mulher do seu melhor amigo, deixar a família, mudar a sua personalidade a cada 15 minutos quando está numa festa até, finalmente, assassinar um dos seus doentes. Entusiasmado com os resultados dessa prática na sua vida, Rhinehart decide evangelizá-la,

primeiro com os seus doentes, encorajando-os a deixar a busca pela normalidade ditada pela sociedade, e depois ao público em geral, criando um centro de pesquisa para o que chamou de *dicelife*. Os seus participantes permitem que sejam os dados a determinar desde a sua raça (com caucasianos a adoptarem comportamentos que, nos anos 70, se associavam à comunidade afro-americana, e vice-versa), a sua orientação sexual ou o seu comportamento moral/social, de santos ou pecadores.

O livro foi um sucesso, com mais de 2 milhões de cópias vendidas até hoje, e cedo se tornou numa obra de culto, um marco na contracultura e na literatura transgressiva em particular, e é muito comparado ao que Chuck Palahniuk alcançou com *Fight Club* vinte e cinco anos mais



tarde. Pelo seu carácter subversivo e por abordar temas transgressivos, foi proibido em vários países, o que contribuiu ainda mais para o interesse que ainda consegue despertar hoje em dia. Inicialmente, as vendas foram fracas nos EUA, mas foi logo um sucesso na Europa, particularmente em

Inglaterra, na Dinamarca, na Suécia e depois também em Espanha, onde foi durante algum tempo o livro mais requisitado nas bibliotecas das universidades espanholas. Muitos leitores, especialmente nos anos 70, adoptaram a prática dos dados no seu quotidiano, o que levou a que novas edições tivessem na capa a frase «this book will change your life».

Porém, não se trata de uma autobiografia, nem Luke Rhinehart é uma pessoa real. O livro foi escrito como uma obra de ficção por George Cockcroft, que escudou a sua real identidade durante vários anos, mas que acreditou ser, na realidade, o Homem dos Dados. Numa entrevista ao *The Guardian*, em Março de 2017, Cockcroft mostrou uma passagem do seu diário a Tanya Gold, escrita em Maiorca a 10 de Junho de 1969, que explica bem a forma como assumiu essa personalidade alternativa: «Tenho de terminar o romance *The Dice Man*. Sei que, se o abrir e começar a ler, eu e ele viveremos, e o meu desejo de trabalhar nele e completá-lo florescerá novamente. Eu sou o Dice Man de uma forma que não sou mais ninguém. É a ideia que minha vida criou. Eu não sou bom para qualquer outra. Eu não sou um escritor profissional. Eu não tenho talento, de qualquer forma. Mas a teoria do homem dos dados, o espírito irónico da sua vida, cresce tão naturalmente no meu solo rochoso quanto os pedregulhos aqui ao longo da costa rochosa de Maiorca.»

And it's his illusions about what constitutes the real world which are inhibiting him... His reality, his reason, his society... these are what must be destroyed.

Um dos países onde o livro teve mais sucesso foi a Suécia, onde o jovem Tomas Lindberg sentiu o impacto da sua leitura. Tomas, conhecido como Tompa, é o vocalista e letrista da banda de *death metal* At The Gates. Formados

em 1990, lançaram os álbuns *The Red in the Sky is Ours* em 92, *With Fear I Kiss the Burning Darkness* no ano seguinte, e ainda *Terminal Spirit Disease* em 94, que foi originalmente pensado como um EP de seis temas e ao qual acrescentaram outros três ao vivo, tornando-se um longa-duração. Esse foi o último lançamento pela independente britânica Peaceville Records, e parecia que os At The Gates nunca saíram de um segundo plano do *death metal* escandinavo, que tinha nas bandas de Estocolmo, Entombed e Dismember, os seus grandes protagonistas. Em 1994, embarcaram numa *tournee* europeia de 40 datas terrivelmente organizada, acabando por tocar apenas duas datas, até o promotor fugir com o pouco dinheiro que havia. Ficaram sem dinheiro ou comida em Norwich, Inglaterra, e sem forma de regressar a casa. Foi a editora da banda de suporte, os Séance, que os salvou. Fizeram um acordo por telefone com a Black Mark, que lhes enviou o contrato por fax para uma estação de serviço e transferiu o dinheiro necessário. Os At The Gates teriam um prazo para devolver o dinheiro, ou a Black Mark ficaria com os direitos sobre o próximo disco da banda. Felizmente, chegaram depois a acordo com a editora Earache, pagaram a dívida e gravaram o disco que já estavam a preparar.

Slaughter of the Soul, como se intitulou esse álbum editado em 1995, foi escrito num clima de total incerteza e frustração, tendo a banda

ficado à beira do fim. Porém, a composição decorreu em bom ritmo e o quinteto de Gotemburgo criou uma atmosfera de grande criatividade em estúdio, com o produtor Frederik Nordström ao leme. Em 2012, antes da estreia dos At The Gates em Portugal, conversei com Tompa sobre este disco, tendo-me dito o seguinte: «Já tínhamos conversado sobre escrever um álbum bom, que marcasse uma posição. A cena *death metal* estava algo estagnada e pensámos naqueles discos de que realmente gostávamos, coisas como *Darkness Descends* (Dark Angel), *Seven Churches* (Possessed) ou *Sad Wings Of Destiny* (Judas Priest), que são muito importantes para nós. Reflectimos sobre o que separa os álbuns clássicos dos álbuns apenas decentes e decidimos fazer um álbum que apontasse para o clássico, e para isso seria mais curto. Não valeria a pena escrever metade de um grande disco e outra metade apenas decente, como tantas vezes acontece. Se tivéssemos ambições altas, conseguiríamos, no mínimo, um álbum decente.»





monia, sendo hoje em dia considerado um dos discos de *death metal* mais influentes de sempre.

Men must attempt to develop in themselves and their children liberation from the sense of self... Men must be free from the boundaries, patterns and consistencies in order to be free to think, feel and create in new ways.



Curiosamente, quis o acaso (sempre ele) que a sua influência ultrapassasse largamente as fronteiras do género, tornando-se marcante também para a cena *hardcore* americana do início deste século. Na mesma entrevista ocorrida em 2012, Tompa confessou-me: «Sei que, hoje em dia, muitas bandas o tentam recriar, mas acho que não captam o essencial. Não digo que sejamos melhores, mas acho que se focam demasiado na melodia, combinando-a com a agressividade, mas para mim o *Slaughter of the Soul* não vale tanto pela melodia, mas mais pela melancolia que transmite. Muitas bandas tentam recriá-lo, mas falham num dos aspectos mais elementares. De todo o modo, ficamos muito orgulhosos pelo facto de alguém se sentir influenciado pelo nosso trabalho.»

Quanto a *The Dice Man*, o culto continua. Teve seguimento em *The Search for the Dice Man*, escrito na perspectiva do filho de Luke Rhinehart, Larry, que trabalha em Wall Street e rejeita por completo a doutrina do pai, de quem nada sabe há vinte anos, e o vai procurar, acabando por mudar a sua própria perspectiva.

Desconheço se alguma vez foram editados em português, e as pesquisas indicam que não, mas espero que não seja necessário chegar aos 50 anos de *The Dice Man* para que estas duas obras de culto cheguem às nossas livrarias. E até sei qual seria a editora ideal para os ter no seu catálogo...

BANG!

We are blind to the world within us, waiting to be born.

Liricamente, embora não seja um disco conceptual, lida com muitas das questões levantadas por *The Dice Man*, como a loucura, a manipulação ou o cinismo, citando-o directamente em alguns dos temas. Foi o mais bem-sucedido disco dos At The Gates, e com melhor som, mas a banda acabaria pouco depois, frustrada com as dificuldades que a vida na estrada lhes trouxe. O guitarrista Anders Björler até dizia que, naquela altura, a banda era paga em cerveja e batatas fritas, o que levou a que dessem por terminada a sua carreira. Anders, o seu irmão gémeo Jonas (baixista) e o baterista Adrian Erlandsson formariam os The Haunted pouco depois e tiveram logo muito mais sucesso e retorno financeiro que os At The Gates alguma vez tinham tido.

E à medida que os The Haunted iam progredindo na sua carreira, o estatuto dos At The Gates ia crescendo cada vez mais, tendo *Slaughter of the Soul* se tornado num disco de culto, muito à semelhança do que aconteceu com *The Dice Man*. Desde a sua edição que é o epítome do som de Gotemburgo, a vertente mais melódica do *death metal*, com uma forte influência de Iron Maiden, Judas Priest ou de outras bandas clássicas que utilizam duas guitarras em har-



Ricardo S. Amorim

De ascendência minhota, nasceu em 1980 em Lisboa, cidade onde reside. Cedo revelou um horror doentio a falar sobre si próprio, condição que se agravou desde que foi coagido a escrever estas linhas. Autor da biografia oficial dos Moonspell, *Lobos Que Foram Homens*, tem ainda presença assídua na revista LOUDI!

GOSTOU DESTA ARTIGO? DEIXE A SUA OPINIÃO EM:
WWW.REVISTABANG.COM





FICÇÃO ESTRANGEIRA



A INVENÇÃO DE H. P. LOVECRAFT

por Shay K. Azoulay

TRADUÇÃO DE GUILHERME PIRES

O que se segue é a primeira e única entrada, publicada a 15 de dezembro de 2014, de um blogue chamado “A invenção de H. P. Lovecraft”. O autor não foi identificado.

Tal como Darwin na sua altura, que foi levado a apresentar a sua teoria de seleção natural quando descobriu que o naturalista Alfred Russel Wallace tinha feito descobertas semelhantes, na esperança de estabelecer precedência e antecipar-se ao jovem arrivista, também eu sou forçado a revelar prematuramente as minhas próprias descobertas revolucionárias, com absoluta convicção mas sem aquilo que muitos considerariam evidências substanciais ou provas irrefutáveis. Devido a estas restrições de recursos e de tempo, a minha apresentação da descoberta será rudimentar, uma demarcação simbólica de território se quiserem, à qual regressarei mais tarde com clarificações, expansões, revisões e afinações. Esta não é certamente a forma como eu imaginava apresentar uma teoria tão explosiva, a qual tenho andado a desenvolver há vários meses, mas raramente as nossas vidas correm como planeamos, e as pessoas em quem julgávamos poder confiar falham-nos de formas que não podíamos imaginar (mas já chega disto).

Devo a descoberta da verdadeira natureza de H. P. Lovecraft à minha recente releitura de *O Livro de Areia* (1975) por Jorge Luis Borges, mais especificamente o conto «There Are More Things» que é dedicado “à memória de H.P. Lovecraft”. Esta aparente paródia do estilo, temas, obsessões e

preocupações de Lovecraft é enjeitada pelo próprio Borges no epílogo do livro:

O destino que, a julgar pela fama, é impenetrável, não me deixou em paz até que perpetrei um conto póstumo de Lovecraft, escritor que sempre julguei um parodista involuntário de Poe. Acabei por ceder; o lamentável fruto intitula-se «There Are More Things».

Fiquei siderado por duas coisas imediatamente – o porquê de o conto ser dedicado à *memória* de Lovecraft em vez de ao próprio (Borges dedicou apenas alguns dos seus contos a alguém, normalmente com um genérico “Para...”), e qual a razão de Borges considerar o conto uma criação póstuma de Lovecraft em vez de um tributo ou homenagem a ele? A resposta a ambas estas questões é tão simples como espantosa: porque H. P. Lovecraft foi inventado por Borges.

O conto é dedicado à memória que Borges e o seu colaborador Adolfo Bioy Casares partilharam quando se interessaram por fraude literária (brilantemente trabalhada e exagerada em «Tlön, Uqbar, Orbis Tertius»). «There Are More Things» (o título praticamente diz tudo) é na verdade a última obra deste autor ficcional, o culminar de uma obra, uma paródia sincera e melancólica de uma paródia fingida e juvenil.

Quando aceitamos esta simples verdade, muitos dos elementos começam a fazer sentido: o ridículo nome “Lovecraft” só podia ser uma invenção de um jovem e travesso Borges. Depois temos os detalhes biográficos

convenientes da vida de Lovecraft: um filho único, órfão, sem filhos, enfermo e solitário, e claro temos a sua morte prematura, quando Borges se fartou desta experiência ou receou que pudesse ser descoberto.

Não me parece que o próprio Borges acreditasse que a sua criação fosse tão bem-sucedida. Apesar de os contos de Lovecraft apresentarem algumas variações interessantes de ideias desenvolvidas nas suas próprias obras, às quais ele juntou criaturas e invenções fantasiosas, Borges fez todo o possível para tornar os contos áridos, pedantes, de fraca qualidade e sem qualquer terror ou suspense genuíno. Ele deve ter apreciado a ironia de, por baixo de uma imensa pilha de descrições e adjetivos, o horror no centro de cada conto ser sempre incognoscível, inominável e indescritível.

Borges também deixou bastante claro que o “autor” destas obras era no mínimo antipático – um racista, misógino, elitista, e em tudo o resto muito pouco agradável, cujos preconceitos por vezes saltavam à vista de dentro das suas débeis construções. Mas o inescrutável destino tinha assegurado a H. P. Lovecraft um tal lugar no Cânone Americano que o próprio Borges foi forçado a incluí-lo no seu livro de 1967 *Introdução à Literatura Americana* (onde ele irreverentemente errou de propósito o nome do meio, Philips em vez de Phillips).

Os detalhes deste embuste são fáceis de adivinhar – um ator contratado para fazer de Lovecraft, um tradutor de Espanhol-Inglês, alguém para submeter os contos às revistas *pulp* (talvez todas estas tarefas fossem realizadas pela mesma pessoa, talvez “Lovecraft” tenha morrido pouco depois de essa pessoa ter desaparecido), uma casa arrendada em Providence, alguns “conhecidos” facilmente subornáveis e documentos facilmente falsificados.

Borges começou a escrever como Lovecraft em 1919. Antes disso, ele tinha escrito «A Reminiscence of Dr. Samuel Johnson» (que mais podia ser?) sob um pseudónimo ainda mais ridículo, Humphrey Littlewit, que mais tarde fingiu ser um pseudónimo usado por Lovecraft. Ele decidiu que “Lovecraft” deveria ser cerca de uma década mais velho que ele próprio, e estabeleceu uma vaga biografia que desenvolvia de tempos a tempos através de cartas para os igualmente imaginários amigos e familiares de Lovecraft. Quando lhe apetecia, Borges criava um ou dois contos em modo Lovecraftiano e enviava-os aos seus colaboradores americanos, para encontrarem um lugar entre os *pulps*, ou para fazerem numa pilha à espera da fama póstuma, como por vezes acontece.

Em meados de 1930, Borges decidiu que “Lovecraft” já tinha amadurecido o suficiente para escrever algumas obras mais longas e convidou Bioy Casares para se juntar à festa e colaborar em algumas histórias. Estudiosos da literatura em busca de um romance perdido escrito por Borges não o vão encontrar aqui. Todas as obras mais longas de Lovecraft foram realmente escritas por Bioy Casares, com Borges a contribuir apenas com o esboço geral e algumas cenas principais. *Nas Montanhas da Loucura*, por exemplo, é claramente obra de Bioy Casares. Podemos imaginar quão encantado ficou Borges quando todo o suspense e eventos horripilantes descritos na história são deixados

para segundo plano em favor de paisagens antárticas, arquiteturas de pesadelo e mitologias aborrecidas. Bioy Casares poderia ter discordado de invenções como os pinguins gigantes albinos cegos por serem completamente ridículos, mas Borges deve ter insistido que se mantivessem na história, para lhe mostrar que um género não é apenas definido pelo seu conteúdo, mas pelas expectativas do leitor, e se os leitores esperavam uma história de horror, iam ficar horrorizados sem se importarem com quantidade de palermices que aconteçam.

No final da década, Borges já se tinha cansado de Lovecraft. Ele decidiu marcar o dia da sua morte a 15 de março (no dia do assassinato de Júlio César) de 1937, guardando alguns contos para publicação “póstuma”. Quase trinta anos mais tarde, Borges recordou-se do seu devaneio juvenil e escreveu «There Are More Things» como um tributo final e uma pista para o leitor mais atento.

Por que razão nunca ninguém descobriu isto antes? O próprio Borges dá uma espécie de resposta na sua crítica a um romance esquecido de Alan Griffiths. É a história de um homem que inventa uma personagem, dá-se a imensos trabalhos para provar que é uma pessoa real, e quando decide finalmente revelar o embuste, ninguém acredita nele, pensam que enlouqueceu. Talvez Borges temesse um destino semelhante; o culto de Lovecraft tinha crescido exponencialmente e alguns dos seus membros eram notoriamente fervorosos e implacáveis. Borges sabia que o mito coletivo é mais forte do que ele, e então soltou a sua criação imperfeita, este Soggoth amorfo, pelo mundo fora, para que fizessem dele aquilo que quisessem.

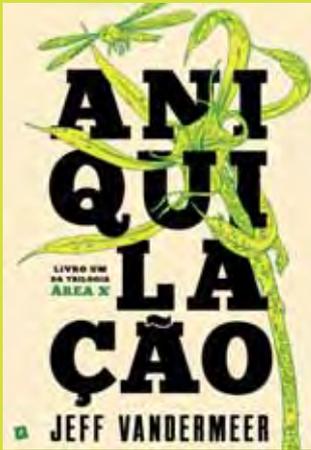
Post Scriptum

Lembro-me agora, muito apropriadamente, de uma curta dissertação sobre Sancho Pança que afirmava que ele tinha conseguido afastar o seu demónio, a quem chamava Dom Quixote, com histórias de romance e cavalaria, enviando-o na sua louca demanda. Livre deste fardo, Sancho Pança podia agora acompanhar as façanhas do Demónio para seu deleite e divertimento (esta história chamada «A Verdade sobre Sancho Pança», é atribuída a “Franz Kafka”, essa famosa invenção de Max Brod). **BANG!**



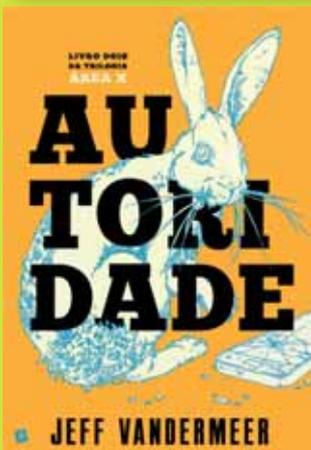
Shay Azoulay

É um escritor, tradutor e dramaturgo israelita. Os seus contos podem ser lidos nas publicações *McSweeney's Internet Tendency*, *Flapperhouse*, *Tablet Magazine*, *The Molotov Cocktail* e *The Short Story Project*. As suas peças incluem *Shade* (2012), a controversa sátira *The Platoon* (2014-2015) e a tragicomédia *Barabbas* (2018).



Todos os números da Bang!, um colaborador da Safda de Emergência fala-nos dos seus livros favoritos.

Confesso que o que me despertou o interesse no livro foi a capa. Depois de tantos anos a trabalhar numa editora, ainda não me libertei por completo da velha máxima “não julgar um livro pela capa”.



Mas a verdade é que correspondeu, aliás ultrapassou, as expectativas, e acabou por ser uma leitura que me apaixonou, que me deixou presa e ansiosa pela saída dos volumes seguintes.

Comecei a ler o primeiro volume da trilogia da Área X, *Aniquilação*, num dia de férias e acabei no dia seguinte.

É uma trilogia muito diferente de tudo o que já tinha lido, não se inserindo totalmente na ficção científica e acabando por ficar catalogada como *New Weird* (horror/ /bizarro). Cada livro fala da Área X de uma perspectiva diferente, o que acaba por ser um pouco confuso, mas também surpreendente.

Aliás, acho que o facto de nos deixar confusos e com tantas questões por responder fazia parte do plano do autor. De certa forma queria também alertar para os efeitos nefastos da intervenção da Humanidade na Natureza, e consigo imaginá-lo com um esgar, a escrever para que acabássemos a trilogia com o peso de saber que iremos pagar por isso, inevitavelmente.

Aniquilação (primeiro volume) é contado da perspectiva da bióloga, logo aí o autor acertou em cheio, porque só uma personagem assim nos poderia descrever a Área X como ela o fez, e foi isso que tornou o primeiro livro tão fenomenal. Um verdadeiro doce para quem gosta de ficção científica, natureza, ecologia, biologia. É um festim para os cinco sentidos. Durante todas as 250 páginas, do princípio ao fim, conseguimos cheirar, sentir, ver, saborear e ouvir tudo o que se passou na décima segunda expedição à Área X.

No segundo volume, *Autoridade*, a Área X é vivida por Control, o novo diretor da agência Extensão Sul, e passa-se quase na sua totalidade fora da zona proibida. É uma sensação de ida e volta a um policial, com imenso suspense pelo meio.

O terceiro volume, *Acceptação*, aparece como uma explicação para tanto que ficou em aberto nos primeiros volumes. Perspectivas de personagens centrais apresentadas nos primeiros volumes que antes de *Acceptação* nos deixaram com a cabeça às voltas a tentar perceber quem seriam e o que lhes teria acontecido.

Adorei a trilogia Área X, foi diferente de tudo o que já alguma vez tinha lido, e ficar a saber que ainda há tanto por inventar fora dos enredos já cansados da ficção científica é muito bom. **BANG!**



Marta Lima

Já fez de tudo um pouco na SDE. Neste momento é quem trata do *Marketing online*.

Nasceu em Cascais e adora estar na Feira do Livro a recomendar livros a quem nos visita.





POR JOÃO MORALES

HÁ 14 ANOS? FANTÁSTICO! SÓ MESMO O FÓRUM...

PEDEM-ME UM TEXTO SOBRE O PERCURSO DO FÓRUM FANTÁSTICO. NUNCA PODERIA SER UM MERO ELENCAIR DE NOMES E DATAS, NEM CONSEGUIRIA ABRANGER TUDO E TODOS. A ÚNICA HIPÓTESE É PROMOVER UMA VIAGEM EMOCIONAL PELAS MEMÓRIAS, DEIXANDO QUE ALGUMAS SOBRESSAIAM E QUE AS RESTANTES SOBREVIVAM. VENHAM DAÍ.

Hoje é uma estrela internacional e qualquer pedido para entrevista, qualquer aparição pública será forçosamente motivo para enfrentar uma agenda repleta, enchesse de espectadores, enfim, as consequências do sucesso que *A Guerra dos Tronos* alcançou um pouco por todo o mundo.

Mas antes desse êxito televisivo, o escritor George R. R. Martin permitia-se passear por

Lisboa de forma quase anónima, acedendo com simpatia e toda a disponibilidade a uma entrevista e sessão fotográfica, encenada junto ao painel de azulejos da Estação do Oriente. Assim foi, a conversa e as imagens foram publicadas na revista *Os Meus Livros*, estávamos em 2008, eu dirigia a revista e era apenas um espectador do Fórum Fantástico (FF). Porém, claro que já tinha percebido que não era apenas mais um evento.

Seria difícil evocar todos os convidados, intervenções, locais, péripécias que fazem a história deste encontro, uma comunhão forte e continuada entre gente que aprecia manifestações artísticas semelhantes, mas sempre com uma intenção assumida e evidente de ampliar o leque de convidados, de áreas a abordar, de perspetivas e relações. Proponho uma espécie de périplo ao sabor das recordações. Entre alguns episódios que marcaram mais fundo na memória de quem os reconta (isto é, eu), ou que conquistaram o seu lugar nessa espartilhada divisão do tempo que é a memória, casa ocupada por afinidades electivas. Nem sempre evidentes.

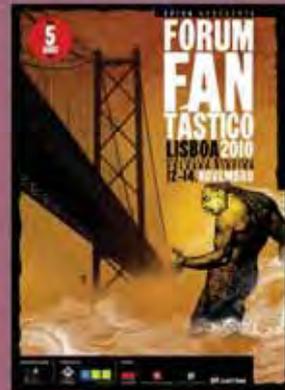
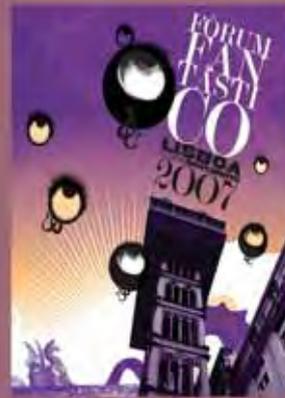
Em Portugal, as coisas ainda funcionam muito em compartimentos estanques. A malta da BD queixa-se de falta de espaço de divulgação e debate; os autores de cinema lamentam a exiguidade de apoios para uma actividade que, além de artística, implica meios dignos da indústria que é; os escritores de Ficção Científica sorriem perante a infantilidade de quem apenas admite mensagens literais e destinadas a um público maioritariamente imberbe nas obras de culto que marcaram o século XX; os praticantes de jogos de tabuleiros apregoam entre si as possibilidades intelectuais que a estratégia abstracta permite; os praticantes de *Cosplay* e personificadores da estética *steampunk* recusam-se a limitar o seu culto a uma actividade infantil e inconsequente conotada com alguma síndrome de Peter Pan; muitos académicos olham para grande parte de todo este universo com algum desdém e incapacidade de aplicar conhecimentos em áreas alienígenas da sua intervenção. De um modo geral, o que toda esta gente tem em comum é não frequentar, não acompanhar, não conhecer as actividades e referências dos restantes. O FF consolidou-se como um encontro entre criadores e apreciadores destas e de outras áreas, de forma colectiva, apenas possível por contrariar essa lógica e ajudar a mostrar como, tantas vezes, as referências simbólicas até podem ser coincidentes, apenas envergam outra identidade secreta. William S. Burroughs alertou-nos que «*language is a virus*», o FF promoveu a contaminação em massa de diferentes estirpes.

ONCE UPON A TIME...

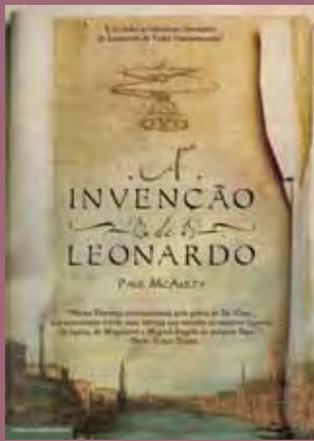
A aventura começou em 2004, com o 1.º Encontro Literário de Fantasia e Ficção Científica. O local foi a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o convidado estrangeiro viria a tornar-se numa das figuras icónicas do Fórum Fantástico, o galês Rhys Hughes, trazido para as livrarias portuguesas pela Livros de Areia (chancela criada por Pedro Piedade Marques, que tantos cartazes e materiais de comunicação assinou para o FF, e João Seixas, advogado de profissão, crítico da referida revista *Os Meus Livros*). Quando em 2006 Rhys publicou entre nós *Em Busca do Livro de Areia & Outras Histórias*, logo seguido de *Uma Nova História Universal da Infâmia*, o fiel leitor de Jorge Luis Borges que sou vi a sua curiosidade espicada e tornou-se num visitante habitual do FF.

Logo em 2005, o FF chega àquela que é a sua casa natural, a Biblioteca Orlando Ribeiro, cuja arquitectura se adapta na perfeição a um encontro desta natureza. Inaugurada dois anos antes, em Dezembro de 2003, conjugaram-se na perfeição estes dois exemplos de juventude e vitalidade. O cartaz desse ano apresentava vários convidados estrangeiros: Nick Sagan (*Ameaça Virtual*, Editorial Presença, 2004), o multi-premiado Paul J. McAuley (*A Invenção de Leonardo*, Saída de Emergência, 2005), Edward James (com a comunicação *Medievalism in Fantasy*) ou Mark Brake (coordenador da primeira pós-graduação em Ciência e Ficção Científica, consultor da NASA e do Science Fiction Museum). Mas seria um divertido sérvio a marcar a minha relação afectiva com a edição desse ano.

O motivo para Zoran Živković se deslocar a Portugal era a sua estreia editorial entre nós, *A Biblioteca*, um genial conjunto de pequenas histórias, cenários surrealistas que integram satíricas críticas em torno



Alguns cartazes das várias edições do Fórum Fantástico, criados por Pedro Marques. O cartaz da edição de 2017 é da autoria de Luis Melo.



do livro e do seu universo. Ainda hoje, muito justamente, este livro (publicado e republicado pela Cavalo de Ferro) é dos mais aclamados trabalhos do autor, que já visitou o nosso país por outros lançamentos subsequentes, e a sua presença, o seu humor, a sua capacidade de comunicação são entusiasticamente recordados.

Seria fastidioso estar aqui a recordar a lista de todos os convidados, ao longo de tantos anos. Quando coloco a máquina da memória em modo “recuperar” misturam-se várias edições, muitos rostos, muitas intervenções, uma energia comum que fez deste encontro anual a nossa concorrência aos “velhos do Califá” como lhe chamou com imensa piada Filipe Melo numa das edições mais recentes. E toda a gente adorou a imagem. Ano após ano, não faltam motivos para a presença do Filipe, seja pelas suas sucessivas incursões pela BD (primeiro com a série Dog Mendocça e Pizzaboy, depois, num estilo registo mais confessional), relação com jogos de vídeo ou o seminal *I'll See You in My Dreams*, um filme de *zombies* passado no Portugal profundo com uma irreconhecível Sofia Aparício e um coerente Manuel João Vieira.

FF NAS UNIVERSIDADES

Num banco do jardim do Campo Grande, uma moça parece dormir. Quem passa não entende a cena, com os dois tipos em frente a ela, um com a máquina fotográfica em punho. Levanta-se. Todos riem. A estranheza para quem passa não é menor. Blanca Riestra, nascida na Corunha, veio em 2007 ao Fórum Fantástico para nos falar sobre *O Sonho de Borges*, um magnífico livro que viaja entre a Argentina e o seu mais famoso escritor, a obscura e mágica Praga do século XVI, os labirintos que os sonhos

constroem, antigos gabinetes de curiosidades e outros elementos entre a História e a mais apurada invenção literária. Estávamos em 2007 e a casa de acolhimento do FF nesse ano foi a Universidade Lusófona. Bruce Holland Rogers (*Pequenos Milagres*, Livros de Areia, 2007), Steve Redwood e Elia Barceló completavam a lista dos estrangeiros. Minto, havia mais uma figura icónica. C. B. Cebulski é um mito vivo no mundo da banda desenhada. Não só pelo seu trabalho no universo da Nona Arte, pelas funções de editor que desempenhou na Marvel, por toda a polémica que envolveu o seu pseudónimo Akira Yoshida mas, principalmente, pelo seu papel como caça-talentos em diferentes países por onde passa. Não foram poucos os autores portugueses interessados em mostrar o seu trabalho e tentar a sua sorte além-fronteiras. Nada que hoje seja demasiado fantasioso, como podemos confirmar pela variedade de portugueses que trabalha em BD por terras estrangeiras, divulgando o talento luso.

O ano de 2008 fica marcado pela passagem pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (hoje designada Faculdade, embora toda a gente continue a referir-se à ESBAL), com a presença de Keith Roberts e Richard K.

Morgan, para apresentarem os livros *Pavana* e *Carbono Alterado* (este último, reeditado em 2018), respectivamente.

O artista plástico Nelson Dias (falecido em 1993), um dos autores da banda desenhada *Wanya – Escala em Orongo*, criada com Augusto Mota, editada originalmente em 1973 e reeditada nesse mesmo ano pela Gradiva, também esteve em foco. Uma exposição de trabalhos originais do artista ocupou uma sala da ESBAL, onde era professor agregado à data da morte.

DE REGRESSO A CASA

Em 2009 não houve FF. Consta que em algumas constelações longínquas foram levados a

cabo sacrifícios inconfessáveis e oferecidos aos deuses mais obscuros e implacáveis os órgãos vitais dos mais puros seres nascidos na Terra, antes e depois da criação da Internet. Em 2010, o FF ocupou definitivamente a sua casa natural, a Biblioteca Orlando Ribeiro.

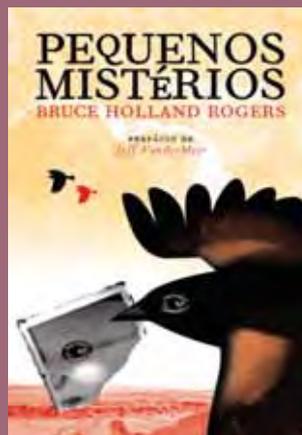
Ricardo Pinto foi uma das figuras em destaque, com a sua trilogia “A Dança de Pedra do Camaleão” (publicada na Editorial Presença), um monumental empreendimento, amplamente saudado por quem leu. Peter V. Brett (autor que inaugurava então o Ciclo dos Demónios, com o volume *O Homem Pintado*) e Stephen Hunt, autor da aventura *steampunk* *A Corte do Ar* (ambos publicados pela Saída de Emergência) estiveram também presentes nesse ano.

O ano de 2011 fica marcado por um acontecimento deveras estranho, que viria a conhecer desenvolvimento em edições seguintes, e cujos contornos ainda estão por destriçar. Passo a

explicar. Além de Félix J. Palma, autor de *O Mapa do Tempo* (Planeta), convidámos o americano Adrian Lacy, figura que me foi indiciada por um amigo ligado à epistolografia. Nascido em Boston, no ano de 1950, Lacy começou a sua carreira como bibliotecário, mas a paixão que tinha por mapas e documentos antigos rapidamente o levou a procurar outros caminhos. Trabalhou em diversos jornais

locais, na mesma localidade, foi tradutor e integrou o museu criptográfico da Agência Nacional de Segurança dos EUA (NSA). Um dos motivos que me suscitaram rapidamente o interesse foi a tarefa que tinha então entre mãos, a organização de uma antologia de correspondência inédita de grandes nomes da literatura, onde se encontrariam cartas de Ernest Hemingway, Adolfo Bioy Casares ou do português José de Almada Negreiros.

Acontece que, aproximando-se a data do FF, contactou por carta, desmarcando a sua presença, arrolando um rol de alegadas conspirações e terminando mesmo a sua justificação com um poema de Jorge Luis Borges, justamente «Os Conjurados», o último poema, homónimo do seu último livro:



OS CONJURADOS

No centro da Europa conspira-se.
O facto data de 1291.

São homens de distintas estirpes, que professam distintas religiões e falam distintos idiomas.

Tomaram a estranha resolução de ser razoáveis.

Decidiram esquecer diferenças e acentuar afinidades.

Foram soldados da Confederação e depois mercenários, porque eram pobres e tinham o hábito da guerra e não ignoravam que todas as empresas do homem são igualmente vãs.

Foram Winkelried, que crava no peito as lanças inimigas para que os seus companheiros avancem.

São um cirurgião, um pastor ou um procurador, mas são também Paracelso e Amiel e Jung e Paul Klee.

No centro da Europa, nas terras altas da Europa, cresce uma torre de razão e de firme fé.

Os cantões são agora vinte e dois. O de Genebra, o último, é uma das minhas pátrias.

Amanhã será todo o planeta.

Talvez o que digo não seja verdadeiro, oxalá seja profético.

Nos anos seguintes, recebemos outras cartas de Adrian Lacy, e até mesmo uma outra, em que um tal Edgar Fish Burroughs alegava que Lacy... estava morto. Enfim, um mistério por desvendar – se acreditarmos que esse é o destino de todos eles.

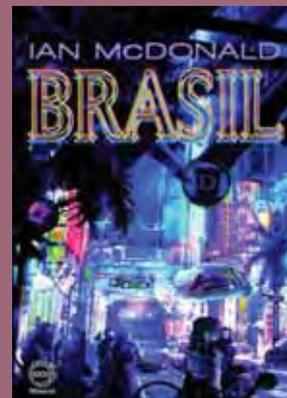
Mas regressemos ao nosso encontro anual. Em 2012, chegou Dan Wells, autor de *Sr. Monstro* (edição da Contraponto). E foi também o ano em que sinto consolidada a minha entrada para a organização do FF. Desafiado pela dupla que o organizava desde o início (Rogério Ribeiro e Safaa Dib), moderei uma mesa com Afonso e Cruz e Pedro Guilherme-Moreira. A edição encerrou com o episódio piloto daquele que viria a ser uma das mais estrondosas surpresas dos anos vindouros, *Capitão Falcão*, de João Leitão.



MISTURA FINA, RECHEIO ESPECIAL

Em 2013, ano em que as roupas de Angélica Elfic dominaram o visual *steampunk* que por lá se passou, o convidado estrangeiro foi Ian McDonald, homem divertido, autor de *Brasil*, lançado entre nós uns anos antes, em 2008, pela Asa. O Domingo terminou com uma sessão de autógrafos de Filipe Melo e Juan Cavia, histórica, porque não parecia querer terminar. A título pessoal, recordo intensamente a exposição de fotografia que ali levámos a cabo, resultado de um concurso lançado em parceria com a Cavalos de Ferro e a Sony. O tema foi a obra de Zoran Živković, o título foi *ZoranFrames* e o resultado das participações não ficou abaixo das expectativas.

De tal forma que, em 2014, a iniciativa se repetiria, desta vez por ocasião do centenário de Julio Cortázar. *CortázarFrames* encheu as paredes da sala de exposições da Biblioteca Orlando Ribeiro com imagens alusivas ao universo do autor de *Bestiário*. Mas esta será sempre uma edição que guardarei na memória com um carinho especial. As celebrações do centenário de Cortázar foram mesmo um dos pontos em destaque do FF, e (desculpem-me a imodesta personalização) tive o enorme prazer de trabalhar com o meu velho amigo Filipe Homem Fonseca para criarmos em tempo recorde (mérito dele, acreditem!) o *mockumentary Homem Ocupado* – *Em Casa de Cortázar*, uma homenagem ao autor e ao seu conto «Casa Ocupada». Depoimentos de António Mega Ferreira, do (então) eurodeputado Rui Tavares, de Filipe Melo e do maestro Vasco Pearce de Azevedo ajudaram-nos ao transporte para uma viagem alucinante.



Como se não bastasse, os trinta

anos do mais importante ciclo de Cinema de Ficção Científica já feito entre nós (uma parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a Cinemateca Portuguesa), “1984: O Futuro é Já Hoje?”, foi pretexto para uma conversa com Ruy Vieira Nery, da FCG. Como o destino também é fantástico e misterioso, duas semanas antes morreu Fernando de Mascarenhas, o Marquês de Fronteira, organizador dos primeiros encontros de História Alternativa em Portugal. A solução foi juntar à conversa João Barreiros (figura imprescindível em todos os FF, um dos autores do catálogo do referido ciclo e participante no ciclo do Palácio Fronteira). E que conversa, meus senhores. Depois, tudo ficou um ano em pousio, porque a Biblioteca Orlando Ribeiro entrou em obras. O FF regressaria em 2016.



TRÊS ANOS DE METAMORFOSE

Embora sem convidados estrangeiros, foram vários os momentos fora do habitual que recordo. Como a gravação do programa de rádio «Contos não Vendem», pela Joana Neves. Ou a sessão «Investigando Fantasia e Ficção Científica na FCSH», com académicos da Universidade Nova. Ou a conversa «Outra História, Outro Portugal», com Miguel Real, Miguel Vale de Almeida (estava agendado o André Morgado, que falhou por questões familiares), que, rapidamente resvalou para críticas mais ou menos evidentes à situação política e económica da nossa Europa, a real. Além disso, foi o ano em

que continuei uma aposta de 2014: passar videoclips temáticos de diferentes géneros de música. Afinal, era uma das expressões artísticas quase em falta no FF desde a sua génese. Melómano convicto, não podia deixar passar isso em branco.

O ano de 2017 foi uma edição com várias novidades. A habitual feira do livro que acompanha o evento viu-se instalada numa tenda, no pátio interior da biblioteca, libertando espaço no *foyer* junto ao auditório. Além disso, diversas bancas de artefactos e objectos de arte ou artesanato marcaram presença, numa edição que acolheu a Eurosteamcon 2017, da responsabilidade da Liga Steampunk de Lisboa (houve mesmo um concurso de *Cosplay*, com a então directora do Museu do Traje, Clara Vaz Pinto). Todo o edifício foi ocupado com actividades ao longo dos três dias.

Convidados estrangeiros, contámos com o britânico Mike Carey, argumentista de *X-Men*, *Batman* e *Lucifer* e autor de *A Rapariga que Sabia Demais*, bem como Linda Carey, com quem criou *The City of Silk and Steel*. Para debatermos Inteligência Artificial contámos com Leonel Moura (artista plástico), Luís Carlos (criador de Apps), Pedro Lomba e Manuel Lopes Rocha (advogados da



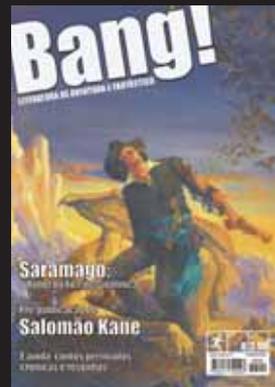
PLMJ). O bar funcionou em pleno com diversas iguarias, e o fim-de-semana terminou em cheio, com uma edição especial e ao vivo de «As Orelhas de Spock», de Filipe Homem Fonseca e Nuno Duarte.

Bom, e chegámos a 2018. Como imaginam escrevo antes de o FF deste ano decorrer – esta coisa de fazer revistas exige um tempo de produção que muitos desconhecem. Não se espantem, portanto, com duas coisas: primeiro, que vos fale no futuro de algo que, quase de certeza, quando pegarem nesta revista, já aconteceu. Segundo, caso alguém tenha tido um ataque cardíaco, não tenha feito em palco o brilharete que esperávamos. Se tudo correr pelo melhor, os convidados internacionais deste ano são nomes de peso. Entre eles, Chris Wooding (autor da série *A Teia do Mundo*, e de livros como

Por ROGÉRIO RIBEIRO

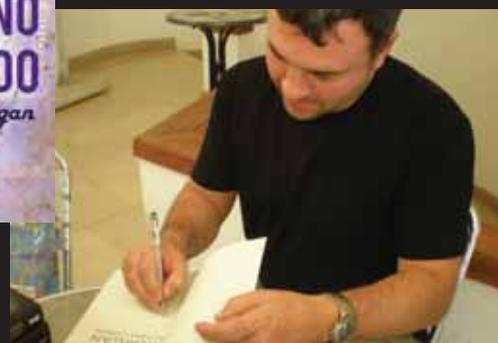
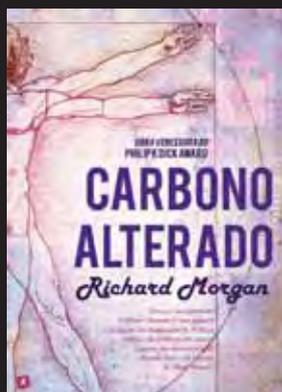
A HISTÓRIA DA SAÍDA DE EMERGÊNCIA NO FÓRUM FANTÁSTICO

A longa história da Saída de Emergência no Fórum Fantástico começou logo em 2005, na primeira edição do evento. Aliás, é também a história da própria revista BANG!, já que foi nesse FF2005 que foi lançada a sua famigerada edição número zero. Editada e produzida em contra-relógio por Rogério Ribeiro e Luís Corte Real, haveria de ser uma dupla surpresa para a assistência do Fórum Fantástico: para além da estreia em formato impresso, a primeira tiragem sofreu um erro na gráfica que fez com que desaparecesse todo o *lettering* da capa. Esses exemplares haveriam de ser substituídos por uma tiragem posterior ao evento, tornando a edição original numa curiosa raridade!



O ano seguinte veio mostrar a aposta da editora no novo evento. Para além de um novo lançamento da BANG!, já no número dois, foram vários os lançamentos em exclusivo de livros de autores internacionais com a presença dos mesmos: o britânico Christopher Priest com *O Prestígio* e o espanhol Rodolfo Martínez com *A Sabedoria dos Mortos*. Esteve programada a presença do norte-americano Harry Turtledove, para lançar *O Dilema de Shakespeare*, mas a morte de um familiar próximo acabou por ditar o cancelamento da sua presença. O FF2006 foi também palco do lançamento da primeira antologia de originais da SdE, *A Sombra sobre Lisboa*, editada por Luís Corte Real, ambientando os mitos de HP Lovecraft no passado, presente e futuro de Lisboa. Este volume foi também prova do papel catalisador do evento em novas iniciativas e colaborações do fantástico nacional: para realizar as ilustrações interiores foi convidado Miguel Vieira, um *concept artist* português radicado em França, que tinha sido um dos convidados do FF2005.

Continuando a relação do evento com as antologias da SdE, no FF2007 foi apresentada a antologia *A República nunca existiu*, editada por Octávio dos Santos. O Horror continuava a ser um tema importante na participação da editora, nomeadamente através de um painel com o vocalista dos Moonspell, Fernando Ribeiro, e o professor universitário José Manuel Lopes. Uma



O Ladrão da Tempestade ou *O Mistério de Alaizabel Cray*, todos publicados na Editorial Presença).

Lisboa vai ser um dos tópicos a abordar. A Lisboa que existe; a que poderia ter existido; a que poderá nunca existir; a que alguns criativos imaginam ou imaginaram. Como foi o caso de Nuno Artur Silva e António Jorge Gonçalves, quando há vinte e cinco anos lançaram *Ana*, que deu início à trilogia de BD do detective Filipe Seems. Este ano, celebramos a data com uma exposição (em frutuosa parceria com as Edições Asa, actualmente no Grupo Leya) e uma conversa com os autores.



Os duzentos anos da publicação de *Frankenstein*, de Mary Shelley, não podiam deixar de estar no centro das atenções, numa conversa que ajudará a perceber como toda a iconografia relacionada com esta figura está muito para além do Horror ou da FC, fazendo pontes com questões éticas, ou até mesmo religiosas. Várias abordagens ao universo da BD portuguesa, jogos de vídeo, jogos de tabuleiro, actividades de animação, *workshops* para diferentes escalões etários e muitas outras surpresas (que, quando lerem isto já não serão) completam a edição deste ano. E para 2019? Bom, podia desde já falar-vos sobre... desculpem, já não tenho espaço. **BANG!**



João Morales

Começou no jornalismo em 1993, no *Diário de Notícias*. Escreveu no *Correio de Domingo*, *A Capital*, *Gazeta de Lisboa*, *Meios & Publicidade*, *Media XXI* e *Os Meus Livros*, que dirigiu. Foi colaborador da revista *Time Out* (2016-2018). Programou o ciclo *Confesso que Li* (Almada; 2014-2017). Programou o festival *Livros a Oeste* (Lourinhã) e o ciclo *Viver (com) a Escrita* (em Santiago do Cacém). É um dos organizadores do Fórum Fantástico. Criou o ciclo *Recordar os Esquecidos* (2015-2017, na Livraria Alameda do Saldanha), o projecto *Literatura — Língua Comum*, para o Programa *Escolhas* (2013) e integrou o Júri do Prémio Nacional de Conto Manuel da Fonseca (2012-2017).



Rogério Ribeiro

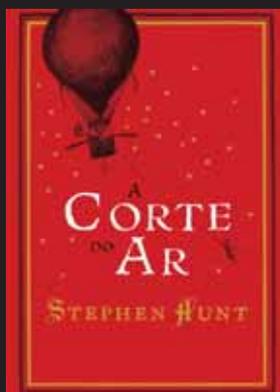
Investigador biomédico de profissão, o seu gosto pela Ciência alimentou, desde cedo, um fascínio pela Ficção Científica e pela Fantasia. Nessa vertente, escreveu e contou, editou antologias e revistas, publicou críticas, fundou e organiza eventos, entre os quais o Fórum Fantástico, um evento internacional anual sobre o Fantástico em todas as áreas criativas. Rogério Ribeiro pode ser normalmente encontrado com a cara nos livros, fones nos ouvidos e a cabeça na Lua.

sessão que ficou na história do evento como uma das mais concorridas. Foi também neste ano que se realizou o lançamento do romance *A Conspiração dos Antepassados*, de David Soares, marcando a produção literária em crescendo do autor.

No Fórum Fantástico 2008, David Soares lançou o romance *Lisboa Triunfante*. Nesse ano, a presença internacional voltou a ocorrer em colaboração com a SdE, com a vinda do britânico Richard Morgan, para lançar em pré-venda exclusiva o romance futurista *Carbono Alterado* (adaptado a série televisiva este ano). Foi também nesse ano que o Fórum Fantástico e a Saída de Emergência trouxeram pela primeira vez a Portugal o escritor norte-americano George R. R. Martin, já com o assinalável sucesso literário de *A Guerra dos Tronos*, mas ainda antes da explosão de popularidade que viria com a adaptação a série televisiva.

No ano seguinte não houve Fórum Fantástico, mas o retomar do evento em 2010 seguiu a mesma estrutura anterior. David Soares lançou no FF2010 a sua colectânea de contos *A Luz Miserável*, enquanto o britânico Stephen Hunt veio apresentar a versão portuguesa do romance *A Corte do Ar*, uma enérgica aventura de *steampunk*.

O FF2011 testemunhou o retorno das antologias da SdE, desta feita com *Os anos de Ouro da Pulp Fiction*, editada por Luís Filipe Silva e Luís Corte Real.



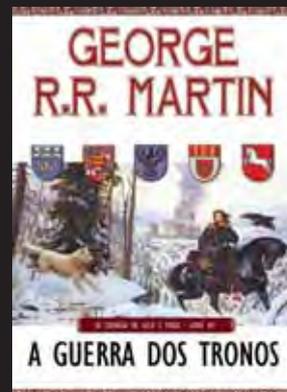
Uma edição anotada de forma tão convincente, que acabou por convencer muitos leitores de que se

tratava de uma recolha histórica! Foi ainda apresentado nesse ano o primeiro esboço de uma nova antologia a ser preparada pela SdE, dedicada ao *Electropunk*. Essa segunda antologia seria lançada no ano seguinte, precisamente no FF2012, como *Lisboa no Ano 2000*, editada por João Barreiros.

Em 2013, a BANG! volta a ter destaque na programação do Fórum Fantástico. Nesta altura já editada por Safaa Dib, foi assinalado o lançamento do número 15 em Portugal e do número 1 no Brasil. No FF2014, voltaria a ser *Lisboa no Ano 2000* a dar que falar, recebendo a Distinção do Público nos Prémios Adamastor.

Após mais um ano em que não houve Fórum Fantástico, devido a obras no auditório da Biblioteca Orlando Ribeiro, o FF2016 contou com a apresentação de *Galxmente*, de Luís Filipe Silva, reedição da SdE pela primeira vez num único volume. No FF2017, Luís Filipe Silva recebeu em conjunto com João Barreiros o Prémio Adamastor para Personalidades Fantásticas, precisamente por ocasião do lançamento pela SdE da versão actualizada do romance em mosaicos *Terrarium*.

Para além das várias participações na programação, a Saída de Emergência tem sido presença constante na Feira do Livro Fantástico, iniciativa realizada em todas as edições do Fórum Fantástico, numa colaboração que tem acompanhado a evolução do Fantástico em Portugal, de 2005 até hoje.





So Long, and Thanks for All the Fish

Visionário. Empreendedor. Marcante. Consensual entre os pares. Assim era conhecido Gardner Dozois, escritor, crítico e editor na área ficção científica e da fantasia, que faleceu em maio em Filadélfia.

Durante mais de cinquenta anos transformou o mundo da literatura. Trabalhou com autores como George R. R. Martin e Jack Dann, e deu voz a autores desconhecidos que de outra forma não veriam o seu trabalho reconhecido ou sequer publicado. Dizia que o seu amor pela ficção científica e pela fantasia começou na infância, como escape da vida numa pequena cidade (nasceu em Salem, Massachusetts).

Dozois é conhecido principalmente pelo seu papel de editor. Ganhou o prémio Hugo para Melhor Editor Profissional 15 vezes em dezassete anos, 40 prémios Hugo, 40 Nebula e 30 Locus. Para além do seu trabalho com a revista *Asimov's Science Fiction* (da qual foi editor durante praticamente vinte anos), trabalhou para revistas como *Galaxy Science Fiction*, *If*, *Worlds of Fantasy* e *Worlds of Tomorrow*. Editou dezenas de antologias, muitas delas dedicadas a temas específicos, como *Aliens!* (1980), *Ripper!* (1988), *The Legend Book of Science Fiction* (1991) ou *The New Space Opera* (2007). Em Portugal, o seu trabalho é visível nas várias antologias publicadas em parceria com George R. R. Martin: *Histórias de Vigaristas e Canalbas*, *Histórias de Aventureiros e Patifes*, *Mulheres Perigosas* e *Nada Enfurece Mais Uma Mulher*.

Desde 1984, foi responsável pela *The Year's Best Science Fiction*, uma antologia anual

É unânime que o principal contributo de Dozois para a ficção científica foi a sua extraordinária capacidade de selecionar (e editar) textos que fossem ao mesmo tempo excitantes de ler e uma reflexão para o futuro.



Gardner Dozois

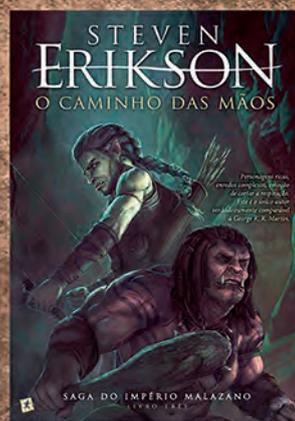
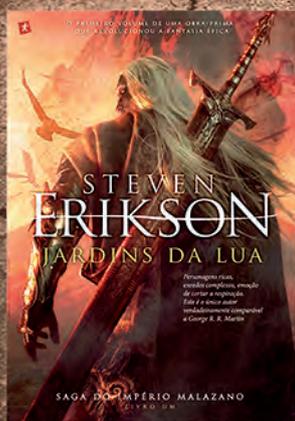
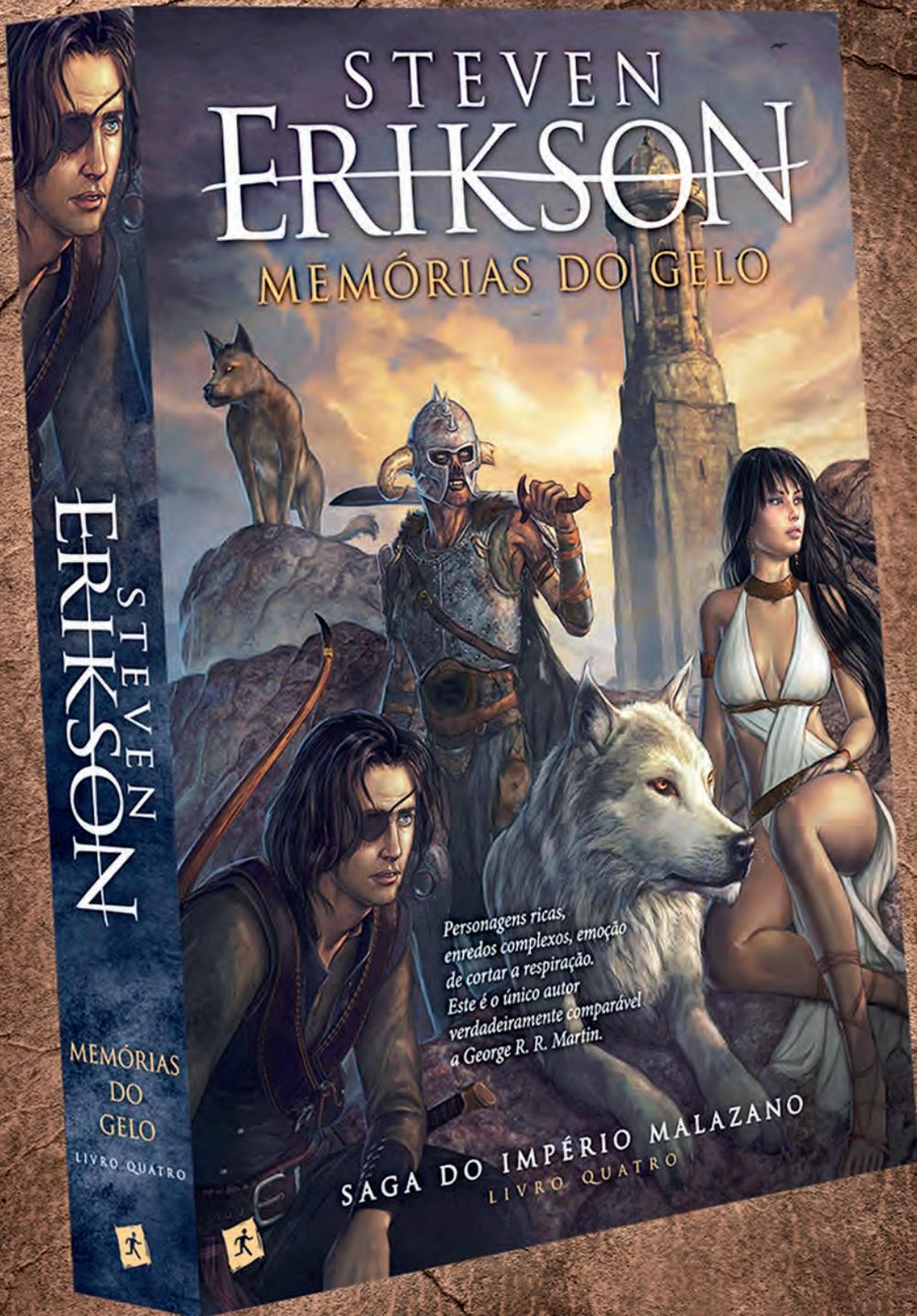
Julho 1947 – Maio 2018

que reúne o melhor na área da ficção científica e em que Dozois era o responsável pela extensa introdução que fazia a retrospectiva do ano.

O seu trabalho como editor levou a que a sua produção escrita se fosse reduzindo gradualmente. E Gardner Dozois era um excelente escritor. Começou a publicar em 1966, quando a sua história «The Empty Man» apareceu na revista *If*. O seu primeiro romance, *Nightmare Blue*, em coautoria com George Alec Effinger, foi publicado em 1975. E «A Special Kind of Morning», publicado em 1971 e nomeado para o prémio Nebula para Melhor Noveleta, é uma homenagem às histórias de ficção científica militar. Duas das suas histórias, «The Peacemaker» e «Morning Child», ganharam o Prémio Nebula para Melhor Conto em 1983 e 1984.

É unânime que o principal contributo de Dozois para a ficção científica foi a sua extraordinária capacidade de selecionar (e editar) textos que fossem ao mesmo tempo excitantes de ler e uma reflexão para o futuro. Mas para Dozois o reconhecimento do seu trabalho, visível nos prémios que recebeu, incluindo o World Fantasy Award (em parceria com George R. R. Martin pela antologia *Mulheres Perigosas*), era secundário. Como fazia questão de afirmar, os prémios pertenciam a todos os autores que tinha publicado. Muitos editores podiam dizer o mesmo, mas apenas Dozois o sentia verdadeiramente.

Os prémios nunca foram realmente importantes. Tudo o que importava era a ficção. **BANG!**

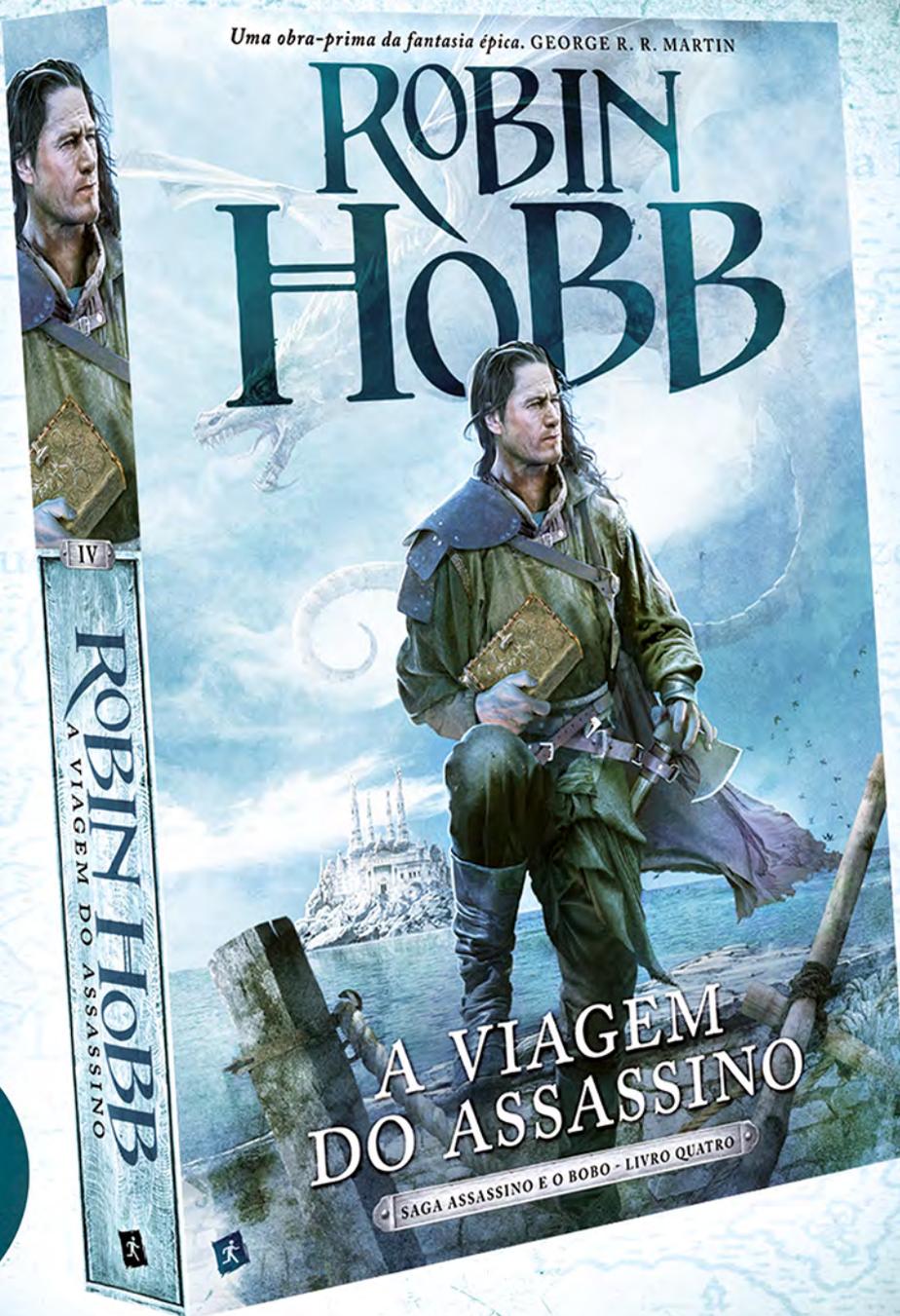


SAGA DO IMPÉRIO MALAZANO

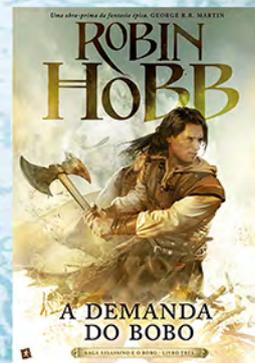
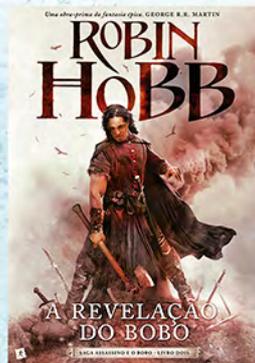
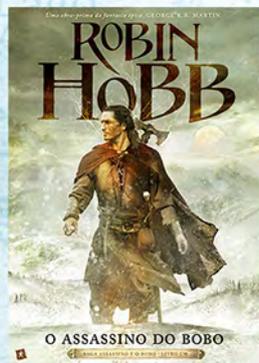
Personagens ricas, enredos complexos, emoção de cortar a respiração.
Este é o único autor verdadeiramente comparável a George R. R. Martin.

Uma obra-prima da fantasia épica. GEORGE R. R. MARTIN

ROBIN HOBB



Uma obra-prima da fantasia épica. GEORGE R. R. MARTIN



SAGA ASSASSINO E O BOBO

VENHA CONHECER OS MELHORES LIVROS DE LITERATURA FANTÁSTICA EM

WWW.SDE.PT

COLEÇÃO **BANGI**